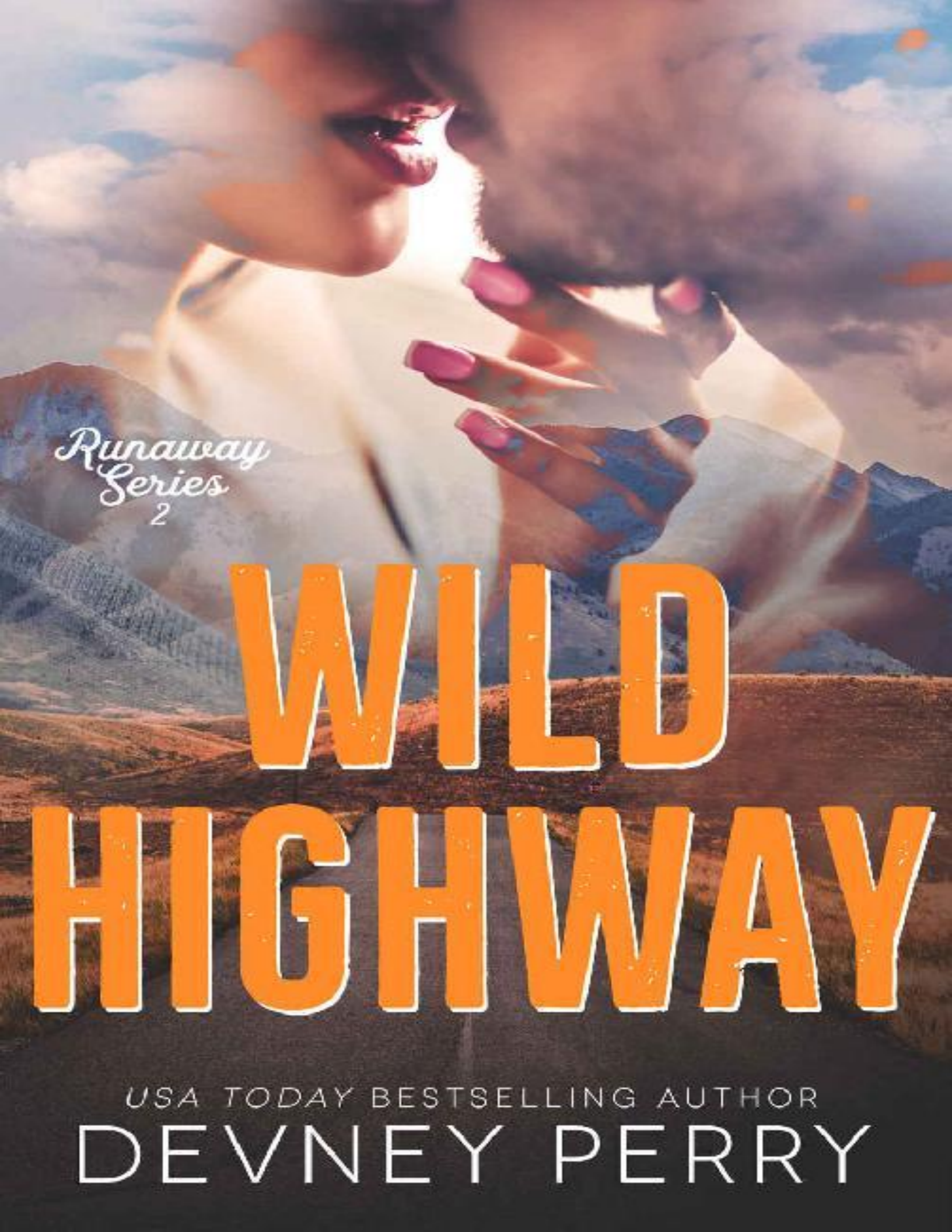
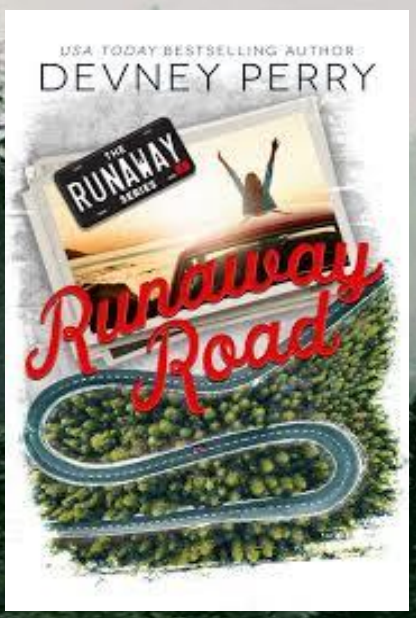
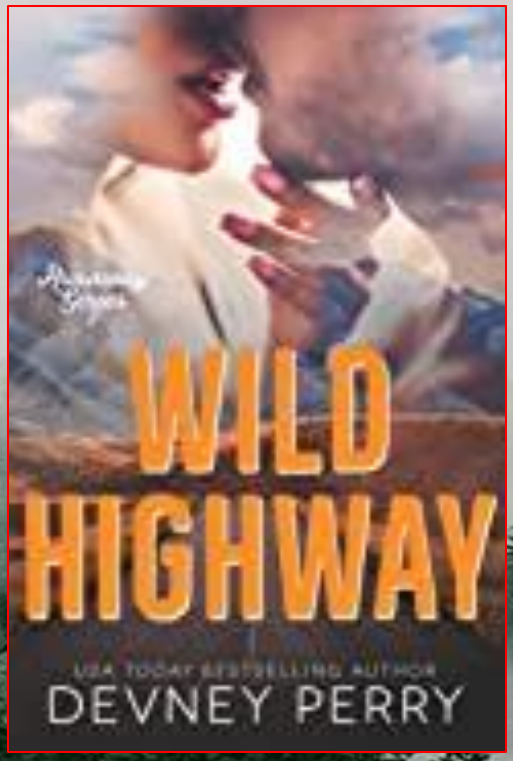
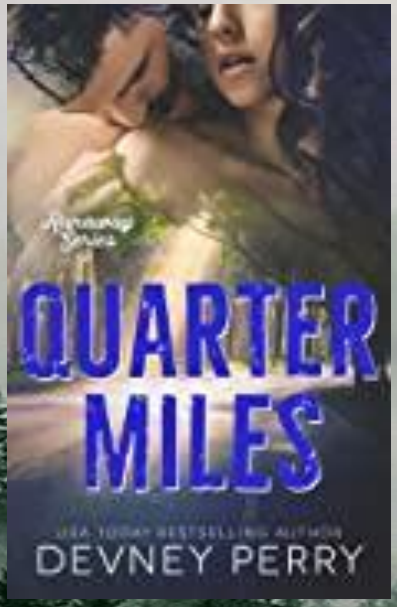

Runaway Series 2
WILD HIGHWAY
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
DEVNEY PERRY


Valkyrias
Traduções
THE
RUNAWAY
SERIES

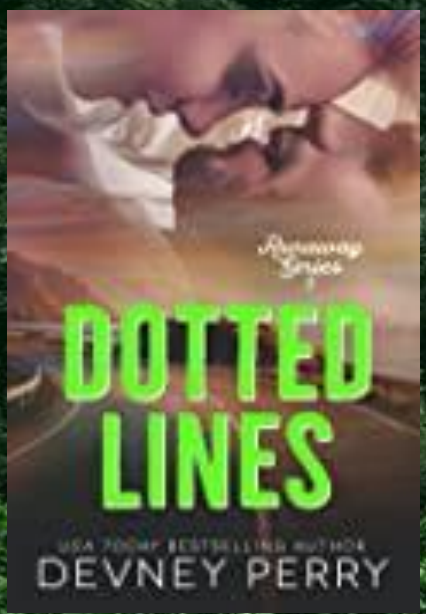
The Runaway Series











SINOPSE

Do USA Today, a autora do best-seller Devney Perry chega a uma pequena cidade, um romance de segunda chance.

Gemma Lane construiu um império. Não é pouca coisa, considerando que sua casa na adolescência era uma barraca improvisada em um ferro-velho da Califórnia. Ela dedicou sua vida para transformar centavos em milhões. Ela tem poder, fortuna e prestígio.

E ela está deixando tudo para trás.

Gemma está atravessando o país no Cadillac de sua melhor amiga quando um desvio em Montana a reúne com velhos conhecidos e um homem que não mudou. Easton Greer desafia-a a cada palavra e testa-a até ao limite porque não acredita que ela abandonou as suas riquezas. Ela ignora seus comentários sarcásticos e censuras murmuradas. Até o dia em que está pronta para retornar à estrada selvagem, e Easton a provoca para ficar.

Ela vai provar-lhe que não está só a voltar para a sua vida rica, que é mais do que o seu dinheiro. Ela vai abrir o seu coração guardado e esperar que desta vez, ele guarde a chave como um tesouro.

Capítulo Um

Gemma

— Desculpe, o que você disse? — Onde você está? Kansas? Dorothy e Toto? Esse Kansas? — A série de perguntas de Benjamin veio em seu estilo característico, rápido. — O que aconteceu com West Virginia?

— Eu estava em West Virginia, — falei ao telefone. — Agora estou no Kansas.

— M-mas por quê?

Eu não precisava ver seu rosto para saber que estava boquiaberto. Por muito tempo, Benjamin rastreou cada movimento meu. Ele ficou ao meu lado enquanto eu criava meu império e executava minhas diretivas com precisão. A rigidez da minha programação não era apenas para meu benefício, ele tinha administrado isso perfeitamente nos últimos seis anos.

Esta minha viagem iria assustá-lo como o inferno.

—Eu tenho algo importante para lhe dizer.

— Não. — Ele gemeu. — Ainda estou lidando com a bagunça que você me deixou da última vez que teve algo importante para me dizer.

—Desculpe. — Eu não pretendia sacudir seu mundo. Mas já que eu tinha torpedeado completamente o meu, as mudanças nele eram inevitáveis.

Três semanas atrás, chamei Benjamin em meu escritório e disse a ele que não era mais o CEO da Gemma Lane. Que vendi minha amada empresa de cosméticos e homônima para a Procter & Gamble. A corporação monstro comprou minha marca e fórmulas de cuidados com a pele pelo preço de doze milhões de dólares.

A venda foi uma decisão impulsiva. Eu não fiz isso, não mais. E desde então, estou esperando por um sinal de arrependimento. Ainda não tinha me atingido.

Em vez disso, me senti livre.

Vender Gemma Lane foi a primeira decisão espontânea que tomei em anos. As comportas estavam abertas agora e nas últimas três semanas inúmeras decisões foram tomadas inteiramente com motivações pessoais.

Por onze anos, eu dei cada fragmento de minha concentração e energia para meus negócios. Eu trabalhei pra caramba para ter certeza de nunca ser pobre, sem-teto ou ter fome novamente. Eu vivi minha vida com extremo controle, excluindo qualquer emoção adicional que não aumentasse meus resultados financeiros.

Então eu simplesmente. . . fui embora.

Tudo por causa de um almoço de macarrão e pãezinhos com uma ex-colega.

Eu recebi um telefonema aleatório de minha amiga Julie. Ela havia trabalhado comigo vendendo imóveis anos antes e nós

mantivemos contato vagamente ao longo dos anos. Nenhuma de nós tinha permanecido no mercado imobiliário e, embora eu tivesse escolhido criar minha própria empresa, ela havia trabalhado para galgar posições executivas na Procter & Gamble.

Nós nos encontramos para almoçar para comemorar sua recente promoção. E ela me perguntou, à queima-roupa, se algum dia eu venderia Gemma Lane. A palavra sim veio do nada, chocando nós duas. Negociamos durante a refeição e Julie levou meu número de linha de fundo para seus superiores.

Cinco horas depois, eu tinha o contrato legal em minha caixa de entrada.

Minha vida voou pela janela, como uma resma de papel sendo jogada do meu escritório no décimo quarto andar em um dia de vento. Benjamin estava tentando pegar as páginas e empilhá-las ordenadamente de novo, mas eu simplesmente continuei jogando mais.

— Vou demorar um pouco, — disse a ele.

— Em West Virginia. Você deveria estar em West Virginia visitando Londyn. Espere, que barulho é esse? Você está dirigindo?

—Sim. Sobre isso... — Minha melhor amiga Londyn era a razão de eu estar neste carro. — Eu estava em West Virginia visitando Londyn. Mas lembra no ano passado quando eu disse que ela estava pegando seu Cadillac e levando-o para a Califórnia?

—Eu lembro. Exceto que ela conheceu Brooks em West Virginia e se casou com ele. O que isso... — Benjamin parou. Ele era um homem brilhante e normalmente nossas conversas eram

assim, eu começava a explicar e ele ia até o fim antes que eu pudesse terminar minha história. — Não. Diga-me que você não vai levar este carro para a Califórnia.

— Eu mesma vou levar o carro para a Califórnia.

— Você está falando sério? Você está dirigindo de West Virginia para a Califórnia? Sozinha?

—Sim, sim e sim. — Prendi a respiração quando a linha ficou em silêncio.

—Você realmente perdeu a cabeça.

Eu ri. —Você não está errado.

— Gemma, o que está acontecendo com você? — A preocupação em sua voz puxou meu coração. — Esta é a crise dos trinta anos? Devo ligar para o Dr. Brewer?

—Não. — Eu não precisava do meu terapeuta se envolvendo. O Dr. Brewer desenterraria o passado, e minha infância era a última coisa que eu queria discutir no momento. — Era apenas hora de uma mudança.

—Uma mudança? Isso não é uma mudança. Esta é uma explosão nuclear. Você vendeu a empresa. Seu bebê. Gemma Lane era sua vida. Você estava lá das cinco da manhã às oito da noite, todos os dias. Agora acabou.

Eu balancei a cabeça, esperando que ele continuasse. Esta não foi a primeira vez que ele me lembrou exatamente o que eu fiz. No entanto, ainda não sentia que havia cometido um grande erro.

— Duas semanas atrás, você me entregou uma lista inteiramente nova de tarefas, incluindo administrar todos os seus

ativos e empreendimentos de capital enquanto você desaparecia em West Virginia. Agora você está dirigindo para a Califórnia? Esta não é você.

— Mas costumava ser, — eu disse.

Eu costumava ser impulsiva e aventureira. Dinheiro e sucesso foram os culpados pela cautela que invadiu minha vida. Um mês atrás, eu tinha centenas de funcionários contando comigo para tomar as decisões certas. Eles precisavam que eu tomasse cuidado com minhas ações para garantir que eles tivessem empregos. Ao me preocupar com eles, por horas, dias, anos eu me perdi.

Agora, esses funcionários estariam trabalhando para a Procter & Gamble. Fazia parte do meu acordo que cada um dos meus funcionários tivesse um futuro emprego. Exceto Benjamin. Ele sempre trabalhou para mim pessoalmente.

— Eu preciso disso, — confessei. — Eu costumava ser divertida. Eu costumava ser ousada e imprudente. Você nem mesmo reconheceria essa minha versão.

Benjamin só conhecia a Gemma consumida pelo trabalho. Ele não me conhecia sem as reuniões, teleconferências e galas. Ele não viu que os bailes de caridade que eu amava, aqueles em que eu sorria enquanto bebia champanhe porque a elite de Boston tinha deixado uma garota humilde e fugitiva entrar no meio deles, agora estavam sufocantes e maçantes.

— De onde vem isso? — Benjamin perguntou. — Não estou acreditando na explicação de 'eu precisava de uma mudança'. Algo aconteceu e você não me contou.

Sim, algo tinha acontecido e eu não tinha contado a ninguém, nem mesmo a Londyn. — Lembra de Jason Jensen?

— O cara que trabalhava com marketing?

—Sim. Ele me pediu em casamento.

—O que? — Ele gritou, o volume me fazendo estremecer. — Quando? Há quanto tempo você está namorando? Como eu não sabia sobre isso?

— Namoramos por alguns meses. Obviamente, não contamos a ninguém porque eu era a chefe do seu chefe. Concordamos em ficar calados, e não pensei que estávamos falando sério. Mas então, uma noite, cerca de um mês atrás, ele me levou a este restaurante chique, se ajoelhou e fez uma proposta.

— Oh, Gemma. Eu sinto muito. — Como sempre, Benjamin pulou para o final da minha história.

— Não tenha pena de mim. Tenha pena de Jason. Ele era doce, bonito e gentil. Mas eu apenas... Eu não poderia dizer sim. Eu não o amava.

Então, em um restaurante cheio de gente assistindo, eu quebrei o coração de um bom homem.

— É por isso que ele desistiu, — disse Benjamin.

—Sim.

No dia em que Jason saiu, eu sentei em meu escritório sozinha, dando-lhe espaço para arrumar suas coisas e dizer adeus aos seus colegas de trabalho. Eu olhei para fora da minha parede de janelas e desejei tê-lo amado.

Ele era gentil e atencioso. Jason não me odiava por recusá-lo, ele simplesmente não poderia trabalhar para mim por mais tempo. Eu não o culpava por isso. Ele amou de forma altruísta, sem reclamar que eu estive sob os holofotes.

E eu não senti nada além de culpa.

— Ele simplesmente não era o cara certo, — disse Benjamin. — Isso não significa que você teve que vender sua empresa, seu carro e sua casa. Você desistiu de sua vida.

— Era realmente uma vida tão boa?

Ele suspirou. — E agora?

— Estou fazendo uma viagem neste carro incrível. Então... eu não sei. — A maioria dos meus pertences foi doada para instituições de caridade ou guardada. Minha casa eu vendi mobiliada. O que eu tinha cabido no porta-malas desse carro, e por hoje, era o suficiente.

Eu lidaria com amanhã, bem... amanhã.

—O que eu posso fazer?

Eu sorri. Talvez Benjamin não entendesse o que eu estava fazendo, mas ele me apoiaria, mesmo assim. —Exatamente o que você está fazendo.

Ele estava gerenciando meus ativos, pagando minhas contas e lidando com quaisquer questões que surgissem em meus outros empreendimentos comerciais. Era todo o trabalho que eu tinha feito antes da venda. Era o segundo trabalho que eu não precisava, mas algo para preencher as noites solitárias. O trabalho sempre foi meu forte.

Agora eu entreguei para Benjamin.

Já que ele não precisava mais gerenciar meu calendário agitado e atividades em Gemma Lane, ele cuidaria de minhas inúmeras propriedades imobiliárias, agindo como um elo de ligação com a empresa de administração de propriedades que eu contratei anos atrás. Benjamin entraria e seria o intermediário com meus gerentes financeiros.

Os restaurantes que precisaram do meu influxo de dinheiro para começar a funcionar eram agora alguns dos melhores de Boston. Eles funcionaram no piloto automático. Eu tinha uma participação em uma concessionária de automóveis, que vendia luxo estrangeiro em oposição à clássica americana que eu dirigia no momento. E também era sócia de uma empresa de design de moda, aquela que desenhou o suéter preto que eu estava usando no momento, junto com um punhado de outros embalados em minha mala.

Benjamin garantiria que recebêssemos relatórios regulares de lucros e perdas de meus investimentos junto com meus dividendos anuais e, em seguida, me alertaria sobre qualquer sinal de alerta.

—Tudo bem, — disse ele. —Vai ficar em boas mãos até você voltar.

Mordi a língua, porque conforme a estrada aberta se estendia diante de mim, havia uma boa chance de não voltar. Eu estava em um novo caminho agora. Para onde estava indo, não tinha certeza. Mas a emoção, a liberdade, era algo que eu não sentia há muito, muito tempo.

— Ligue se precisar de alguma coisa. E, Benjamin?

—Sim?

—Obrigada.

—Dirija com segurança.

Joguei meu telefone de lado e coloquei as duas mãos no volante branco.

O Cadillac DeVille, conversível, 1964, vermelho cereja de Londyn era um sonho de dirigir. O carro navegou pela interestadual, as rodas deslizando sobre o asfalto enquanto o corpo cortava o ar.

Ela pagou uma pequena fortuna para restaurar este carro da pilha enferrujada que ele havia sido. Os assentos rasos e planos se foram. Eles foram substituídos por almofadas grossas cobertas com couro branco amanteigado que combinava com a roda. O ar-condicionado evitava que a cabine esquentasse muito e, quando eu queria ouvir música forte, o sistema de som era ensurdecedor.

A aparência deste carro era diferente, mas o interior sempre pareceria a casa de Londyn. Como um naufrágio antigo e abandonado destinado à pilha de sucata, Londyn escolheu este Cadillac como seu abrigo em um ferro-velho que chamávamos de casa.

O ferro-velho em Temecula, Califórnia, onde Londyn, quatro outras crianças e eu moramos depois de fugir de nossas respectivas casas.

Nós seis tínhamos feito nossa própria família naquele ferro-velho. Eu não morava em um carro, em vez disso, escolhi construir

para mim uma barraca improvisada. Eu tentei convencer Londyn a fazer uma barraca ou estrutura também para que ela tivesse mais espaço, mas ela se apaixonou pelo carro.

E por Karson.

Ele morou neste carro com ela enquanto eles estavam juntos. Londyn não o via desde que nos mudamos da Califórnia, mas ele foi a razão pela qual ela decidiu levar este carro para a Califórnia em primeiro lugar.

Karson sempre teria um lugar especial em seu coração. Ele foi o seu primeiro amor. Ele tem sido nosso amigo. Ele sempre teve um lugar especial na minha também. Londyn queria que ele ficasse com este carro e o visse restaurado à sua antiga glória. Isso, e acho que ela queria saber se ele estava bem.

Se entregar o Cadillac para ele a deixaria feliz, eu ficaria feliz em dirigir quilômetros.

E eu poderia usar o tempo para descobrir meu próximo passo.

Descobrir quem eu queria ser.

Eu me olhei no espelho retrovisor. Meu cabelo castanho chocolate estava preso em um nó bagunçado no topo da minha cabeça. Não me preocupei com a maquiagem no meu quarto de hotel esta manhã. Eu parecia muito diferente da magnata corporativa que era no mês passado.

Longe estavam o chique e o polido. Eles estavam em algum lugar nos quilômetros atrás de mim, espalhados pela interestadual.

Tinha deixado West Virginia dois dias atrás, seguindo o conselho de Londyn de não apressar a viagem. No primeiro dia,

dirigi por seis horas antes de parar em Louisville, Kentucky, para passar a noite. Jantei sozinha, o que não é incomum para mim, então fui para a cama. No dia seguinte, cruzei para o Missouri para uma parada em Kansas City. Então, esta manhã, acordei revigorada e pronta para pegar a estrada.

Então, aqui estava eu, horas depois, no meio do Kansas em um dia quente de setembro.

Campos planos se espalhavam como um oceano dourado em todas as direções, apenas perturbados por um celeiro ou edifício ocasional. A estrada se estendia em uma linha interminável à minha frente e raramente eu tinha que virar o volante. O tráfego na interestadual estava lotado de caminhões transportando cargas por todo o país.

Conforme o dia passava, me descobri relaxando com o zumbido dos pneus no asfalto. Observei a paisagem e suas mudanças sutis enquanto me aproximava da fronteira com o Colorado. E respirei.

Respirei verdadeiramente.

Não havia e-mails para retornar. Nenhuma chamada para atender. Nenhuma decisão a ser tomada. Benjamin lidaria com qualquer emergência que surgisse. Felizmente, a partir de agora, eu era a sócia silenciosa.

Afastar-se da minha vida foi relativamente fácil.

O que isso significava? O que significava que a única pessoa que me ligou desde que saí de Boston foi meu empregado pago?

Perdida na minha cabeça, levei um momento para perceber o flash de luzes vermelhas e azuis correndo atrás de mim. Quando sua cintilação chamou minha atenção, meu coração saltou para a minha garganta e meu pé saiu do acelerador instantaneamente. Minhas mãos agarraram o volante em dez para duas, enquanto eu olhava para o velocímetro.

—Merda. Não me pare. Por favor, por favor, por favor. — A última coisa de que precisava era outra multa por excesso de velocidade.

O carro da polícia disparou para a faixa de passagem e passou rapidamente. O ar saiu correndo dos meus pulmões e eu o observei desaparecer na estrada à frente.

Graças a Deus. Eu ajustei o controle da viagem exatamente para o limite de velocidade.

Por que sempre acelerava? Quando o limite era setenta e cinco, por que o pressionei para oitenta e nove? Quando eu aprenderia a desacelerar?

Eu nunca me destaquei em ir devagar ou levar o meu tempo. Eu sempre me esforçava vinte vezes mais do que os outros porque não tinha uma educação da Ivy League ou uma linhagem familiar em que confiar. Mas me dê um dólar e eu o transformaria em dez por pura vontade e determinação. Eu trabalhei duro e rápido, algo que vinha fazendo desde que fugi de casa aos dezesseis anos.

Se você queria sobreviver nas ruas, não poderia agir devagar. Eu descobri rapidamente como cuidar de mim

mesma. Concedido, eu tive ajuda. No começo, Karson foi minha salvação.

Ele e eu morávamos no mesmo bairro de merda. Quando criança, ele caminhava comigo para a escola e brincava comigo no parque do bairro. Foi um milagre que nenhum de nós tenha contraído tétano do balanço. Sempre que eu corria da minha casa chorando, muitas vezes o encontrava naquele parque, evitando sua própria casa.

Karson era meu amigo mais próximo. No dia em que ele não apareceu na escola, fui procurá-lo. Quando espiei pela janela e vi que sua mochila estava faltando, sabia que ele finalmente teve o suficiente.

Quando atingi o mesmo ponto de ruptura, o procurei. Não havia muitas outras opções. Karson já havia feito do ferro-velho sua casa. Então ele ajudou a torná-lo meu.

Um mês depois, apareceu Londyn. Eu a encontrei vasculhando uma lixeira atrás de um restaurante, pegando um pedaço de alface murcha de um sanduíche e realmente abrindo a boca para comer a maldita coisa. Eu engasguei lembrando daquele fedor.

Eu arranquei aquele sanduíche da sua mão e joguei de volta no lixo onde ele pertencia.

Éramos melhores amigas desde então.

Depois de salvá-la do sanduíche, eu a arrastei para o ferro-velho, fiz uma pasta de amendoim com geleia e a apresentei a Karson. Levaram três meses para finalmente admitir que gostavam

um do outro. E mais três meses antes de Karson começar a passar as noites em seu Cadillac.

Muita coisa mudou desde então. A vida havia nos separado, embora Londyn e eu sempre tivéssemos sido amigas. Nós duas passamos anos morando em Boston, nos encontrando para drinques e manicures semanalmente. Mas Boston não estava bom, para nenhuma de nós.

Fiquei feliz por ela ter encontrado Brooks e uma casa em West Virginia. *Os outros também encontraram a felicidade?* Alguns anos atrás, movida por curiosidade ou nostalgia ou ambos, eu contratei um investigador particular para procurar todos. Levou alguns meses desde que eu não tinha dado a ele muito para começar além de nomes, mas ele os encontrou. Karson ainda estava na Califórnia, Clara no Arizona e Aria no Oregon.

E Katherine estava em Montana, onde a deixei para trás.

O som do meu telefone tocando me assustou e me estiquei para agarrá-lo do banco do passageiro, vendo o nome de Londyn na tela.

— Estava pensando em você, — eu respondi.

— Boas coisas?

— Estava pensando em como nos conhecemos.

— Você quer dizer como me salvou de intoxicação alimentar e fome total?

Eu ri. — Sim.

— Ah, bons tempos. — Ela riu. — Como está a viagem?

No fundo, ouvi seu marido, Brooks. — Pergunte a ela se o carro está funcionando bem.

— Você o ouviu? — Ela perguntou.

— Sim. Diga a ele que está indo bem.

— Ela diz que há um som de batida estranho a cada poucos minutos. E se ela coloca muita gasolina ao mesmo tempo, o carro inteiro dá uma guinada.

— O que? — Sua voz ecoou no meu ouvido. — Acabei de ajustar. Dê-me esse telefone.

Eu ri com o som dela batendo nele.

— Estou brincando, — ela disse a ele. — O carro está bem. Agora saia para que possamos conversar. Ellie precisa trocar a fralda. Guardei apenas para você.

— Puxa, obrigado, — ele murmurou. Pelo telefone, reconheci o som de um beijo suave.

Ciúme seria fácil se eu não estivesse tão feliz por ela.

— Onde você está? — Ela perguntou.

— Eu atravessei o Colorado cerca de trinta quilômetros atrás. Espero chegar a Denver hoje à noite. Então, talvez amanhã, faça um longo alongamento e veja se consigo chegar a Las Vegas.

Londyn suspirou. — Não tenha pressa, Gem. Por que você não fica no Colorado por uma semana? Explore e relaxe.

— Talvez. — *Eu sabia mesmo como relaxar?*

— Quando foi a última vez que você tirou um fim de semana?

— Hum... — Não foi nos últimos anos. — Montana, eu acho.

— Isso foi... o que? — Há menos de alguns anos? Eu diria que você está atrasada, — ela disse. — Então estava pensando nos dias de ferro-velho, hein? Por quê?

— Não sei. Relembrando, eu acho. Querendo saber para onde vou depois desta viagem. As coisas estavam difíceis, mas a vida parecia mais fácil na casa de Lou.

Lou Miley era o dono do ferro-velho onde nós seis morávamos. Ele era um homem solitário e rude. Hostil e irritável. Mas ele nos deixou ficar sem questionar.

—Você está bem? — Perguntou Londyn. —Eu deveria estar preocupada?

— Não, — eu prometi. — Estava pensando em como todos nós nos dispersamos. Todos, menos Karson. Eu me pergunto como todo mundo está. —Você ainda está chateado com a coisa da Katherine, não é?

—Estraguei tudo.

Londyn suspirou. — Você tinha dezenove anos e agarrou a oportunidade de ganhar algum dinheiro. Eu duvido muito que ela use isso contra você. Considerando de onde todos nós viemos, Katherine, acima de todas as pessoas, não poderia culpá-la por querer melhorar sua vida.

—Eu não sei, — murmurei.

Eu quebrei uma promessa a uma amiga próxima. Eu a abandonei, escolhendo dinheiro ao invés dessa promessa e a decisão me assombrava desde então.

Este era um novo começo para mim. Não havia nada me segurando. Londyn queria que eu tirasse férias atrasadas. Talvez o que realmente precisasse antes de poder me concentrar no futuro, era pedir desculpas atrasadas por um erro do passado.

Uma ideia surgiu em minha mente, chamando e exigindo alguma atenção. Era como uma luz piscando, que continuaria piscando até que eu desse o meu foco. Esse sentimento era familiar e, normalmente, significava outro empreendimento comercial de sucesso.

Mas não desta vez.

Essa ideia não tinha nada a ver com dinheiro.

—Você se importaria se eu demorasse mais do que o planejado para levar o Cadillac para Karson? — Porque minha intuição estava gritando para que eu fizesse um grande desvio.

— Não, — ela disse. — É sua viagem. Aproveite ao máximo.

— Ok. — Eu sorri. —Obrigada, Lonny.

—Claro. Ligue-me logo.

—Tchau. — No momento em que encerrei a ligação, puxei meu mapa digital e marquei um novo destino.

Essas decisões espontâneas das últimas semanas de repente fizeram sentido. Elas tinham um propósito. Tinham significado. Elas deveriam me trazer aqui, neste momento.

Eu estava tentando consertar um erro. Para me encontrar novamente.

Na estrada selvagem.

Capítulo Dois

Gemma

Eu tinha esquecido a majestade de Montana. Eu tinha esquecido o quão vasto era o Estado. Como as paisagens mudavam de pradaria selvagem para floresta acidentada enquanto você viajava de um lado para o outro.

A última vez que viajei por Montana, foi em um ônibus com destino a Boston. Naquela época, eu amaldiçoei o motorista por fazer a viagem em um ritmo tão lento. Desta vez, eu me permiti encontrar desculpas para desacelerar.

Nos últimos cinco dias, fiz um esforço consciente para dirigir sem pressa. Principalmente para evitar uma multa. Mas também havia uma parte de mim nervosa por ver Katherine novamente, e essa ansiedade me deu muitas desculpas para parar no caminho.

Minha jornada me levou para o norte, através do Colorado e Wyoming. Eu passei a noite passada em Missoula, não querendo chegar ao rancho na hora do jantar. Sério, eu era uma covarde e precisava de mais uma noite para reunir coragem para o que estava prestes a fazer.

Então fiquei na cidade e encontrei um salão de beleza barato para uma manicure de última hora. Esta manhã, cuidei da minha aparência, indo para o tratamento de maquiagem e adicionando ondas soltas ao meu cabelo comprido.

A calça jeans esfarrapada que eu estava usando repetidamente foi trocada por um par de skinny de lavagem escura. Meu suéter

verde realçava as manchas caramelo em meus olhos castanhos e minhas botinhas bronzeadas tinham salto suficiente para levar minha roupa de casual a chique.

Ainda assim, queria um de meus ternos de grife.

Eu usava blazers, saias lápis e saltos de 15 centímetros, quase exclusivamente, na última década. Desde que deixei West Virginia, meu traje descontraído de jeans, suéteres grandes e sandálias tinha sido um ajuste. Não me sentia preparada. Poderosa.

Meu guarda-roupa em Boston se tornou uma espécie de armadura. Quando entrava no escritório de terno, meu cabelo preso em um coque apertado, ninguém questionava quem estava no comando. Eu precisava daquela armadura hoje, um pouco da velha Gemma para me ajudar a superar isso.

Mas os ternos estavam todos guardados. Hoje, eu tinha que enfrentar isso sem ares. Eu ficaria vulnerável. Humilde. Sincera. Porque hoje não se tratava de conquistar o mundo ou ter lucro. Hoje era sobre como acertar as coisas com uma amiga.

As árvores ao longo da estrada estavam mudando. Folhas totalmente amarelas e laranja surgiram contra um pano de fundo perene. O ar de outono estava fresco e, se eu não tivesse gasto um tempo no meu cabelo esta manhã, eu teria dirigido com a capota do conversível abaixada.

Os quilômetros desapareceram rápido demais e quando a primeira placa do *Greer Ranch and Mountain Resort* apareceu, meu estômago deu um salto mortal.

Eu poderia fazer isso. Eu tinha que fazer isso. Não tinha pedido muitas desculpas, ultimamente. Por arrogante que fosse, fiz o possível para não estragar tudo e, na maior parte do tempo, tinha um bom histórico.

Isso machucaria meu ego, mas valeria a pena.

Saí da rodovia, meu coração batendo forte, e atravessei a estrada de cascalho que ia da rodovia em direção ao chalé. Estar aqui, nesta estrada, me levou de volta a outra vida. Lutei para manter meus olhos na estrada enquanto observava tudo. As montanhas. Os prados. Os edifícios surgindo depois de um bosque de árvores.

Era exatamente como eu lembrava. Na década passada, o *Greer Ranch* não parecia ter mudado.

O chalé era um edifício rústico de toras de madeira e o ponto focal para os hóspedes, ou era quando eu trabalhava aqui. Atrás dele havia um celeiro enorme ao lado de um estábulo duplamente enorme.

Todos os três eram da mesma cor castanha intensa. As janelas do chalé brilhavam ao sol da manhã em Montana. Crisântemos marrons e dourados derramavam-se de um barril de uísque tombado ao lado dos degraus da frente. Três cadeiras de balanço de madeira estavam posicionadas à esquerda da porta da frente entalhada à mão.

Uma vez limpei essas janelas. Plantei flores naquele barril. Balancei em uma daquelas cadeiras e entrei pela porta da frente.

Katherine foi quem escolheu Montana. Ela encontrou empregos para nós neste rancho quando Londyn e eu concordamos em ir junto. Nós três empacotamos nossos parcos pertences, compramos passagens de ônibus e esperamos que ela fizesse dezoito anos. Então nos despedimos de Karson, Clara, Aria e nosso amado ferro-velho, partindo da Califórnia para Montana em um ônibus Greyhound porque ansiávamos por aventura. Não por dinheiro, poder ou fama, mas por uma experiência que valesse a pena ser contada.

Estávamos tão animadas. Tão ansiosas. Estávamos tão livres.

Não, nós não. Eu. Eu estava animada, ansiosa e livre.

Em algum lugar ao longo do caminho, aquela garota de dezoito anos se perdeu.

Estacionei o Cadillac em um dos espaços para hóspedes, não designado por um meio-fio, mas por um poste de engate antiquado. Minhas mãos de repente pareciam gelatina e precisei de todas as minhas forças para estacionar o carro.

Era tarde demais para voltar?

Sim.

Eu estava aqui e caramba, estava fazendo isso. Com meus olhos fechados, eu respirei fundo para me acalmar e soltei um suspiro audível. *Quando foi a última vez que fiquei tão nervosa?*

Inclinando-me pesadamente na porta, a empurrei para abrir. Minha bolsa ficou no banco do passageiro porque não havia roubo de pequenas coisas no Rancho Greer. Os convidados aqui não precisavam roubar e eu duvidava que algum funcionário ousasse

cruzar os Greers, eles eram muito respeitados e isso provavelmente não tinha mudado.

Engoli o nó na garganta e comecei a caminhada até a varanda. Meus dedos agarraram o corrimão de madeira enquanto minhas pernas instáveis subiam os cinco degraus. Então, com outra respiração instável, girei a maçaneta da porta e entrei.

O cheiro de cedro e canela encheu minhas narinas. Alguém havia acendido uma fogueira na lareira. Os sofás ao redor da lareira e da chaminé de pedra eram do mesmo couro chocolate. As almofadas xadrez pareciam novas.

Eu inclinei meu queixo para ver as vigas de madeira do teto abobadado. Uma escada larga e extensa corria à minha direita e outra à esquerda, ambas da mesma cor de madeira do chão. Bem na minha frente estava a recepção, atualmente desocupada. E atrás de mim, acima da porta, estava um busto de alce de oito pontas montado.

Clive.

Londyn, Katherine e eu carinhosamente batizamos o alce de Clive um mês após nossa chegada. Nenhuma de nós jamais tinha visto um animal taxi dérmico antes de Clive, e pensamos que ele merecia um nome.

Eu sorri feliz por ele ainda estar aqui. Feliz que, além de pequenas mudanças, este lugar não mudou.

Foi como voltar no tempo, aos dias em que meu eu mais jovem tinha duas melhores amigas e ambições maiores que o céu.

Este quarto não mudou.

Mas a mulher de pé com certeza tinha.

Fui até o balcão, espiando um sino de serviço de prata que não estava lá antes. Toquei meu dedo no êmbolo e a campainha ecoou pela sala.

—Um minuto! —Uma voz chamou do corredor que corria atrás da escada à minha esquerda. Um minuto foi na verdade dez segundos. Um lampejo de cabelo branco chamou minha atenção primeiro, quando uma mulher apareceu, secando as mãos em uma toalha branca.

— Bom dia. — Ela sorriu e meu coração derreteu.

Eu senti falta daquele sorriso.

— Bom dia, — eu disse, rezando para que ela me reconhecesse. Embora eu não a culpasse se ela não o fizesse. Eu só trabalhei aqui há oito meses, onze anos atrás. Os Greers provavelmente encontraram uma centena de trabalhadores sazonais desde então.

— O que posso fazer por... — sua cabeça inclinada para o lado e seus olhos se arregalaram. — Gemma?

Graças a Deus. Ela não tinha me esquecido. — Oi, Carol.

— Oh, meu Deus, Gemma! — Ela jogou a toalha na mesa da recepção e veio direto para o meu espaço, me puxando para um abraço apertado. — Meu Deus, garota. Quanto tempo faz?

— Cerca de onze anos. — Eu ri. — É bom ver você, Carol.

— Querida, você está apenas... — Ela me deixou ir me olhar de cima a baixo. — Impressionante. Embora sempre tenha sido.

—E você está tão bonita como sempre.

—Por favor. — Ela revirou os olhos. — Eu estou velha.

As rugas ao redor dos olhos e da boca de Carol haviam se aprofundado ao longo dos anos, mas seu cabelo era do mesmo branco brilhante, trançado em uma corda longa e grossa que pendia sobre um ombro. Seus olhos eram do mesmo castanho acolhedor.

—O que você está fazendo aqui? —Ela perguntou. — Onde você esteve todos esses anos? Você pode ficar para o jantar?

Eu ri, pensando que Benjamin adoraria Carol e sua sequência interminável de perguntas. — Eu moro em Boston, mas estou de férias.

Permanentemente.

—Ótimo. — As mãos de Carol voaram para o alto, então ela correu ao redor do balcão e começou a sacudir um mouse para despertar um computador. — Você quer uma cama king-size de frente para o vale? Ou uma queen-size com vista para a montanha?

— Ah, não. Tudo bem. Eu tenho um quarto em Missoula. — Ficava a sessenta quilômetros de distância e era a desculpa perfeita para partir antes que esgotasse minhas boas-vindas.

Ela me ignorou. — King ou Queen?

— Sério, não preciso de um quarto. Eu só queria passar por aqui e ver o lugar. Se Katherine ainda está aqui, eu... eu adoraria dizer olá.

A compreensão encheu o olhar de Carol e ela assentiu. O olhar não era duro e não tinha julgamento, mas ela sabia o que eu tinha

feito com Katherine. Ela simplesmente não estava usando isso contra mim.

Carol pode ser a única aqui que não o fez.

— Sim, Katherine está aqui, — disse ela. — Ela está no escritório trabalhando. Vou levá-la até lá depois que você me disser que quarto quer para que um dos garotos leve sua bagagem.

Talvez eu soubesse ou esperasse que isso acontecesse, porque minha bagagem estava guardada no Cadillac e não havia estendido minha reserva em Missoula. Acabei de perguntar ao funcionário esta manhã se eles tinham vagas no caso de eu voltar.

— Queen, por favor. — Eu prefiro a vista da montanha. — Meu cartão de crédito está no meu carro.

— Você não vai pagar, — disse ela enquanto clicava e rolava, os olhos colados na tela.

— Eu insisto.

— Querida, eu sei que já faz muitos anos, mas uma garota inteligente como você, tenho certeza que se lembra de quem está no comando por aqui.

Eu ri. — Sim, senhora.

— É melhor. — Ela clicou uma última vez e empurrou o mouse para o lado.

Carol estava no comando. Ela e o marido, Jake Sênior, haviam fundado o Greer Ranch há quase cinquenta anos. Depois que sua operação de gado se tornou um sucesso, eles expandiram para iniciar o resort, consequentemente passando tudo para seu filho, JR.

JR era o gerente de toda a operação quando trabalhei aqui. Talvez ele ainda estivesse.

Ou talvez Easton tivesse assumido.

Independentemente disso, Carol estava no comando. Ela disse aos homens exatamente o que esperava e que Deus os ajudasse se eles não seguissem as ordens.

Carol deu a volta no balcão e enlaçou o braço no meu. —Como Boston tratou você?

—Muito bem por um tempo.

—Eu posso ver isso. — Ela me deu outra avaliação. — Você sempre foi elegante. Mesmo sem um centavo para apertar entre os dedos, tinha aquele ar de sofisticação. O ar ainda está aí, mas vejo que agora você também tem as moedas.

— Eu guardei algumas. — Meu patrimônio líquido estava perto de vinte milhões de dólares. Mesmo assim, ao lado de Carol, eu era a pessoa pobre na sala.

As terras que possuíam neste maravilhoso vale no oeste de Montana valiam centenas de milhões de dólares. Não que ela ostentasse. Esse não era o estilo de Carol. Não, ela era a mulher com dinheiro no banco e merda de cavalo nas botas, porque um bom dia para ela, era trabalhando nessa terra.

Eu sorri e me inclinei para mais perto. — Como está Jake?

— Mal-humorado. — Ela balançou a cabeça. — Aquele homem odeia ser aposentado, mas é tão teimoso que não admite. Por isso, ele anda por aí, levando, nós que tentamos trabalhar, à loucura.

Principalmente Easton. Não é dia de semana se aqueles dois não estão brigando.

Meu coração saltou com a menção de seu nome. Isso tinha passado pela minha cabeça inúmeras vezes no caminho até aqui.

Easton Greer foi outro motivo pelo qual fiquei longe. Outro erro. Alguém de quem duvidei que me recebesse de braços abertos.

Mas essa viagem não era sobre ele. Eu encontraria coragem para acertar as coisas com Katherine.

Qualquer reparação com Easton seria um bônus.

Talvez ele tenha se esquecido completamente de mim. De certa forma, eu esperava que sim.

Carol me conduziu escada acima, segurando meu braço com firmeza, enquanto chegamos ao primeiro andar, viramos a esquina e começamos o segundo andar. Se ela notou meus dedos trêmulos, não demonstrou.

— Katherine administra o lado do resort atualmente. Continuamos promovendo-a de cargo em cargo e, quando finalmente ficamos sem degraus na escada para ela subir, acabamos de torná-la a chefe.

— Isso não me surpreende nem um pouco.

Katherine podia não ter minha ambição ousada, mas ela sempre foi inteligente e incrivelmente trabalhadora. Como eu, ela parou de ir à escola quando veio morar no ferro-velho. Em vez disso, ela trabalhou. Durante o dia, trabalhava em uma empresa de paisagismo. E à noite, ela lavava pratos para um restaurante. Ambos pagaram em dinheiro por baixo da mesa.

Nós duas éramos mais do que amigas. Éramos companheiras de quarto. Ela compartilhava minha barraca, embora barraca nunca foi a palavra certa. Tinha começado como uma tenda, com uma lona esticada entre duas pilhas de lixo para manter a chuva longe. Em seguida, adicionei paredes de metal e, eventualmente, quartos separados, um para mim e outro para Katherine. Nossa sala de estar improvisada havia se tornado a área comum para refeições e jogos.

Essa tenda era meu orgulho e alegria, muito parecido com o império que construí em Boston.

Um império que eu construí deixando Katherine para trás.

Meus sapatos e as botas de Carol ecoaram nas tábuas de madeira do chão quando chegamos ao segundo andar e começamos a descer um longo corredor, forrado de portas.

Eu não tinha passado muito tempo nesta ala do alojamento, pois era onde os escritórios estavam localizados. A outra ala era muito maior e abrigava todos os quartos de hóspedes. Eu passei muito tempo naquela ala como governanta.

O *Greer Ranch and Mountain Resort* se tornou uma das principais fazendas de hóspedes de Montana, oferecendo uma experiência tradicional do Oeste. Eu pesquisei no meu quarto de hotel na noite passada e fiquei impressionada com o site. O resort sempre foi bom, mas na última década, eles construíram cinco chalés diferentes para os hóspedes alugarem. Eles adicionaram mais experiências de hóspedes e as refeições eram cinco estrelas.

Os preços não estavam listados no site porque este lugar atendia a celebridades e os muito ricos.

—Ela está feliz aqui? — Perguntei a Carol.

Ela alcançou uma porta e bateu nela uma vez com os nós dos dedos.

—Entre, — uma voz que eu não ouvia há anos chamou do outro lado.

Minhas palmas começaram a suar.

Carol fez sinal para eu entrar. — Pergunte a ela mesma. Eu estarei lá embaixo na cozinha. Venha me encontrar quando estiver pronta para carregar sua bagagem.

— Ok, — eu respirei e girei a maçaneta. *Aqui vai.* Com meus ombros retos, empurrei a porta e dei um passo para dentro.

Katherine, linda como sempre, estava sentada atrás de uma ampla mesa de carvalho. Ela ergueu os olhos da tela do computador e todo o seu corpo enrijeceu. —Gemma?

—Oi. — Eu levantei minha mão para um aceno estranho e dei outro passo.

Suas sobrancelhas se juntaram. —O-o que você está fazendo aqui?

—Eu vim para ver você. — Eu suguei um pouco de oxigênio. *Respire*. —Posso? — Eu perguntei, entrando na sala e apontando para uma das poltronas de couro posicionadas na frente de sua mesa.

Ela assentiu com a cabeça, mas por outro lado ficou perfeitamente imóvel em sua cadeira de encosto alto.

Seu escritório de canto era enorme, tão grande quanto o que eu tinha em Boston. As paredes internas tinham estantes do chão ao teto e as outras eram forradas com janelas. Um sofá e duas namoradeiras inclinadas para a vista ocupavam metade da sala.

Era elegante, mas confortável. Convidativo e limpo. Toda a configuração combinava completamente com ela.

Embora Katherine sempre tenha se encaixado aqui.

Desde o dia em que descemos do ônibus, parecia que ela havia encontrado o lugar onde caberia. Hoje, ela parecia ainda mais em casa, sentada em uma mesa chique, vestindo jeans e botas, com uma janela panorâmica nas costas e as montanhas ao longe.

Seu cabelo escuro caía solto e liso abaixo dos ombros. Seu brilho natural era algo que eu invejava quando adolescente, adulta também. E eu ainda não conhecia uma pessoa na Terra com olhos mais azuis do que Katherine Gates. Eles eram quase exatamente da cor do céu sem nuvens pela janela.

Ela cruzou as mãos, apoiando-se nos papéis espalhados em sua mesa. Sua expressão era neutra, mas havia cautela em seu olhar.

Katherine era quinze centímetros mais baixa do que meus um metro e setenta. Ela tinha uma estrutura pequena e um corpo esguio. Mas, sentada atrás daquela mesa, ela era uma força própria. Ela era a chefe e este era seu trono.

Era uma boa aparência para ela.

—Como você está? — Eu perguntei.

— Bem, obrigada. — Seu tom era educado. Cauteloso. —Você?

—Eu estou bem. — Eu cruzei minhas pernas, tentando parecer relaxada quando eu estava muito longe disso. —Carol me disse que você está administrando o resort. Parabéns.

— Obrigada.

O silêncio que se seguiu era insuportável.

O que pareceu uma hora provavelmente foram segundos, mas a mensagem era clara. Katherine não me queria aqui, então me dei um empurrão mental para acabar com isso.

Desculpe. Isso era tudo que eu tinha a dizer. Eu sinto muito.

Então, o que diabos você está esperando, Gemma?

—Eu queria...

O telefone na mesa de Katherine tocou. Ela apertou um botão para desligá-lo, mas nem um segundo depois que se acalmou, seu celular começou a vibrar. Ela o silenciou também. — O que você estava dizendo?

A confiança que convoquei evaporou. A última coisa que eu queria era me atrapalhar com isso e correr o risco de parecer apressada e insincero.

—Estou atrapalhando. — Eu me levantei da cadeira. — Vou deixar você voltar ao trabalho. Talvez possamos nos encontrar para um café mais tarde.

— Hoje está uma loucura. Eu, hum... talvez eu possa almoçar tarde por volta de uma hora. Mas eu só teria trinta minutos.

Eu tinha evitado muitas pessoas com o almoço tardio e curto antes.

O que significava que esta era a minha oportunidade de dizer a minha paz e depois sair do Rancho Greer.

Eu reconhecia quando não era bem-vinda.

—Está bem. — Eu dei a ela um sorriso triste. — Principalmente, eu só queria dizer que sinto muito. Você era minha amiga e como fui embora e o que fiz, não estava certo.

—É por isso que você está aqui?

—Sim.

Katherine olhou para mim, sua expressão ilegível. Então, lentamente, amoleceu. O calor se espalhou em seus olhos e suas mãos se abriram. — Você vai ficar?

— Se você não se importa. — Não importa o que Carol disse, se Katherine tivesse algum problema por eu estar aqui, eu iria embora.

—Não, eu não me importo. Eu tenho um dia louco. Eu ia almoçar na minha mesa. Mas talvez possamos nos encontrar para jantar. Na sala de jantar por volta das seis?

—Isso seria maravilhoso. — Eu saí, segurando meu sorriso até que estava no corredor. Então deixei isso se estender conforme anos de arrependimento e culpa desapareciam.

Ela não me odeia.

Eu poderia ir embora neste minuto e sentir que esta viagem tinha sido valiosa. Mas não iria embora. Eu ia jantar com minha amiga e, com sorte, reacender um relacionamento que uma vez amei. Meus pés estavam praticamente flutuando enquanto eu descia as escadas.

Carol não estava na recepção, então optei por sair e pegar minha mala. Abri a porta, com um sorriso ainda no rosto, e colidi, de cabeça, com uma parede de músculos.

— Oh, desculpe. — Eu olhei para cima e meu coração parou.

O cheiro de couro e loção pós-barba encheu meu nariz. Eu olhei para cima para ver um par de olhos castanhos escuros encobertos por longos cílios de ônix. Observei o nariz reto, a mandíbula pontiaguda e o queixo forte. Meu olhar caiu para os lábios carnudos que provei uma vez, em uma noite onze anos atrás.

Eu nunca tinha visto um rosto tão simétrico e tão lindamente masculino como o de Easton Greer.

Mesmo quando fazia uma careta, como ele estava agora, era uma maravilha.

Ele ficou ainda mais bonito. *Como isso foi possível?* Ele se transformou de um jovem para apenas um homem, todo homem. Robusto, áspero e sexy.

— Gemma. — Meu nome saiu como um rosnado em sua voz profunda e eu desviei meu olhar de sua boca, dando um passo para trás.

— Oi, — eu respirei, o ar pesado e denso.

Ele deu um passo para longe, depois outro, seu brilho inabalável.

Easton lançou sua carranca por cima do ombro e viu o Cadillac. —Aquele é seu?

—Sim.

—Você vai ficar aqui. — Não foi uma pergunta. Uma acusação. Se ele fizesse as coisas do seu jeito, eu não seria convidada.

Eu levantei meu queixo. —Sim, vim ver Katherine.

Sua mandíbula tremeu. —Eu pensei que tínhamos nos livrado de você anos atrás.

Ai. Eu acho que ele ainda estava chateado com todo aquele sexo em seu quarto e acordando para descobrir que eu tinha ido embora.

Mas, bom ou ruim, ele não me esqueceu.

Capítulo Três

Easton

Que diabos ela estava fazendo aqui?

Eu invadi a porta ampla e aberta do celeiro e chutei um monte de terra. — E quem diabos está trazendo sujeira para o meu celeiro?

Olhei em volta, localizando um quadriciclo estacionado no meio do espaço que não estava lá dez minutos atrás. Suas rodas estavam cobertas de lama. Alguém, meu avô, provavelmente o estava dirigindo pelo prado inferior. Tivemos uma boa chuva na noite passada e o solo estava encharcado.

Como seria de esperar, vovô saiu de trás do trator na outra extremidade do prédio. Ele tinha uma caneca de viagem em uma mão e uma chave inglesa na outra. —O que se enfiou na sua bunda esta manhã?

—Acabamos de varrer este chão. — Apontei para o quadriciclo. — Talvez da próxima vez você possa estacionar lá fora. Evite que minha equipe faça limpeza duas vezes.

— É um celeiro, Easton. — Ele franziu a testa. — E na minha época, as equipes não tinham muito tempo para ficar varrendo.

Meu dia. Pelo amor de Deus. A última coisa que eu precisava esta manhã era uma palestra sobre como este rancho era administrado em sua época.

Eu cerrei meus punhos e mantive minha boca fechada antes de entrarmos em uma briga que teria meu pai bancando o

mediador, minha mãe me lembrando de ter paciência e vovó me dando um sermão sobre respeito.

O resultado final? Estava encarregado deste rancho, mas meu avô não tinha lido o memorando.

Ele me lembrava diariamente de como ele fazia as coisas no meu dia. Ele tinha feito o mesmo com papai quando papai dirigia o rancho, embora isso nunca tenha incomodado meu pai do jeito que me irritava. Talvez porque papai e vovô geralmente fossem da mesma opinião.

Ambos questionavam minhas decisões. No entanto, estávamos prosperando porque eu pressionei, pressionei e pressionei para fazer as coisas de maneira diferente.

Nenhum deles se importava se o celeiro estava limpo. Vovô estava certo, ele não tinha pessoal para arrumar porque tanto ele quanto papai haviam trabalhado com uma equipe mínima por tanto tempo que ganhamos a reputação de queimar os trabalhadores do rancho mais rápido do que poderíamos contratar seus substitutos.

De acordo com vovô, eu havia sobrecarregado o rancho. Mas gostava de manter meus rapazes por mais de uma temporada. E gostava de ter um celeiro limpo, cavalos limpos e equipamento limpo.

O trator que estava mexendo durou sete anos a mais do que qualquer um que ele tinha em sua época. Talvez fosse porque ele fosse um bom mecânico. Ou talvez fosse porque eu tinha insistido tanto em fazer a manutenção antes que quebrasse quanto em mantê-lo dentro, fora das intempéries.

—O que você está fazendo? — Eu perguntei, olhando por cima do ombro para o John Deere.

— Estou verificando o sistema hidráulico do trator. Se estiver tudo bem para você.

— Tudo bem, — eu disse, me virei e fui embora.

Amava meu avô, mas, droga, trabalhar com o homem era exaustivo.

Eu não poderia atribuir-lhe trabalho. Eu não podia responsabilizá-lo por fazer algo regularmente porque ele estava aposentado. E porque Jake Greer Sênior não se reportava a ninguém além de sua esposa.

O problema era que o avô não queria se aposentar. Ele aparecia e assumia trabalhos enquanto eu estava no meio deles. Ele tirava o trabalho de uma das minhas mãos sem me avisar. Ele dava ordens para minha equipe, enviando-os na direção errada, tudo porque estava entediado, algo que ele nunca admitia.

Como a hidráulica. Eu já tinha planejado verificá-los esta tarde. Ele sabia que eu mesmo faria isso, porque eu disse a ele ontem. Mas ele perguntou se havia algo mais em que eu pudesse usar sua ajuda? Não.

Saí do celeiro e fui até os estábulos, meu santuário. Era duas vezes maior que o celeiro, e todos, até o vovô, sabiam que esse era meu domínio. O chão era varrido regularmente e a baia de cada cavalo era limpa diariamente. Mantínhamos este lugar impecável, não apenas pelos animais e meu estado mental, mas porque, ao contrário do celeiro, os hóspedes costumavam entrar aqui.

Enquanto caminhava pelo longo corredor central, contei as baias vazias. A maioria dos animais saía em excursões de hóspedes, exceto três éguas jovens que haviam ficado para trás. Elas não me pouparam nem um olhar, muito ocupadas mastigando os grãos que receberam esta manhã.

Acima de mim, os sótãos estavam cheios de fardos e as luzes fluorescentes brilhavam intensamente. Cheirava como todos os estábulos deveriam, na minha opinião, a cavalos, feno e trabalho duro.

Meu cavalo castrado Jigsaw colocou a cabeça para fora da baia no momento em que ouviu minhas botas no chão de cimento. Eu caminhei até ele, colocando minha mão em sua bochecha. — Como se sente hoje em relação a fazer algum trabalho?

Ele acariciou meu ombro, ansioso para sair.

Jigsaw era meu cavalo desde que eu tinha onze anos. Ele tinha quase dezesseis mãos e era uma fera de um animal. Ele era rápido e não tinha medo de trabalhar. Ele obteve seu nome por causa do ponto em forma de peça de quebra-cabeça em seu ombro direito. Além dessa marca branca, ele era tão negro quanto o céu da meia-noite.

Sempre pude contar com Jigsaw. Ele nunca me decepcionou. Ele nunca interferiu na minha programação. Ele nunca respondeu.

Ele nunca desapareceu, apenas para voltar do nada, onze anos depois.

— Que diabos ela está fazendo aqui? — Eu perguntei ao meu cavalo.

Ele ergueu o nariz, batendo na minha cabeça.

— Sim, vamos começar em breve. — Eu acariciei a ponte de seu nariz e o deixei se aprontar.

Meu escritório ficava nos estábulos, ao lado da sala de arreios. Papai sugeriu que eu usasse o escritório de canto do chalé, o oposto de Katherine, porque cada vez mais, eu me encontrava atrás de uma mesa.

Tornaria as coisas mais eficientes se eu estivesse sentado em um lugar onde pudesse falar com Katherine pessoalmente, em vez de ligar para ela doze vezes por dia. Mas gostava do meu escritório apertado nos estábulos. Gostava de poder observar os treinadores e os funcionários interagindo com os cavalos e os hóspedes. Podia testemunhar quem tinha paciência para levar grupos para passeios em trilhas e quem seria mais adequado para a manutenção do rancho.

E gostava de trabalhar com o cheiro de cavalos, couro e sujeira no ar.

Mas isso significava que quando eu precisasse falar com Katherine, eu teria que ligar. Quando ela não respondia, eu caminhava até a loja para tomar uma xícara de café e aparecer no seu escritório.

Encontrar Gemma Lane quase me derrubou.

Peguei meu telefone da minha mesa e coloquei no bolso da calça jeans. Então peguei um par de luvas de couro de cima de um arquivo e tirei meu Stetson do conjunto de chifres de veado que

usava como cabide para chapéu. Eu precisava sair daqui e tomar um pouco de ar. Pensar nisso.

—Ei, chefe. — Rory apareceu na porta, saltando de um pé para o outro.

—Ei. — Coloquei o chapéu na cabeça. — O que aconteceu?

— Acabei com as baias do dia e estou pronto para ajudar no trator.

Rory era filho de uma de nossas empregadas de longa data. Como mãe solteira, ela trabalhou duro para sustentar seu filho. Ele tinha acabado de fazer dezoito anos e se formado no ensino médio na primavera passada. O sonho de sua mãe era que ele fosse para a faculdade. Rory deveria trabalhar neste rancho.

Então, eu o contratei. O garoto absorveu tudo o que podíamos ensiná-lo. Ele não reclamava dos trabalhos, literalmente, de merda. E se houvesse uma chance para ele fazer algo com o equipamento, ele estava em cima

Eu prometi a ele ontem que ele poderia me acompanhar enquanto eu trabalhava no trator.

—Mudança de planos. Jake está trabalhando no trator hoje. Ele disse que adoraria ter sua ajuda.

— Ok, legal. Obrigado.

— Quando terminar, vá almoçar. Então, vamos esperar pelos passeios da trilha para voltar. Vou verificar a cerca no lado sul. Apenas saia e ajude os caras com os cavalos quando eles voltarem.

— Vou fazer isso. — Ele correu para fora da porta.

Rory corria por toda parte. Sua energia era impossível de conter e ele sempre tinha uma série de perguntas.

Essas perguntas deixariam vovô, um cara que preferia trabalhar em silêncio, louco.

Eu ri.

— Do que está rindo? — Meu irmão, Cash, entrou no escritório.

— Mandei Rory ajudar o avô a consertar o trator.

Ele riu também. —Você vai pagar por isso mais tarde.

— Vale a pena. — Eu sorri. —Eu pensei que Katherine tinha saído com você com os hóspedes esta manhã.

— O pessoal que ficava no Chalet Beartooth cancelou a viagem. Eles decidiram subir o cume e tirar algumas fotos, já que o tempo está bom. Cavalgaremos amanhã.

Peguei outro par de luvas da pilha de peças sobressalentes. — Ótimo. Então você pode me ajudar.

— O que vamos fazer? — Ele perguntou quando eu bati as luvas em seu peito e passei por ele pela porta.

— Consertar cercas.

— Eu sabia que deveria ter ido ver a vovó em vez de vir aqui.

Fui até a parede onde minha cela estava apoiada em um espesso poste de madeira. Tirei um cobertor de sela e agarrei uma rasqueadeira, em seguida, fui para a baia do Jigsaw. Eu planejava apenas fazer uma pesquisa e observar os danos hoje, mas se Cash estivesse livre, faríamos os reparos também.

—Você quer andar ou pegar a caminhonete? — Eu perguntei.

—Vou pegar a caminhonete, — resmungou ele. —Já que obviamente você vai cavalgar.

Não me senti mal por fazer Cash dirigir. Ele passava três vezes mais tempo do que eu a cavalo e poderia estar ao volante, para variar.

Não demorei muito para selar Jigsaw e sair. O ar fresco do outono encheu meus pulmões e ele pulou de pé, ansioso para sair a céu aberto. Meu cavalo adorava correr, mas era treinado para esperar. Quando eu o deixei parado em um local, suas rédeas não seguras, ele se levantou e esperou.

Porque ele era um cavalo muito bom.

Cash estacionou com o caminhão de cerca, o Ford azul que mantínhamos abastecido com uma pilha de postes de aço e um rolo de arame farpado. Em uma fazenda de treze mil acres, sempre havia cerca para consertar.

— Vá na frente. — Ele acenou em direção ao caminho de duas rodas que nos levaria para a parte sul da fazenda.

Montei Jigsaw e estalei a língua para me afastar dos estábulos. Quando chegamos à grama, dei a ele sua cabeça e o soltei, nosso ritmo começando com um galope suave até que ele galopasse pelo prado.

Meu coração disparou enquanto o ar batia em meu rosto. Quando ele ganhou velocidade, meus músculos se contraíram, meu núcleo se contraiu e minhas coxas se aqueceram. Dei outro cutucão em Jigsaw, deixando-o acelerar a todo vapor.

Nós dois estávamos ofegantes quando atingimos a linha das árvores. Eu diminuí a sua velocidade e me virei, vendo Cash bem atrás, a caminhonete quicando no meio do campo.

—Bom garoto. — Eu dei um tapinha no pescoço de Jigsaw, sua pele suando. Então, limpei minha testa suada com a manga da camisa.

A cabana era alta e orgulhosa à distância. Eu não passava muito tempo lá durante o dia, nunca me senti tão parecido com o meu lugar quanto o celeiro ou estábulos, mas era minha.

Eu evitaria aquele prédio como a maldita praga, já que Gemma estava em algum lugar lá dentro.

Seu rosto, chocado e lindo, ficou gravado em meu cérebro. Aqueles lábios rosados pareciam tão macios quanto eu me lembrava. Seu cabelo estava mais comprido agora, caindo em ondas artísticas até o meio das costas. Seus olhos eram o mesmo avelã hipnotizante.

Ela se tornou uma mulher deslumbrante.

Exatamente o que não precisava neste rancho. Eu não tinha certeza de quanto tempo ela planejava ficar, mas eu tinha o suficiente para lidar em um dia bom, com a carga de trabalho regular do rancho e do resort. Estávamos nos preparando para começar a preparação para o inverno. Havia lenha para cortar. As vacas precisariam ser trazidas para os prados, de onde passaram o verão pastando nas montanhas.

Não era hora de ter um caso antigo aparecendo na minha maldita porta da frente.

Eu fiz um bom trabalho em esquecer Gemma Lane.

Pelo menos, pensei que a tinha esquecido. A reação automática e o fato de que agora eu não conseguia parar de pensar nela, diziam o contrário.

Ela precisava voltar para o lugar de onde veio e lembrar que ela não pertencia aqui. Assim como ela não pertencia aqui anos atrás. Com alguma sorte, sua visita terminaria antes do pôr do sol.

Cash parou com a caminhonete e baixou a janela. — Você está bem?

— Sim. Por quê?

— Você disparou de lá como se seus calcanhares estivessem pegando fogo.

— Só queria dar a Jigsaw uma chance de correr.

— Claro, — ele brincou. — Sabe, antes de vir para os estábulos, ajudei essa morena gostosa com um carro incrível a carregar sua mala para dentro do chalé. Ela parecia terrivelmente familiar, e você está com um humor pior do que o normal hoje. Ela não teria nada a ver com isso, teria?

Eu cerrei meus dentes. —Não.

Ele deu uma risadinha. —O que você disser, irmão.

Bagagem. Porra. Ela iria ficar.

Como Cash se lembrava de Gemma? Quando ela trabalhou aqui antes, ele estava na faculdade em Idaho. Ele deve ter se lembrado dela de uma viagem para casa, nas férias de primavera.

Enquanto isso, eu estava aqui quando Gemma, Kat e sua outra amiga chegaram, acabando de se formar no estado de

Montana. Eu tinha vinte e dois anos, era educado e cheio de energia com ideias para levar este rancho para o próximo nível.

Levei mais de uma década para implementar algumas dessas ideias. Outras ficaram ao longo do caminho.

— Quero passar por este pasto hoje, se pudermos, — disse a Cash, precisando me concentrar no trabalho por algumas horas. — Espero que não esteja tão ruim.

—Parece bom. Eu montei aqui na semana passada com Kat para que ela pudesse experimentar aquela égua. Não notei nenhum fio caído, mas não o percorremos.

— Cruze os dedos e não vai demorar mais do que um dia. Eu gostaria de trazer os novilhos aqui na próxima semana.

A testa de Cash franziu. — Papai disse que íamos usar isso como pasto de parto este ano e os filhotes estavam indo para o norte da rodovia.

—O que? Quando?

—Ontem. Anteontem. Eu não sei. Presumi que ele disse a você.

— Não, — eu rebati. —Ele não me disse.

E porra, essa não era a decisão de papai tomar. Não mais.

Ele concordou em me deixar cuidar da terra. Eu tinha um diploma em gestão de pastagens e outro em ciência animal. Este pasto não tinha grama suficiente para todas as vacas prenhes, e acabaríamos puxando feno. Mas seria o pasto perfeito para deixar os jovens pastarem antes de serem vendidos em algumas semanas.

— Filho da puta.

— Não atire no mensageiro. — Cash ergueu as mãos. — Achei que fosse ideia sua.

Não, não era. O que significava que eu teria que ter outra longa discussão, argumentação, com papai esta semana. — Vamos ao trabalho.

Jigsaw não precisava de nenhum aviso para caminhar facilmente ao longo da cerca de arame farpado. Ele passeou lentamente para que eu pudesse inspecionar cada um dos cinco fios e me certificar de que nenhum estava muito solto ou quebrado. Quando chegamos a uma seção onde um poste havia começado a se inclinar e puxar os fios para fora do alinhamento, desmontei e o coloquei no lugar certo antes de continuar pela linha.

Maldito seja o inferno.

Eu estava chateado com o vovô por ser ele mesmo. Eu estava frustrado porque meu pai nunca iria me deixar ir, como seu pai. E eu estava com raiva porque dez segundos com Gemma me deixaram tão perturbado que, quando passei por um fio caído, Cash teve que gritar para eu parar.

—O que está acontecendo com você? —Ele perguntou, saindo da caminhonete.

—Só tenho algumas coisas em minha mente.

—Vamos ouvir isso.

Olhei para meu irmão quando ele cruzou os braços e se encostou na grade da caminhonete. Ele não iria a lugar nenhum até que eu desabafasse.

—Estou cansado. — Suspirei. — Cansado de não ser ouvido. — Cansado de não sentir que tenho algum controle sobre meu próprio destino.

— É apenas um hábito, East. Eles não estão fazendo isso para afastá-lo, simplesmente não sabem de nada. Quero dizer, olhe quanto tempo levou para o vovô deixar o papai comandar o espetáculo. Você era, o quê? Um veterano quando ele se aposentou? Eu estava no segundo ano.

— Talvez eu devesse ter assumido o resort quando a vovó me pediu.

— Lidar com hóspedes o dia todo? Tratando-os? Você teria odiado esse trabalho. Além disso, Katherine é perfeita para isso.

Ela era exatamente a pessoa certa para esse trabalho e todos sabiam disso, inclusive eu. Razão pela qual ninguém desafiava Katherine. Quando ela tinha uma ideia, todos a ouviam.

Talvez seja porque o lado resort do negócio sempre foi a paixão da vovó. Quando ela anunciou que queria abrir um resort e estava usando cinco milhões de dólares para construir a pousada, o avô ficou quieto e sorriu enquanto ela preencheu o primeiro cheque.

Foi quando o resort era um hobby. Um espetáculo paralelo. Sempre pensei que o avô tinha acreditado na vovó, mas ele não esperava que isso fosse dar certo. Ele certamente não tinha imaginado que algum dia seria tão bem-sucedido quanto hoje.

O resort estava gerando mais e mais renda a cada ano, e Katherine tinha mais liberdade para administrar os negócios do que eu já administrara o rancho. E eu vivi aqui a vida toda.

— Eles a ouvem, — eu disse. — Completamente. É difícil não ficar com ciúmes.

— E é difícil não ficar com ciúmes quando você nem estava na corrida para assumir o resort ou o rancho.

Ah, que inferno. — Desculpe.

Eu não pretendia fazer Cash parecer um colaborador menor. Estava cansado de brigar com papai e o avô e claramente me esqueci de manter os sentimentos de meu irmão sob controle, especialmente com o quanto eu valorizava suas opiniões.

— Está bem. — Cash encolheu os ombros. — As coisas estão melhores assim. Eu amo o meu trabalho e o que estou fazendo aqui. Contanto que tenha meus cavalos, sou um homem feliz.

Logo ele teria mais do que apenas cavalos.

Eu não tinha contado a ele ou a ninguém ainda, mas fiz uma oferta para comprar um pedaço de terra nos limites do oeste. Se isso acontecesse, iria construir outro estábulo e pedir a Cash que assumisse o cargo de gerente de uma instalação de criação e treinamento de equinos de primeira linha.

Cash tinha um dom quando se tratava de cavalos e de avaliar sua natureza. Era hora de colocá-lo em prática. Seus talentos foram desperdiçados atendendo hóspedes.

Rezei para que a compra não falhasse.

Ou que minha família descobrisse e interrompesse algo, antes mesmo de eu começar.

— Vamos consertar isso. — Eu empurrei meu queixo para a cerca.

Trinta minutos depois, a seção estava consertada e estávamos descendo a linha. Com o passar das horas, a tensão em meus ombros diminuiu. Havia algo reconfortante no trabalho físico que acalmava minha alma. Algo relaxante em estar em um cavalo.

Estava no meu sangue. Trabalhar aqui chamava minha alma.

Cash estava certo sobre papai e vovô. Eles adoravam este trabalho também. Eles não me desafiaram por maldade, mas agiam por hábito e porque eram teimosos.

Eu também.

Era um traço que passava pela linha de sangue Greer. E embora eu pudesse racionalizar na minha cabeça, ainda me incomodava no dia-a-dia.

Na hora do almoço, terminamos de verificar a cerca do pasto e meu estômago estava roncando. Dei a Cash um aceno de cabeça para voltar para o celeiro enquanto Jigsaw e eu fizemos a viagem de volta em um ritmo mais suave.

A maior parte da minha frustração com a minha família havia se resolvido. Agora era principalmente Gemma atormentando minha mente.

Por que ela estava aqui? Quanto tempo ficaria? Não importa a duração, eu sempre me manteria ocupado. Não havia razão para vê-la, exceto...

Merda. Minha família adorava Gemma, especialmente minha avó.

Quando ela trabalhou aqui, elas foram algumas das nossas primeiras funcionárias. Vovó as contratou depois de uma entrevista por telefone com Katherine porque ela gostou do espírito da garota.

Vovó não contratava muito mais, mas ela sempre foi uma boa avaliadora de caráter.

E quando três moças chegaram ao chalé, com o rosto renovado e animado, vovó as colocou sob sua proteção. Até hoje, vovó acreditava que essa foi a melhor decisão de contratação que ela já havia feito.

Essas três tinham lavado, lavado roupa, feito jardins e trabalhado como garçonete. Qualquer trabalho que elas recebiam, elas faziam sem questionar enquanto usavam sorrisos verdadeiros.

A primeira vez que vi Gemma, ela estava polindo talheres na cozinha. Eu entrei esperando que estivesse vazio, mas lá estava ela, sentada na mesa de aço inoxidável, esfregando um pano sobre uma faca até que ela pudesse ver seu reflexo no metal.

Ela me lançou um sorriso, desceu e estendeu a mão.

Eu quase caí com aquele sorriso.

Então eu fiz o que todos os caras arrogantes e estúpidos de vinte e dois anos faziam quando se deparavam com uma mulher linda. Eu joguei com calma e a ignorei. Eu fingi que não tinha a maior paixão da minha vida.

O tiro saiu pela culatra espetacularmente.

Porque Gemma não desejava minha atenção. Ela era uma força própria, tão envolvida em sua própria vida que os outros foram esquecidos.

O que ela fez com Katherine foi o exemplo perfeito.

E o que ela fez comigo.

As coisas eram diferentes agora. Eu não era um jovem movido por hormônios e luxúria que queria uma mulher jovem. Ignorar Gemma não seria uma tática para atraí-la para a minha cama. Eu a ignoraria porque, mais cedo ou mais tarde, ela iria embora de qualquer maneira. Só precisava esperar uma semana, talvez duas.

Então Gemma Lane desapareceria.

E eu voltaria a esquecer a mulher de tirar o fôlego com olhos castanhos brilhantes que, afinal, eu não tinha esquecido.

Capítulo Quatro

Gemma

— Então, basicamente, você deixou sua vida?

—Bem, quando você diz assim, me faz parecer maluca.

—Uau. — Katherine pegou a garrafa de vinho do meio da mesa e encheu meu copo. —Há quantos dias foi isso?

— Eu saí de Londyn há uma semana. Deixei Boston alguns dias antes disso.

—E aqui está você.

—Aqui estou.

Eu estava sentado em frente a Katherine na sala de jantar do chalé. Estávamos compartilhando um pedaço de cheesecake de chocolate, acabando com uma garrafa de vinho, depois de termos comido um jantar delicioso de frango assado e purê de batata. O site deles não exagerou na qualidade da comida. Ou na seleção de vinhos.

— Como está Londyn? — Katherine perguntou.

—Ela está maravilhosa. — Eu sorri. — Ela está casada e tem uma filha. Está feliz.

—Estou feliz. Eu penso nela, em todos, de vez em quando.

—Até em mim?

—Sim. Mas fiquei magoada quando você foi embora.

— Eu sinto muito. — Eu continuaria me desculpando até que ela me perdoasse. Ou talvez até que eu me perdoasse.

—Não sinta. — Ela me deu um sorriso triste. —Foi cerca de um ano depois que você partiu, estava cavalgando com Carol um dia e percebi que era aqui que eu deveria estar. Estou feliz aqui. Amo meu trabalho, o rancho e os Greers. Eles meio que me tornaram um membro honorário da família, e eu não poderia ter pedido algo melhor.

—Estou feliz. E ainda sinto muito.

—Você está perdoada.

— Mesmo? Você não vai me fazer trabalhar mais duro para isso?

Ela encolheu os ombros. — Não é meu estilo.

Não, não era. Katherine era muito honesta e real para me punir por algo que ela já havia abandonado. Mesmo depois de toda a merda pela qual ela foi arrastada, nunca se tornou amarga.

— Funcionou como deveria, — disse ela. — Eu teria ido com você para Boston e me ressentiria a cada segundo. Na época, a promessa de todo aquele dinheiro parecia muito boa. Mas a cidade não sou eu. O mercado imobiliário não sou eu. Eu ajudei com um dos negócios quando os Greers estavam comprando alguns hectares há alguns anos e eu odiei cada segundo. Fale sobre estresse. E a papelada.

Eu ri. — Não é sem desafios.

— Você gostou?

— Eu fiz por um tempo. Principalmente, foi o trampolim. — Usei o dinheiro que ganhei para investir em outros locais.

Quatro meses depois de virmos trabalhar no Greer Ranch, Londyn decidiu tentar algo novo. Ela tinha gostado de Montana, mas não tinha sido seu local de pouso. Ela me pediu para ir com ela, para ir para o leste, mas eu fiquei para trás com Katherine.

Eu gostava de trabalhar aqui e ser um daqueles membros honorários da família Greer.

Então, cerca de quatro meses depois, Katherine e eu estávamos trabalhando nesta mesma sala de jantar. Ela trabalhando de garçonete enquanto eu cuidava do bar, substituindo um dos trabalhadores sazonais que havia saído para voltar para casa. Um casal veio para uma bebida antes de dormir e, como todos os outros hóspedes aqui, eles escoaram dinheiro.

Foi uma noite estranhamente quieta e a sala esvaziou mais cedo do que o normal. Mas o casal ficou e visitou Katherine e eu. Três horas depois, confiamos a eles, algo que nunca fizemos, contando a história de nossa infância.

Eles acharam isso tragicamente fascinante.

E naquela noite, Sandra e Eric Sheldon mudaram minha vida.

Eles eram proprietários de uma imobiliária em Boston, corretora de algumas das melhores casas da cidade. Antes de saírem do resort, eles ofereceram empregos a mim e a Katherine. Eles se ofereceram para nos contratar em sua empresa e nos dar uma chance.

Sandra nos deu seu cartão de visita e pediu que considerássemos a oferta. Que se estivéssemos interessadas, Boston estava esperando e ela também.

Era uma oportunidade única na vida.

Eu estava pronta para entrar no ônibus na manhã seguinte. Katherine estava mais hesitante, não querendo abandonar os Greers até que eles contratassem substitutos.

Quanto mais ela hesitava, mais ansiosa eu ficava que os Sheldons se esquecessem de nós. Que essa chance de me tornar rica, evaporaria.

Como uma ambiciosa jovem de dezenove anos, a paciência não era um ponto forte.

Eu ansiava por aventura. Ansiava pela promessa de dinheiro, para me tornar uma mulher como Sandra, que usava joias pingando das orelhas e unhas que nunca ficariam sujas.

Katherine tinha me implorado para esperar e avisar os Greers juntas.

Dois dias depois, sem contar a Katherine, peguei o cartão dos Sheldons, arrumei minhas coisas enquanto ela limpava um quarto de hóspedes e fui embora. Quando cheguei a Boston e liguei para Sandra, menti e disse que Katherine não estava interessada.

Quando, na verdade, eu a deixei para trás.

Eu nem tinha escrito um bilhete.

Porque Katherine sabia exatamente para onde eu tinha ido. Era realmente um milagre ela não me odiar.

Durante o jantar esta noite, contei a ela tudo sobre minha vida em Boston. Como trabalhei como assistente de Sandra por seis meses até obter minha licença. Como, em dois anos, eu me tornei o

agente de maior bilheteria, especializado em propriedades de elite em Boston.

Quando o mercado imobiliário se tornou tedioso, comecei a investir. Até que um dia, não precisei vender propriedades para sobreviver. Eu lancei as bases do meu império e continuei adicionando tijolos.

Passei anos tentando preencher o buraco em meu peito com dinheiro e negócios. Mas mesmo com todo o poder, o prestígio, a fortuna, aquele buraco ainda estava lá.

A dormência permanecia.

Eu ainda era apenas uma criança fugitiva, entorpecida com o mundo, procurando por qualquer coisa que a fizesse sentir.

— Você fala com mais alguém? — Katherine perguntou. —Do Lou?

— Não, apenas Londyn. Você?

—Não. — Ela balançou a cabeça. —Como você sabia que eu estava aqui?

— Há um tempo, eu estava curiosa para saber onde todos haviam ficado, então contratei um investigador para descobrir. Você facilitou o trabalho dele, já que sua foto estava em todo o site do resort.

— Ah. Isso faz sentido.

—Você sabia que Lou morreu?

—Ele morreu? — Sua mão pressionou contra o coração. — Como? Quando?

—Anos atrás. Ele morreu durante o sono.

Lágrimas brilharam em seus olhos azuis. —Eu nunca vou esquecer aquele homem.

Lou Miley era dono do ferro-velho quando Karson o descobriu depois de fugir de casa. Karson entrou e saiu por um mês, dormindo lá e se escondendo, até que uma noite, Lou saiu com um cobertor.

Lou não expulsou Karson. Ele não o trouxe para dentro também. Ele simplesmente deixou Karson ficar.

Quando eu encontrei Karson depois de deixar minha própria casa, Lou nem sequer piscou na primeira vez que me viu em seu ferro-velho. Ele me deu um grunhido e um olhar furioso e desapareceu na cabana que chamava de casa.

—Ele era tão mal-humorado. — Eu sorri. —Tão maravilhosamente rude e mal-humorado.

Lou tinha evitado o mundo dominante, vivendo sozinho no ferro-velho. Nenhum de nós jamais perguntou por que ele deixou seis crianças ocuparem sua propriedade, mas eu acreditava que era porque, quando nos mudamos, Lou não estava tão sozinho.

Nenhum de nós, nem mesmo Karson, jamais foi convidado para a casa de Lou. Mas ele nos permitia usar o banheiro e o chuveiro da loja do ferro-velho. Uma vez, Karson e eu ficamos gripados e Lou nos deixou um frasco de remédio para resfriado perto da pia.

Lou não nos denunciou como fugitivos. A maioria dos adultos teria chamado a polícia e nos conduzido ao sistema de adoção. Mas acho que Lou gostava de nos ver ali. E talvez ele soubesse que se

nos expulsasse ou chamasse as autoridades, teríamos simplesmente fugido novamente, provavelmente para um lugar não tão seguro.

Voltar para casa não era uma opção para nenhum de nós.

— Ele nos salvou, — sussurrou Katherine. —Ninguém por aqui entende isso, mas Lou salvou nossas vidas.

— Sim, ele salvou. Eu gostaria de ter ido ao seu funeral. O horário... não deu certo. — Mais como se eu não tivesse encontrado tempo. — Os Greers sabem? Sobre nossa infância?

— Você conhece Carol? Ela me fez contar tudo uma noite, cerca de um mês depois que você partiu. Estava me sentindo sozinha e com raiva, então contei tudo a ela. E não existe segredo neste rancho. Na noite seguinte, fui jantar em família e você deveria ter visto todos os olhares de pena. Eu estava tão chateada.

O que significava que Easton também sabia.

Eu mantive meu passado para mim mesma quando trabalhei aqui. Todos nós mantivemos. Os Sheldons foram as únicas pessoas a quem contamos. Na época, eu não tinha certeza do que fez com que Katherine e eu contássemos nossa história para os hóspedes, nada menos. Mas depois de trabalhar com Sandra e Eric por alguns anos, eu descobri que essa era a natureza deles. Eles tinham essa atração magnética, uma maneira de tirar as pessoas de suas conchas.

Mesmo depois de ter parado de trabalhar para sua empresa, mantive contato com meus ex-mentores. Sandra era minha companheira constante na Fashion Week de Paris.

Havia outros que conheciam minha história, passei anos contando ao Dr. Brewer os detalhes horríveis, mas a lista era pequena. Nem mesmo Benjamin sabia do meu passado. Porque, como Katherine havia dito, a maneira mais rápida de ganhar a pena de alguém era contar a eles sobre nossa juventude.

Eu não queria piedade dos Greers. Eu certamente não queria piedade de Easton.

Tudo o que eu sempre quis dele foi afeto.

Que eu tive em uma noite gloriosa.

Horas antes de embarcar em um ônibus Greyhound e deixar Montana para trás.

—Você já sentiu falta da barraca? — Katherine perguntou, servindo-nos mais vinho.

Eu ri. — Não sinto falta de dormir no chão, mas sinto falta das noites em que ficávamos todos amontoados lá dentro porque estava chovendo. Sinto falta dos dias em que estávamos todos entediados e jogávamos cartas por horas, conversávamos e ríamos.

—Eu também. É triste que todos nós perdemos contato. Mas para mim, é mais fácil assim. Para continuar com minha vida e não olhar para trás. Quer dizer, éramos felizes no ferro-velho. Tão felizes quanto crianças sem-teto poderiam ser, mas era difícil.

— Muito difícil, — eu concordei. —Meu Deus, éramos duronas.

—E tivemos sorte.

Houve inúmeras outras histórias de crianças em fuga cujas vidas foram interrompidas. Cujas vidas não tiveram um final feliz. Crianças que se viciaram em drogas e álcool. Meninas que

desapareceram em uma rede de tráfico para nunca mais serem vistas.

Sorte era um eufemismo.

—Estou feliz que você voltou, — disse Katherine. —É bom ver você.

—Estou feliz por ter vindo também. — Havia uma sensação de paz aqui. Um peso calmo no ar. —É relaxante.

—Esta noite é uma noite tranquila. Você veio exatamente na hora certa. Normalmente, a sala de jantar fica cheia até as oito ou nove. Mas esta é uma semana lenta.

O que explicava por que éramos as únicas na sala, exceto alguns funcionários entrando e saindo, verificando se Katherine precisava de alguma coisa.

Depois de me instalar em meu quarto de hóspedes mais cedo, liguei para falar com Benjamin. Como esperado, ele cuidou de tudo e nenhuma emergência para relatar. Mas sem mais nada para fazer, algo que não me incomodava enquanto eu estava dirigindo, porque estava dirigindo, eu peguei meu laptop e passei uma hora lendo e-mails.

Foi bom me reconectar com aquela minha parte familiar. A pessoa que trabalhava com eficiência e eficácia, marcando caixas de listas e movendo as coisas para frente.

Exceto que não havia muito o que seguir em frente. Na maioria das vezes, era a correspondência da minha equipe de gestão financeira que ainda estava processando os detalhes da minha venda de Gemma Lane. Então houve algumas anotações de

conhecidos em Boston se perguntando se os rumores da minha saída apressada da cidade eram verdadeiros.

Esses e-mails eu simplesmente excluí. Haveria um burburinho sobre minha partida por semanas. As pessoas especulariam que eu perdi minha cabeça ou estava esgotada. Eles fofocavam sobre minhas deficiências ou que a pressão havia se tornado demais.

Não importava.

Boston era história e eu não tinha planos de voltar.

Passei o resto da tarde lendo. Não conseguia me lembrar da última vez que li um livro por puro prazer. Eu nem tinha um livro, mas meu quarto compensou minhas deficiências. Ele veio abastecido com três brochuras diferentes na gaveta da cômoda.

Eu me perdi em um thriller até que Katherine bateu na minha porta por volta das seis para o jantar. Estávamos conversando por horas. Eu disse a Katherine sobre minha vida e ela me contou sobre a dela aqui no resort.

Meu olhar viajou ao redor da sala em um círculo lento e avaliador. As mesas estavam dispostas como um restaurante, em tamanhos variados, ao redor do espaço. Katherine explicou que eles contratavam um chef em tempo integral e serviam café da manhã e jantar aqui. Almoços embalados estavam disponíveis mediante solicitação, principalmente porque era difícil manter o horário regular com as atividades do resort.

Alguns hóspedes desceram para jantar, mas desde então se retiraram para seus quartos. Outros devem ter optado pelo serviço de quarto. Os hóspedes que alugaram os chalés, por quatro mil

dólares por noite, tinham acesso a um chef diferente que iria para seus chalés e prepararia uma refeição privada.

— Este lugar parece fantástico, — eu disse a Katherine. — Quando cheguei esta manhã, meu primeiro pensamento foi como nada aqui havia mudado. Mas isso não é verdade, é?

— Há cerca de quatro anos, começamos a fazer algumas reformas, — disse ela. — Principalmente estética. Pintura. Cortinas. Arte. Roupa de cama. Isso fez a diferença.

—Foi ideia sua, não foi?

Ela escondeu o sorriso no vinho.

As diferenças tinham o toque suave e clássico de Katherine estampado nelas. Ela transformou o resort de adorável em mágico.

As diferenças sutis escaparam da minha rápida inspeção anterior. As paredes eram de um tom mais claro de branco, algo que complementava os ricos tetos e pisos de madeira. As cadeiras da sala de jantar já foram de madeira, mas foram substituídas por peças estofadas em creme que suavizavam a sala e iluminavam a luz dourada do lustre de cristal.

Ainda era rústico, mas agora havia um toque chique na decoração. Era chique sem ser pretensioso, mas atrairia os ricos que podiam passar férias aqui.

— Na verdade, fizemos atualizações em todo o rancho. Os estábulos são um sonho hoje em dia. Você pode comer no chão porque Easton insiste em mantê-los impecáveis.

Easton.

Eu o tinha visto antes da janela do meu quarto. Ele estava montando um enorme cavalo preto por um prado ao longe. Eu o espiei até que ele e seu cavalo se tornaram nada além de uma mancha no pasto verde.

Mas eu sabia que era ele. Reconheceria os ombros largos e o chapéu de cowboy preto de Easton em qualquer lugar. Lembrei-me de como seu cabelo escuro ficava quando as pontas se enrolavam na nuca, e como seus braços fortes preenchiam as mangas de suas camisas xadrez de madrepérola.

O baque das botas ecoou pela sala, me tirando de minhas reflexões.

A atenção de Katherine disparou por cima do meu ombro. — Ei.

—Ei.

O arrepio percorreu minha espinha com o estrondo familiar e profundo.

Mas me recusei a virar e prestar atenção a Easton. Ele sempre foi frio e hostil comigo desde que eu conseguia me lembrar. Bem, exceto naquela noite. Mas depois da colisão de hoje pela porta da frente, parecia que nada havia mudado.

—Tudo bem? — Katherine perguntou a ele.

—Vim jantar antes de ir para casa.

Casa? Eram quase nove horas da noite. Ele não tinha uma esposa ou namorada esperando?

—Você se lembra de Gemma, não é? — Katherine gesticulou para mim com sua taça de vinho.

Olhei por cima do ombro e dei a ele um sorriso tenso.

Easton estava parado ao meu lado, com os braços cruzados sobre o peito. Sua mandíbula era de granito e seus olhos nem piscaram na minha direção.

Ele ignorou totalmente a reintrodução de Katherine.

Idiota. — É bom ver você de novo, Easton. Você parece... Mais velho.

Mais velho. Sexy como o inferno. Mesma coisa.

Ele pigarreou, mas não se incomodou com qualquer outro reconhecimento, dirigindo-se apenas a Katherine enquanto falava. — Eu preciso de uma hora amanhã, quando você tiver uma para revisar alguns horários. Preciso roubar alguns funcionários dos serviços de hóspedes para ajudar a mover alguns bois.

—Ok. — Ela assentiu. — Vou verificar minha agenda e enviar uma mensagem com o tempo.

—Ótimo.

—Você gostaria de se juntar a nós? — Ela gesticulou para o assento vazio ao meu lado.

Easton respondeu saindo da sala, sem me lançar outro olhar antes de desaparecer pela porta que dava para a cozinha.

Uau.

— Vejo que vocês dois ainda se odeiam.

Nunca foi ódio. Mais como duas crianças que não perceberam que o ódio era, na verdade, preliminares.

Katherine se levantou de sua cadeira e foi até o bar ao longo da parede traseira. Ela pegou uma garrafa de vinho da prateleira,

abriu-a com o saca-rolhas e a trouxe para a mesa. —Provavelmente vou me arrepender desta garrafa pela manhã.

—Eu também. — Eu levantei meu copo.

— Quanto tempo você vai ficar?

—Eu não sei. Um ou dois dias. Tudo bem? Se você tiver uma reserva, posso ir embora amanhã.

— Não, fique. Vou precisar do quarto de volta na próxima semana. É a temporada de caça e estamos lotados até o Natal. Mas se quiser ficar mais tempo, pode ficar na minha casa. Temos um quarto de hóspedes que está sempre vazio.

—Nós? — Meus olhos dispararam para seu dedo anelar nu. — Eu não sabia que você estava morando com alguém.

— Eu moro com Cash.

— Oh. Eu não sabia que vocês estavam juntos.

—Não, não, não. — Ela acenou. — Não estamos juntos. Somos apenas colegas de quarto. E colegas de trabalho. E amigos.

Amigos. Pela maneira como ela enfatizava a palavra, ou ele queria mais e ela não estava interessada, ou era o contrário.

Cash estava na faculdade quando trabalhei aqui, e eu só falei com ele uma vez, quando ele voltou para casa nas férias de primavera. Mas o reconheci instantaneamente quando ele me ajudou a trazer minha bagagem para o chalé mais cedo. Ele tinha a mesma boa aparência de seu irmão mais velho, embora Easton fosse mais áspero. A maior diferença entre os homens Greer era que Cash era bom.

Easton, nem tanto. Embora ele fosse bom de se olhar.

— Carol e Jake construíram uma casa no sopé há cerca de cinco anos, — disse Katherine. — Cash e Easton estavam morando em sua antiga casa, mas alguns anos atrás, Easton decidiu construir também. Então, em vez de ficar em um dos apartamentos dos funcionários, fez sentido para mim mudar para a casa. Estava ficando estranho para os funcionários ter a chefe morando na casa ao lado.

Os aposentos dos funcionários eram como eu imaginei que fosse um dormitório de faculdade. Divertido para um público mais jovem, mas totalmente impraticável para adultos que ultrapassaram seus dias de vida em comunidade.

Eu adorava morar nos aposentos. Amava um banho decente e um colchão macio. As acomodações não eram espaçosas, mas para Katherine, Londyn e eu, eram sublimes. Um passo gigantesco vindo do ferro-velho.

A porta da cozinha se abriu e Easton apareceu carregando um prato coberto com papel alumínio na mão. Ele manteve os olhos castanhos voltados para a frente, não alheio ao modo como Katherine e eu o observávamos andar, apenas indiferente.

Ele estava indo para sua casa sozinho? Mesmo com o papel alumínio, eu poderia dizer que seu prato estava cheio de comida. Era o suficiente para duas pessoas.

Não havia chance de Easton ainda ser solteiro. Ele era um homem extremamente sexy com um emprego estável e uma bunda que parecia deliciosa em um par de Wranglers.

E sem.

Pena que ele era um idiota e provavelmente casado. Uma noite com Easton Greer era exatamente o que meu eu recém-espontâneo teria aplaudido.

— Boa noite, — Katherine gritou atrás dele enquanto ele passava pela soleira que ligava a sala de jantar ao saguão.

Os passos de Easton não diminuíram. — Boa noite, Kat.

Rejeitada novamente. *Droga.* Onze anos depois e doeu. Mas não adiantava ficar pensando nas ações de um homem que deixaria para trás em um ou dois dias. Eu já fiz isso o suficiente. Desejei por seu sorriso caloroso quando tudo que eu já recebi foi sua indiferença.

Isso não mudou. A única vez que ele notou foi na noite em que o deixei me levar para a cama.

Uma noite que eu esperava ter permanecido em segredo.

—Ele chama você de Kat? — Eu perguntei.

— É algo que Cash começou. — Ela encolheu os ombros. —Eu sou a irmã mais nova, então ganhei um apelido.

Um apelido e status que ela não queria. Pelo menos não com Cash. O comentário de seus amigos estava começando a fazer sentido.

— Gostaria de fazer algumas excursões enquanto está aqui? Talvez um passeio ou uma caminhada enquanto o tempo está bom? — Ela perguntou, mudando de assunto.

Eu cantarolei, bebendo meu vinho e pensando sobre isso. Sem trabalho, eu não tinha nada para fazer a não ser sentar no meu

quarto. — Eu não monto um cavalo desde a última vez que estive aqui. Isso pode ser divertido.

—Ótimo. Vou marcar uma aula particular para você amanhã.

—Perfeito. — Quando ela ergueu a taça, toquei a minha na dela. —Há outra coisa que eu queria falar com você. Carol não me deixou pagar quando fiz o registro, mas eu gostaria. Você pode fazer isso acontecer? Por favor? Ela fez muito por mim, e o mínimo que posso fazer é pagar pelo meu quarto.

—Se ela descobrir, estou morta.

Eu fechei meus lábios.

— Ok. — Ela riu. — Você pode pagar.

—Obrigada. — Eu sorri. — E obrigada por me ouvir. Eu sei que já disse isso cerca de cem vezes esta noite, mas sinto muito. Verdadeiramente.

— Está tudo bem, Gemma.

—Você tem certeza?

Katherine acenou com a cabeça. —Eu juro. Está esquecido.

Nós duas ficamos na sala de jantar até meia-noite, conversando e bebendo mais vinho antes de nos despedirmos. Quando adormeci, foi com um sorriso e um coração leve.

Katherine não me odiava. Ela aceitou minhas desculpas. E eu me reuni com minha melhor amiga.

Mas na manhã seguinte, quando apareci no estábulo para minha aula de equitação, percebi que havia presumido demais. Talvez ela quisesse me punir por meu erro, afinal.

Porque Katherine, minha amiga, tinha me colocado com o pior instrutor de equitação da terra.

Easton.

— Esquecido, uma ova, — eu murmurei. —Ela me odeia.

Capítulo Cinco

Easton

— Que porra é essa? Você é meu horário das dez horas?

—Ei, não me olhe assim. — Gemma colocou as mãos nos quadris. —Não foi ideia minha.

—Maldição. — Tirei meu telefone do bolso e liguei para o celular de Kat. Ela não atendeu. Então liguei para o seu escritório. Foi direto para o correio de voz. *Merda*. — Eu não tenho tempo para isso. Temos clientes pagantes que precisam de aulas. E tenho trabalho a fazer.

— Estou pagando, — rebateu Gemma. — Mas esqueça. Eu não preciso montar um cavalo tão ruim.

Enquanto ela girava no salto da bota e marchava para longe, meu telefone apitou com uma mensagem de Katherine.

Todo mundo estava reservado. Você era o único instrutor disponível.

Um erro que eu consertaria na programação do próximo mês.

Todos os meses, Katherine e eu sentávamos e organizávamos blocos de aula e os colocamos em pares com instrutores. Sempre nos asseguramos de que houvesse um local de aula particular disponível para passeios individuais ao longo do dia, porque os hóspedes muitas vezes tinham solicitações de última hora. Então, um instrutor ficava para trás, enquanto o resto era enviado para os passeios e aulas programadas.

Pessoalmente, odiava essa merda de grupo. Era tedioso e lento. Eu me saía melhor cara a cara, quando podia ir aonde quisesse e o ritmo fosse mais rápido. Então, quando estávamos com falta de pessoal, como nesta semana porque um dos caras estava de férias, eu era o reforço para as aulas particulares.

A partir de amanhã, eu começaria a treinar Rory para nunca mais estar no maldito cronograma.

Meu telefone apitou novamente com outra mensagem de Kat.

Ela é minha amiga. E uma hóspede. Seja legal. Por mim? Por favor?

Sim, isso é um não.

Eu amava Katherine. Ela se fundiu perfeitamente à nossa família e era a coisa mais próxima de uma irmã mais nova que eu já tive. Ela era trabalhadora, inteligente e gentil. Mas, irmã adotiva ou não, de jeito nenhum eu passaria duas horas sozinho com Gemma.

Meu telefone vibrou novamente.

Dê esta aula e eu vou ter certeza que Jake estará muito ocupado para incomodá-lo por duas semanas.

Katherine provavelmente imploraria ao vovô com aqueles olhos azuis por uma tarefa especial. Algo que o bajulasse e o fizesse se gabar em jantares de família. Eu já podia ouvi-lo.

'Não posso ajudar com o equipamento na próxima semana. Katherine precisa de mim'.

Merda. As irmãs mais novas eram superestimadas.

— Tudo bem, — eu murmurei, sem me preocupar em responder. Kat sabia que ela estava segurando uma cenoura e eu não resistiria.

—Espere, — chamei as costas de Gemma enquanto ela se aproximava da porta.

Ela continuou andando.

Guardei meu telefone e corri atrás dela, minhas longas passadas diminuindo a distância entre nós. — Gemma.

Ela não diminuiu a velocidade.

— Gemma! — Eu gritei quando ela saiu pela porta e foi para o sol. —Quer parar?

—Por quê? — Ela se virou e jogou os braços no ar. Seu longo rabo de cavalo chicoteado por cima do ombro. —O que agora?

Eu não ia me desculpar ou implorar para ela voltar. Mesmo duas semanas sem o vovô me incomodando não valiam meu orgulho. — Você andou a cavalo na última década?

—Não. Daí a aula.

Meu olhar viajou para cima e para baixo em seu corpo. Ela estava vestindo um suéter de aveia com decote em V que era baixo o suficiente para mostrar o volume de seus seios e um par de jeans que envolvia suas coxas tonificadas. Eles estavam presas no tornozelo, acima da linha de suas botas de camurça bronzeada. Suas pernas pareciam um quilômetro de comprimento e atrás do meu zíper, meu pau se mexeu.

Cristo. Esta lição seria impossível se eu não pudesse tirar meus olhos dela.

—Vamos andar a cavalo, não andar na pista, — eu retruquei. —Você tem botas?

— Estas são botas. — Seus olhos caíram para seus pés. —O que há de errado com elas?

—Essas não são botas.

— Elas vão funcionar por hoje. — Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Não venha chorar para mim se pisar em merda de cavalo.

Seus olhos se estreitaram. —Eu vou ficar bem.

Talvez se eu a irritasse o suficiente, ela desistisse. Então poderia dizer a Kat que cumpri minha parte do trato.

Eu me virei e voltei para dentro, indo direto para a baia de Jigsaw. Eu o selei quando Katherine me mandou uma mensagem sobre essa lição de última hora. Ela não se preocupou em me dar o nome do hóspede. Outro erro. Se eu não pudesse evitar o cronograma, pediria detalhes de agora em diante.

— Venha garoto. — Eu não o tinha controlado ainda, então peguei seu cabresto e o levei para a arena ao lado dos estábulos. Quando voltei para preparar o cavalo de Gemma, esperava que ela tivesse mudado de ideia.

Mas não. Ela estava de pé ao lado da baia de Sprite, acariciando a bochecha da égua. Eu planejava levar Pepsi, uma de nossas outras éguas e irmã de Sprite, mas quando um cavaleiro se encantava com um cavalo e aquele afeto parecia ser de ambos os lados, às vezes era melhor ir com ele.

— Essa é Sprite.

— Olá, Sprite. — Ela sorriu para o nariz salpicado de cinza da égua, sua voz caindo para uma doce carícia.

Houve um tempo em que ela me dava aquele sorriso e falava comigo com a mesma voz. A combinação foi um soco no estômago. Mas recusava ter ciúme de um cavalo.

Eu puxei uma rasqueadeira de um gancho ao lado da baia e cutuquei Gemma fora do caminho com meu ombro. A coisa certa a fazer seria fazê-la selar Sprite, mas isso envolveria muito contato próximo.

Um dos outros instrutores poderia ensinar a mulher a colocar o cinto de segurança na cela.

Não que eu esperasse que ela ficasse aqui por muito mais tempo.

—Quando você vai embora? — Eu perguntei, deslizando para dentro da baia.

—Por favor, diga que você é mais gentil com os outros hóspedes.

Eu resmunguei e passei a rasqueadeira nas costas de Sprite enquanto ela pairava sobre o seu focinho.

Na verdade, eu era ótimo com os hóspedes, não que devesse uma explicação a ela. Eu não era charmoso como Katherine ou carismático como Cash, mas tinha meu próprio apelo. Os hóspedes adoraram que eu fosse autêntico. Eu era um fazendeiro de Montana que amava a terra, minha família e um bife mal passado.

Eles gostavam de mim porque eu amava minhas raízes. Algo que Gemma não entenderia.

Gemma Lane era selvagem demais para ter raízes.

Ela fugiria daqui mais cedo ou mais tarde, e desta vez, eu não iria deixar isso me destruir.

Eu não tinha certeza de onde ela tinha estado nos últimos onze anos e não iria perguntar. Claramente, ela encontrou algum dinheiro. Uma olhada nas suas roupas e naquele Cadillac e você sabia que ela tinha dinheiro. Se ela fosse uma hóspede pagante, ela viria aqui para gastá-lo.

— Não sei quando vou embora, — disse ela. — Eu realmente não tenho uma programação.

— E quanto ao seu trabalho? Você não precisa voltar para ele?

—Estou desempregada no momento.

—Achei que você tivesse saído daqui para ser uma corretora imobiliário famosa.

— Eu estive no mercado imobiliário por um tempo. Depois, investi em algumas outras empresas em Boston. Finalmente, abri uma empresa de cosméticos. Eu a vendi há três semanas, então... desempregada.

— Você ganhou alguns dólares e decidiu parar no dia do pagamento. — Eu zombei. —Típico.

Isso foi exatamente o que ela fez aqui. Gemma ganhava um bom salário, mas quando a promessa de algo mais apareceu, ela desistiu, deixando sua melhor amiga para trás em lágrimas. E me mostrando exatamente o que ela queria de mim, um caso entre os lençóis e alguns orgasmos e nada mais.

O olhar de Gemma estava esperando quando saí da baia. — Se você chamar doze milhões de dólares de alguns dólares, então sim. Eu parei no dia do pagamento.

Meus pés vacilaram um passo no valor.

Ela viu. O canto de sua boca se ergueu enquanto eu passava por ela para guardar o pente e pegar um cobertor de sela.

Doze milhões de dólares era uma grande conquista para uma criança que morava em um ferro-velho, não que eu fosse dar a ela algo parecido com um elogio.

Katherine nos contou sobre sua vida doméstica quando criança. Como ela fugiu de casa, assustada e sem esperança, até que algumas outras crianças a puxaram para seu bando, Gemma sendo uma delas.

Elas viveram em um ferro-velho, pelo amor de Deus. Gemma e Katherine haviam construído uma barraca com chapas de metal,

lonas e tudo o mais que puderam encontrar e dormiram no chão por anos.

Meu cavalo vivia melhor do que isso.

Mas olhando para Gemma, você nunca saberia. Ela mantinha os ombros retos. Mantinha o queixo erguido. Era tão brilhante quanto minhas botas de domingo e tão refinada quanto qualquer uma das pessoas ricas que gastavam milhares de dólares para fazer glamping[1], aqui a cada verão.

E caramba, havia uma onda de orgulho em meu peito. Doze milhões de dólares. Ela conseguiu. Ela se preparou para nunca mais dormir no chão novamente.

— Por que o incomoda eu estar aqui? — Ela perguntou quando eu voltei com o cobertor da sela.

— Porque, — eu murmurei.

Porque ela era uma distração. Porque quando ela estava aqui, eu não conseguia pensar direito. Porque aqueles olhos castanhos eram tão encantadores, e se eu me permitisse, seria arrebatado por ela de novo.

Ela iria embora logo, perseguindo o próximo dólar ou aventura selvagem, deixando-me para trás, me perguntando que tipo de homem poderia obrigá-la a ficar.

Com certeza não era eu.

---

[1] É um exemplo da junção de 'glamour' e 'camping', e descreve um estilo de camping com comodidades e, em alguns casos, serviços no estilo de resort, geralmente não associados ao camping tradicional.

Não falamos quando terminei de selar Sprite. Ela me seguiu de perto quando conduzi o cavalo para fora de sua baia e para a arena, parando dentro do portão.

— Ande com ela em um círculo para fazer seu sangue fluir.

— Ok. — Gemma assentiu, pegando as alças de couro com as mãos delicadas. Suas unhas brilhantes pegaram o sol da manhã e brilharam, limpas e rosa pálido.

Os minhas estavam permanentemente manchados de sujeira.

Enquanto ela caminhava com Sprite, corri para o meu escritório e peguei meu chapéu. Então rabisquei uma nota para Rory passar óleo na sela da mamãe antes do almoço. Ele estava no celeiro, limpando a bagunça que vovô tinha feito com o quadriciclo ontem e as ferramentas que ele não guardou.

Se eu sobrevivesse a esta lição com Gemma, teria duas semanas sem que meu avô atrapalhasse meus planos.

Teoricamente.

Katherine era boa em gerenciar o vovô, mas não era infalível. E ele era imprevisível. Mas Sprite estava selada e Jigsaw também, então eu estava empenhado em ver isso até o fim.

Respirando fundo, voltei para a arena. As aulas particulares duravam normalmente duas horas, mas seriam no máximo noventa minutos.

Gemma não me ouviu enquanto eu subia. Os cascos de Sprite bateram na terra macia enquanto Gemma a conduzia em um círculo, o barulho abafando o som dos meus próprios passos.

— Tudo bem, Sprite, — disse Gemma. —Ajude-me hoje. Não me faça parecer uma idiota na frente dele. Por favor.

Eu congelei. A maneira como ela implorou ao animal, a vulnerabilidade em sua voz... Porra. Ela fez um ótimo trabalho, certificando-se de manter sua confiança no lugar, mas ouvi-la implorar a um cavalo. Talvez não fosse tão dura como ela fingia.

E talvez eu estivesse sendo um idiota, punindo-a por um erro de uma década.

Jigsaw, o bastardo, escolheu aquele momento para bufar e chamou a atenção de Gemma. Quando ela me viu ouvindo, a expressão gentil que ela tinha com Sprite endureceu.

— Isso é bom o suficiente. — Fechei a distância e apertei a braçadeira de Sprite. Então empurrei meu queixo para que Gemma me seguisse até o lado esquerdo do cavalo, onde segurei o estribo para ela. — Com o pé. Mão na sela. Então você vai.

Com um movimento gracioso, ela estava na sela. Um pequeno sorriso brincou em seus lábios rosados.

Ajustei seus estribos e entreguei-lhe as rédeas. — Espere aqui.

Jigsaw tremeu quando me aproximei, a emoção irradiando de seu grande corpo. — Não é esse tipo de viagem hoje.

Ele me cutucou no ombro com o nariz, deixando uma marca de ranho. — Obrigado.

Depois de algumas voltas de caminhada, amarrei-o, puxei seu freio e subi. Eu estalei minha língua e liderei o caminho para fora da arena, indo em direção à estrada de duas pistas que criava uma grande curva em uma das pastagens.

Sprite era bem treinada. Ela seguiu atrás de Jigsaw sem que Gemma precisasse fazer nada além de ficar sentada.

Olhava por cima do ombro ocasionalmente para verificar se Gemma estava sentada corretamente e não se atrapalhando com as rédeas. Toda vez, eu esperava fazer uma correção, mas ela parecia bem ali. Natural.

—Venha aqui. — Eu apontei para a outra pista. Tê-la atrás de mim não iria ensiná-la nada sobre como conduzir um cavalo se ela estivesse apenas seguindo.

Ela assentiu com a cabeça, os olhos fixos na crina branca de Sprite, então deu uma cutucada gentil com os calcanhares e dirigiu para a direita. Quando caminhávamos lado a lado, ela olhava por cima.

Normalmente, este seria o momento da aula em que eu enchia um aluno de elogios. *Bom trabalho, você conduziu o cavalo um metro para a direita.* Eu falava sobre cavalos e avaliava o conforto do aluno. Eu conversaria sobre o rancho e responderia a perguntas, conversando sobre amenidades e garantindo que o aluno se divertisse.

Exceto que esta era Gemma. Minha abordagem normal tinha voado pela janela quando eu topei com ela nos estábulos. E por mais que eu quisesse um passeio tranquilo e sem conversa, isso na verdade piorou a tensão.

—Então você dirigiu até aqui? — Eu perguntei ao mesmo tempo em que ela disse: — Katherine disse que você construiu uma casa.

— Uh... sim, —eu respondi. —Alguns anos atrás.

— Aposto que é bom ter seu próprio espaço. E sim, eu dirigi até aqui.

—Belo carro.

—Não é meu. Você se lembra de Londyn?

Eu balancei a cabeça, lembrando da loira que tinha chegado com Gemma e Kat. Ela partiu não muito depois da primeira tempestade de neve. — A outra amiga.

— O Cadillac é dela. Quando morávamos no ferro-velho, era a casa dela, por falta de termo melhor. Há algum tempo, ela o transportou da Califórnia para Boston e o restaurou completamente.

— Como você acabou com ele? — Talvez ela o tenha comprado com alguns de seus milhões.

— Londyn estava dirigindo de volta para a Califórnia há pouco mais de um ano. Ela teve um pneu furado e acabou presa em West Virginia. O mecânico que a resgatou agora é seu marido. Depois que vendi a empresa, fui visitá-la e ela teve a ideia maluca de eu levar o carro para a Califórnia em seu lugar.

Como eu suspeitava, esta era apenas uma parada temporária. — Por que Califórnia?

— Para encontrar um velho amigo do ferro-velho. Era o carro deles, Londyn e Karson. Ela quer que ele fique com ele.

—Esse é um grande presente. — Restaurar um carro de ferro-velho não era barato. —Mas se ela tem dinheiro para queimar.

— Londyn economizou por muito tempo para restaurar aquele carro, — rebateu Gemma. — Era importante para ela e trabalhou muito para isso.

Dei de ombros. Eu não me importava. Isso era apenas uma conversa e uma maneira de passar o tempo. Não estava muito interessado na história de vida de Gemma e como ela veio para cá. Eu estava interessado em quando ela iria embora.

— Por que você está em Montana se está indo para a Califórnia?

— Por Katherine. — Ela me olhou. — Eu queria vê-la e pedir desculpas.

—Vocês duas pareciam bastante íntimas na noite passada, bebendo todo o vinho caro.

—É disso que se trata? A margem de lucro? Vou pagar pelo vinho, ok?

Claro, ela faria. Ela estava carregada. — Não precisamos do seu dinheiro.

—Deus, você é outra coisa. Primeiro, preciso pagar do meu jeito. Então, você é bom demais para o meu dinheiro. Você não mudou nada, mudou? Em onze anos, você ainda só sabe como enviar um tipo de mensagem: confusa.

—Confusa? Eu acho que minhas intenções da última vez que você esteve aqui foram muito claras.

Eu a queria. Eu disse a ela que a queria. Deitada em meus braços, eu disse a ela que tinha pensado que tínhamos algo real.

E ela foi embora, de qualquer maneira.

— Eu não fiz... — Ela soltou um suspiro profundo. —Eu sinto muito.

Era tarde demais para um pedido de desculpas. Não confiava nela, não depois que ela escapou da minha cama e desapareceu sem dizer uma palavra. Tudo porque ela queria ficar rica.

— Continue, — eu estalei, puxando para baixo a aba do meu chapéu uma fração de polegada. Então eu pedi a Jigsaw mais rápido.

Hoje não foi a primeira vez de Gemma a cavalo. Não precisava ser mimada. Ela estava caminhando muito bem, então trotaríamos um pouco e encerraríamos essa conversa.

O idiota que estava chateado por onze anos queria que ela vacilasse. Ficasse com medo e implorasse para ir mais devagar. Para destruir sua confiança como forma de punição.

Mas eu não era um idiota completo e quando ela ficou ao meu lado, parecendo realmente gostar do trote mais rápido, outra onda de orgulho cresceu.

Gemma não tinha medo de nada, muito menos de mim ou de um cavalo manso.

Ela relaxou na sela, encontrando seu ritmo com Sprite, e no momento em que fizemos a volta e voltamos para os estábulos, Gemma parecia muito bem naquele cavalo.

Bem demais.

Seu cabelo balançava enquanto ela cavalgava. Suas coxas flexionaram e seus seios saltaram. Havia um tom de pêssego em

suas bochechas e um brilho adicional em seus olhos. Ela estava linda. Satisfeita.

Inferno. E se ela realmente tivesse se divertido e quisesse fazer isso todos os dias? Eu estava no programa de aula a semana toda.

O frio do outono foi queimado pelo forte sol da manhã, e os cavalos estavam ofegantes quando os levamos para a arena. Eu pulei do Jigsaw primeiro, então peguei as rédeas de Sprite de Gemma para segurá-las, enquanto ela desmontava.

Ela agarrou o chifre, mudou de posição na sela e balançou a perna direita para cima e para baixo. Ela cambaleou no chão, mas encontrou o equilíbrio. Suas mãos tremiam e havia uma gota de suor em sua têmpora.

Eu realmente era um idiota, pressionando-a com tanta força. Ela pode ter gostado, mas eu ainda fui longe demais.

Antes que eu pudesse me desculpar, Gemma tirou as rédeas de Sprite da minha mão e forçou um sorriso largo demais. — Foi divertido. Esqueci o quanto gosto daqui. Talvez eu aceite a oferta de Katherine de ficar um pouco.

Meus olhos se estreitaram, o pedido de desculpas esquecido. —Que oferta?

— Para ficar no quarto de hóspedes na casa de Cash e Katherine. Não estou com pressa de chegar à Califórnia. Então talvez eu fique.

Eu zombei. —Você vai aguentar uma semana, talvez duas antes de ficar entediada.

—Você tem certeza de que me conhece. Que você me julgou. — Seus olhos brilharam em desafio. —Mas você não sabe porra nenhuma.

— Oh, eu conheço você. Intimamente. — Aproximei-me mais, o cheiro de seu perfume atingindo meu nariz. Ela segurou meu olhar levantando mais o queixo. Aqueles lábios deliciosos bem ali, posicionados e prontos para serem tomados.

Se eu a beijasse, ela me beijaria de volta? Ou eu veria as lanternas traseiras do Cadillac correndo em direção à rodovia na hora do jantar?

—O que você quer de mim, Easton?

Para você tirar o inferno da minha cabeça. — Eu quero que você vá embora. Você não se encaixa aqui.

Eu esperava um retorno sarcástico. Mais daquela atitude teimosa e irritante que claramente não mudou nos anos que ela esteve fora. Mas algo brilhou em seus olhos que parecia muito com tristeza.

Ela baixou o queixo e desviou o olhar, virando-se para olhar ao longe. —Talvez você esteja certo. Não tenho certeza de onde me encaixo.

Suas palavras não eram mais do que um sussurro, mas me fizeram balançar nos calcanhares.

Gemma passou por mim, levando Sprite aos estábulos.

Filho da puta. Isso não era problema meu. Se esta viagem era a maneira de Gemma se encontrar, mais poder para ela. Ela. Não. É.

Meu. Problema. Então, por que meu coração não descia da minha garganta?

Agarrei as rédeas de Jigsaw e ele me seguiu sem hesitar até sua baia.

Gemma estava na baia de Sprite, apontando para a sela. — O que devo fazer?

— Eu cuidarei disso.

—Ok. — Ela deu um tapinha na bochecha de Sprite. —Você fez bem. Foi bom conhecê-la.

Eu dei um passo para trás, dando a Gemma um amplo espaço para sair da baia. Ela me deu um pequeno aceno de cabeça, depois se virou e caminhou pelo corredor central. Lição concluída.

Ela não era a mesma garota que havia saído daqui. Eu era homem o suficiente para admitir que ela houvesse mudado, não em seu rosto, não hoje. Gemma havia se tornado uma mulher madura e deslumbrante. Mesmo com a tristeza em seus olhos, a saudade, ela era quase irresistível.

Mas se eu me preocupasse com Gemma, ficaria em pedaços.

—Ela é uma boa garota.

—Merda. — Eu pulei com a voz da vovó, batendo a mão no meu coração. —Dê um aviso a um cara.

Ela riu, observando enquanto Gemma desaparecia na esquina e sob o sol. — Como foi a aula?

— Bem.

— Ela está perdida, essa garota. Sempre foi. Ela está fugindo de tudo que a faz sentir.

Eu fiz uma careta. — Ela ferrou com Kat. Você se lembra de como Kat ficou chateada quando Gemma a abandonou.

— Ela tinha dezenove anos, Easton. Lembro-me de alguns erros que você cometeu nessa idade. Houve uma vez em que você roubou o carro do seu pai e dirigiu até a cidade para se embebedar no bar. Houve um tempo em que você...

—Tudo bem, tudo bem. — Eu levantei a mão. —Você tem razão.

— Katherine escolheu perdoá-la e recebê-la aqui. Todos nós podemos fazer o mesmo. Por quanto tempo ela quiser ficar.

Eu engoli um gemido. —Ela vai embora.

—Eu não tenho tanta certeza. Não dessa vez.

Eu não discutiria com vovó, mas seu ponto fraco por Gemma a deixara cega. Não havia nada para Gemma fazer aqui. Ela não foi feita para trabalhar em um rancho. Ficaria entediada trabalhando para Kat em um dos trabalhos triviais da pousada. E onde ela iria morar? Quarto de hóspedes de Cash e Kat?

Ela ficaria e essas férias seguiriam seu curso, então iria embora.

Eu só tinha que esperar. Ficar longe de Gemma para que, da segunda vez, eu não caia na sua armadilha.

E cometa o mesmo erro duas vezes.

Capítulo Seis

Gemma

Batida. Batida. — Eu abri a porta do escritório de Katherine e olhei para dentro.

—Ei. — Ela acenou para eu entrar. — O que houve?

—Eu preciso fazer uma pergunta e preciso que a resposta seja sim.

— Ok, — ela falou lentamente. —Devo ficar nervosa?

—Provavelmente. — Eu sentei em uma cadeira em frente a sua mesa.

O cabelo de Katherine estava preso em um rabo de cavalo e ela usava um zíper de mangas compridas com o nome do resort bordado no peito. Ela parecia confortável, mas autoritária.

Eu sentia-me confortável com meus jeans e suéter preto, mas faltava autoridade.

Eu perdi a autoridade.

— Estou entediada, — eu admiti. — Tipo, enlouquecendo de ficar entediada. Posso ter um emprego? Por favor?

Fazia três dias que eu não tinha ido no meu passeio com Easton, e eu tinha passado esses dias em grande parte no meu quarto. Era mais fácil evitá-lo enquanto estava trancada lá dentro. Passei os dias lendo e importunando Benjamin. Depois da minha sétima chamada em 72 horas, ele ameaçou bloquear meu número. Não havia e-mails na minha caixa de entrada e eu tinha derramado

sobre minhas demonstrações financeiras com mais atenção aos detalhes do que eu tinha nos últimos cinco anos, total.

Minha vida passou de cento eu quarenta quilômetros por hora a um impasse parado. Esta manhã, eu admiti a derrota.

O ritmo das férias foi superestimado e simplesmente não para mim.

Eu precisava trabalhar.

Katherine piscou. — Um trabalho?

— Espanando. Cozinhando. Lavando banheiros. Eu farei qualquer coisa. Mas ainda não quero ir embora e se passar mais um dia lendo no meu quarto, posso morrer.

— Mas você está de férias.

Eu fiz uma careta. — Eu odeio essa palavra.

— Por que não fazer a excursão de quatro rodas? Ou caminhar? Ou dar outro passeio?

— Obrigada, mas não, obrigada, — eu murmurei.

Era muito arriscado lá fora. Era muito mais seguro dentro de casa, onde Easton me evitava e eu tinha mais lugares para me esconder.

— Você não precisa me pagar, — eu disse. — Apenas me dê algo para fazer, para que eu não fique sentada e pensando no fato de que no mês passado minha vida tinha um propósito. E agora a única coisa que tenho no meu futuro é uma longa viagem à Califórnia no carro de outra pessoa. Por favor. Por favor, por favor, por favor. Dê-me o dever de vaso sanitário.

Katherine riu. — Você tem certeza?

— Positivo.

Ela pegou o fone de ouvido no telefone da mesa e discou um número. — Ei, Annabeth, é Kat.

Kat. Eu ainda estava me acostumando com o seu apelido. Para mim, ela sempre seria Katherine.

— Eu tenho alguém aqui que trabalhará temporariamente no resort. Você se importaria se eu a mandasse para seu setor? — Ela fez uma pausa, o sorriso crescendo em seu rosto. — Ótimo. Obrigada. Ela estará aqui logo.

— Obrigada, — eu disse enquanto ela colocava o fone de ouvido no gancho.

—De nada. Annabeth está encarregada da equipe. Ela coordena as equipes de limpeza, serviço de alimentação e recepção. — Ela apontou para uma parede de estantes de livros. — O escritório dela fica duas portas abaixo. Ela o ajudará a preencher a papelada de RH e encontrará algo para você.

—Quero dizer. Não me pague. — Não era como se eu precisasse do dinheiro, algo que Katherine descobrira durante um jantar. Nós duas tínhamos passado todas as noites na sala de jantar, comendo refeições decadentes e consumindo uma quantidade exorbitante de vinho.

Esta semana, vestimos nossa velha amizade e não fiquei surpresa quando caiu como meu suéter favorito. Eu tinha esquecido como era fácil falar com Katherine. Como a conversa fluía confortável e sem esforço. Conversamos sobre tudo, desde o tempo dela com os Greers até minhas experiências em Boston.

A única vez que eu esquivei de um tópico foi quando o nome de Easton foi mencionado.

Aquele homem... grr. Eu queria estrangulá-lo, beijá-lo, chutá-lo e lambê-lo tudo ao mesmo tempo.

Katherine me perguntou como foi o passeio e eu menti descaradamente. Não foi horrível. Montar em Sprite foi divertido, mas com Easton ali, me enfurecendo com cada palavra murmurada daquela boca deliciosa, tinha sido quase impossível me divertir.

Easton era leal e orgulhoso. Ele estava me punindo por estragar anos atrás, com ele e com Katherine. Seria muito mais fácil não gostar dele se ele não tivesse motivos para sua atitude.

Seria muito mais fácil odiá-lo se ele não fosse tão atraente.

A maneira como aquele homem olhava para o cavalo, seus olhos encobertos pela aba do chapéu, era grosseiramente injusta. Ninguém em Boston acreditaria que Gemma Lane, sempre composta e sofisticada, estaria cobiçando um cowboy robusto com sujeira na calça jeans e uma mancha na bochecha.

Até que o vissem, ninguém iria me culpar.

—Jantar hoje à noite? — Perguntei a Katherine. Se ela dissesse não, eu provavelmente iria de carro até a cidade e conseguiria um pouco de espaço no rancho. Era muito fácil pensar em Easton quando eu estava aqui. Principalmente no meu quarto, sentada na cama. Ou quando estava no chuveiro. Ou quando estava respirando.

—Sim, mas eu esperava que você mudasse de cenário. Nas noites de sexta-feira, sempre jantamos na casa de Jake e Carol. É uma tradição familiar.

—Oh, então tudo bem. — Eu não fazia parte da família e havia um membro da família em particular que esperava evitar até que Montana fosse uma mancha no espelho retrovisor do Cadillac. — Você vai. Eu estava pensando em dirigir até a cidade de qualquer maneira para ver o que mudou.

O Greer Ranch estava localizado a dezesseis quilômetros da pequena cidade de Clear River. Pelo que me lembrava, não havia muito mais do que um posto de gasolina, correio, café e um bar na cidade, mas era melhor do que nada.

—Não vai acontecer, querida. — Minha cabeça virou para a voz atrás de mim enquanto Carol marchava para o escritório de Katherine. Seu cabelo branco estava solto hoje, caindo sobre seus ombros. —Você vem jantar.

—Mas...

Ela ergueu a mão. — Pense nisso como uma oferta de paz.

— Uma oferta de paz? Por quê?

—Pelo pequeno arranjo que vocês duas fizeram nas minhas costas. — Carol apontou o dedo para Katherine. —Não acho que não percebi o cartão de crédito de Gemma em seu quarto.

— Oh. Isso, —eu murmurei.

—Eu disse que você não iria pagar, mas se isso significa tanto para você, então vou deixar passar. Mas você vem jantar. Comemos

às seis horas. Chegue cedo. Vocês duas podem cavalgar juntas, já que não foram a nossa nova casa.

—Parece bom. — Katherine não se preocupou em discutir. Seria inútil.

—Eu vou. — Levantei-me da cadeira, olhei para Katherine com os olhos arregalados e saí correndo de seu escritório, antes que Carol pudesse me colocar em qualquer outra função familiar.

Duas portas depois, bati na porta entreaberta e conheci minha nova chefe, Annabeth, de quem gostei imediatamente. Ela estava em seus cinquenta e poucos anos, com olhos calorosos e um cabelo loiro bonito. Conversamos brevemente sobre meu histórico de trabalho e situação aqui, a maneira como eu estava aproveitando minha amizade com Katherine para conseguir um emprego que me mantivesse ocupada, e ela prometeu ser gentil comigo, já que eu não tinha uma chefe há mais de sete anos.

Annabeth me contratou como estagiária não remunerada. Eu nunca fui estagiário antes ou não era remunerado, mas quando ela me levou até a recepção e explicou minhas novas funções, eu as aceitei com um sorriso genuíno.

O resort não tinha recepcionista há três semanas, desde que a anterior se mudou para o Texas. Foi por isso que Carol me cumprimentou quando cheguei no início desta semana. Então, aqui estava eu, pronta para cumprimentar qualquer um que entrasse pela porta da frente.

Não havia muito tráfego em um resort cinco estrelas nas montanhas que enchesse seus quartos com reservas antecipadas de

longo prazo. Mas quando os hóspedes entravam pelo saguão, era bom ter alguém para recebê-los, além de Clive, o alce.

Depois de assinar alguns papéis de emprego e um breve tutorial sobre o sistema de computador, Annabeth me deixou sozinha, prometendo que eu ficaria entediada em minutos.

Ela não estava errada.

Mas ficar entediada na recepção era melhor do que ficar entediada no meu quarto.

Passei algumas horas me familiarizando com o sistema do computador, vasculhando o calendário de eventos e o software de reserva, ambos relativamente intuitivos. Carol me trouxe um sanduíche de presunto da cozinha ao meio-dia, meu salário combinado com Annabeth e comeu comigo na mesa.

Conversamos sobre Jake e o rancho e como ela desejava que Cash abrisse seus malditos olhos.

Ela não entrou em detalhes sobre isso. Não que ela precisasse.

Depois do almoço, ela voltou a trabalhar fazendo o que quer que Carol fizesse e eu ocupava meu lugar na recepção. Poucos hóspedes entraram no saguão e, quando o fizeram, acenei e perguntei sobre o dia deles. Joguei paciência, participando de uma competição de encarar ocasional com Clive, ele venceu duas de três, até que o relógio se aproximou das cinco, meu turno acabou, e era hora de ir para o meu quarto para me refrescar antes do jantar.

Eu tinha acabado de fechar o computador quando passos soaram além da porta, levantando meu espírito com a antecipação de outra rara interação rara com hóspede. Eu endireitei meus

ombros e preparei meu sorriso, mas quando a porta se abriu, minha expressão caiu. —Ah, é você.

Easton estreitou os olhos ao entrar no saguão. —O que você está fazendo?

—Trabalhando.

Sua mandíbula tremeu. —O que?

—Estou trabalhando. Katherine me contratou esta manhã.

—Como diabos ela fez isso.

Eu revirei meus olhos. —Estou aqui, Easton. Lide com isso.

Ele me deu seu famoso olhar silencioso e taciturno.

— Eu não vou embora. — *Ainda*.

—Porque você não tem nenhum outro lugar para ir, então só vai nos enrolar até estar pronta.

—Eu não estou enrolando. — *Que idiota*. —Mas não, eu não tenho nenhum outro lugar para ir no momento, então parece que você está preso a mim.

Ele arqueou uma sobrancelha e foi direto para as escadas. Terminada a conversa. Eu fui dispensada.

Eu não me permiti vê-lo ir embora.

Grr. Ninguém jamais subiu sob minha pele tão rapidamente quanto Easton. Um dia desses, eu faria algo para chocar aquela carranca dura e inabalável de seu rosto bonito.

Eu já estive tão desesperada por contato visual desse homem. Era a garota de dezenove anos tentando não ser afetada quando ele entrava na sala. Aquela que tentava não olhar porque doía

profundamente quando ele nunca olhava para trás. Easton sempre teve coisas melhores para fazer do que se preocupar comigo.

Não mudou muito.

Exceto eu.

Eu não tinha mais nada a provar. Mostrei ao mundo que era mais do que de onde vim. Eu deixei minha marca, minha fortuna e fama.

E eu aprendi da maneira mais difícil que era tão vazia quanto a casa onde nasci.

Esta jornada era sobre a busca por uma vida real. A vida que o dinheiro não podia comprar.

Eu queria as coisas que nunca tive.

Família. Amor. Paz.

Perseguir riquezas foi fácil. Eu poderia fazer isso, eu tinha feito isso.

Não havia maneira fácil de encontrar a segurança e a proteção que acompanhavam o amor e a família. As pessoas nasciam com isso ou não. Para aqueles de nós que não tinham, deixar outros entrar significava expor suas fraquezas. Significava confiar que os outros não quebrariam seu coração.

O conceito era fácil de entender. Dr. Brewer e eu conversamos durante anos sobre meu talento para manter distância emocional dos outros, até mesmo de meus amigos. O problema era eu. A solução também era eu.

Mas deixar alguém compartilhar sua vida... eles poderiam virar tudo de cabeça para baixo.

Porque a confiança era algo frequentemente traído, e a inocência poderia ser tomada quando a pessoa em quem você confiava não o protegia.

Como uma mãe.

Uma mãe que permitiu que um homem arrastasse sua filha de quinze anos para fora de seu quarto, simplesmente porque o cara queria uma plateia enquanto fazia um boquete.

As correntes em volta do meu coração eram uma cortesia de suas traições.

Eu pisquei para afastar a memória, me recusando a pensar no rosto da minha mãe. Ele me cumprimentava no espelho todas as manhãs, e isso já era ruim sem me permitir revisitar o passado.

Correndo escada acima para o meu quarto, eu atualizei minha maquiagem e escovei meu cabelo. Retoquei meu brilho labial, três vezes, e troquei de roupa duas vezes. Era o fato de que Easton estaria no jantar que me fez andar pelo meu quarto, esperando a batida de Katherine. Precisamente quinze minutos para as seis.

— Pronta? — Ela perguntou.

— Claro, — eu menti. Eu havia domesticado advogados implacáveis e designers de moda implacáveis, então por que estava tão nervosa com um jantar em família?

— Easton acabou de passar por aqui, — disse ela enquanto caminhávamos pelo corredor. — Ele me disse para demiti-la.

— Idiota teimoso, — eu murmurei.

— Não se preocupe. Eu disse a ele para cuidar do seu lado do negócio.

Eu fiz uma careta e a segui escada abaixo, fazendo nosso caminho pela saída traseira onde ela havia estacionado sua caminhonete. — Então, quem vai jantar?

— Os suspeitos de sempre. Carol e Jake. JR e Liddy.

Eu balancei a cabeça, lembrando dos pais de Easton. — Sempre gostei de Liddy.

—Ela é um amor. E então os caras. Apenas família esta noite. Essa é a regra.

Os Greers e Katherine. Apenas família. Fiquei feliz por ela ter encontrado uma. *Mas onde isso me colocava?* — Eu deveria ir? Eu sinto que estou me intrometendo.

—Você não está. E, além disso, agora é tarde demais. — Ela riu enquanto dirigia. — Se você não aparecer comigo, Carol irá simplesmente vir buscá-la.

Saltamos ao longo da estrada de cascalho, dirigindo em direção às montanhas que me saudavam todas as manhãs esta semana. Quando uma casa apareceu ao lado de um bosque de álamos, meu queixo caiu. —Uau.

— Bonita, não é? Carol queria coordenar a casa com a pousada, então eles escolheram o mesmo visual.

O tapume de madeira escura junto com a pedra na frente era rústico, mas elegante. A casa era aconchegante e convidativa, mas grande demais para ser considerada aconchegante. Era o castelo de um casal de trabalhadores de Montana que havia se aposentado.

Uma fila de veículos sujos lotava a longa estrada de cascalho e, antes mesmo de estacionarmos, a porta da frente se abriu. O

cabelo branco de Carol refletiu a luz do pôr-do-sol esmaecido, tingindo os fios macios de rosa.

— Só tenho cinco garrafas de vinho, — disse ela, acenando para que entrássemos. — Deixem duas para nós, sim?

Katherine e eu rimos quando cruzamos a soleira. Então fomos cercados.

—Bem vinda de volta. — Jake me abraçou primeiro, depois puxou Katherine para seu lado, prendendo-a ali.

Em seguida veio JR, que me deu um tapinha nas costas. — Eu sou Jake Junior. Ou JR. Não tenho certeza se você se lembra de mim ou não.

Eu sorri. —Claro que eu lembro.

— Ouvi dizer que você é nossa mais nova funcionária.

— Isso mesmo, — eu disse. Easton estava parado na sala de estar, perto o suficiente para ouvir. Eu atirei a ele um sorriso maroto. — Hoje foi o primeiro dia de muitos.

Ele fez uma careta e tomou um longo gole da garrafa de cerveja em suas mãos.

— Oi, Gemma. — Liddy tomou o lugar do marido para um abraço. —É tão bom ver você de novo. Bem vinda de volta.

— Obrigada por me receber.

— Olá de novo. — Cash estendeu a mão de onde estava ao lado de sua mãe.

— Oi, Cash. — Eu apertei sua mão, percebendo as semelhanças dos homens Greer agora que eles estavam na mesma sala.

Easton herdou os olhos cor de café de seu pai e seu avô, enquanto Cash herdou as íris cor de avelã de Liddy. Mas essa parecia ser a única coisa que ela havia passado para os filhos. Fora isso, com suas mandíbulas fortes e cabelos escuros, Easton e Cash eram versões mais jovens de Jake e JR.

—Entre e sente-se. — Carol nos acompanhou até a longa sala de jantar ao lado da cozinha.

Acima da mesa, um lustre de vidro brilhante iluminava a sala. A mesa era de nogueira com manchas profundas, a parte superior lisa acetinada e cada lugar posicionado com um prato de creme brilhante.

— Liddy. JR. Cash. Katherine. — Carol apontou para as cadeiras designadas enquanto disparava nomes.

Eu segurei um sorriso por ela ter colocado Cash e Katherine juntos. Então meu coração parou. Porque havia dois assentos deixados um ao lado do outro.

Um para mim.

Um para Easton.

Droga, Carol.

—Vinho? — JR ofereceu, levantando uma garrafa depois de nos sentarmos.

—Por favor. — Eu estendi meu copo. E continue assim.

Easton arrancou sua cadeira, sentando-se com um bufo alto. O barulho de sua garrafa de cerveja batendo na mesa enviou a mensagem alta e clara. Ele estava chateado por eu estar aqui e por ter que se sentar ao meu lado.

Eu dei a ele um sorriso meloso e estendi meu copo. — Um brinde.

Seu lábio se curvou.

— Um brinde. — Cash riu e veio em meu socorro, estendendo sua garrafa de cerveja sobre a mesa para tilintar com a minha. Então ele derramou sua garrafa no copo de Katherine antes de tomar um longo gole.

Tomei um gole do meu enquanto Liddy, sentada à minha esquerda, estendia a mão. Ela sorriu docemente.

O que ela era... oh. Certo. A oração. A mesa inteira se deu as mãos enquanto Jake Sênior se curvava de sua cadeira à cabeceira da mesa.

Peguei a mão de Liddy, então mantive meus olhos grudados no meu prato enquanto levantei minha direita no ar. Cabia a Easton se ele iria me tocar ou não.

Sua hesitação era óbvia.

A mesa inteira esperava. E esperou.

Jake pigarreou e, finalmente, Easton agarrou minha mão, puxando meu braço no processo enquanto abaixava o queixo.

O cheiro de seu sabonete chegou ao meu nariz. Seu rosto estava bem barbeado e ele deve ter tomado banho entre a hora em que me viu no saguão e a hora em que veio aqui, porque seu cabelo estava úmido nas pontas.

O aperto de Easton era áspero, suas calosidades pressionando a pele macia da minha palma enquanto Jake orava. Arrepios subiram pelo meu braço e aquele seu cheiro era estonteante. Mas

eu aguentei em situações mais extremas do que essa. Eu não me deixaria babar.

—Amém.

No segundo em que a palavra ecoou pela mesa, minha mão caiu como uma brasa.

Liddy deu um leve aperto na minha outra mão, então me deixou colocar um guardanapo em seu colo.

Peguei meu vinho, trocando um olhar com Katherine do outro lado da mesa.

Ela ergueu o copo em sinal de solidariedade.

—Então, Gemma. — Jake colocou um monte de purê de batatas em seu prato enquanto o resto da comida começava a circular ao redor da mesa. — Katherine me disse que você dirigiu de Boston para cá. É uma viagem e tanto.

— Tecnicamente, eu dirigi de West Virginia, mas sim, foi uma longa viagem. Devo dizer que a melhor parte foi através de Montana. Eu tinha esquecido como era lindo aqui.

— Com certeza estamos tendo uma bela queda, — disse Liddy, passando-me uma tigela de feijão verde. — Quanto tempo você planeja ficar?

—Não muito, — Easton respondeu, antes de tomar o último gole de sua cerveja.

Eu empurrei a tigela na cara dele. —Feijões?

Ele arrancou o prato da minha mão, resmungando algo baixinho que lhe rendeu uma carranca de Carol do outro lado.

— Como Rory se saiu na trilha hoje? — JR perguntou a Cash depois que a comida foi distribuída.

—Bem. Ele aprende rápido e os hóspedes gostam dele.

— Talvez você devesse colocá-lo no cronograma, — disse JR a Easton.

Ao meu lado, seus dentes rangeram audivelmente. — Eu sei como delegar minha equipe. Foi minha ideia mandá-lo junto com Cash, em primeiro lugar.

A tensão na sala aumentou. Os pratos e a comida foram de súbito interesse quando todos os olhos caíram, exceto Easton e JR.

Meu prato estava sobrecarregado com purê de batata, rosbife, molho, feijão e um pãozinho. Parecia o momento perfeito para enfiar uma grande mordida na minha boca e me ocupar com a mastigação.

Algo estava acontecendo no rancho? Easton e JR estavam brigando? Se eu não estivesse sentado aqui, como essa conversa realmente teria sido?

—Jake, esperava que você pudesse me ajudar por algumas semanas. — Katherine foi corajosa o suficiente para quebrar o silêncio. — Eu tenho um projeto e preciso de sua experiência.

—Provavelmente posso fazer isso. — Ele acenou com a cabeça, apontando seus olhos para Easton. — Isso significa que você precisará lidar com o equipamento e preparar os *snowmobiles* para o inverno.

—Eu sei. — Ele suspirou. —Eu tenho tudo sob controle.

Por que de repente eu estava me sentindo mal pelo cara que foi um idiota para mim esta semana? Seus ombros estavam contraídos e suas costas rígidas. A frustração irradiando do corpo de Easton era palpável.

Parte de mim queria colocar minha mão em seu antebraço e lhe dar um sorriso tranquilizador. A outra parte lembrou... estúpida. Além disso, qualquer que fosse essa dinâmica familiar, não era da minha conta.

— Gemma, não ouvimos sua resposta para a pergunta da mamãe. — Cash enviou a seu irmão um sorriso malicioso. — Quanto tempo você vai ficar?

— Eu não tenho certeza exatamente. Talvez por algumas semanas. Katherine disse algo sobre um quarto de hóspedes vazio em sua casa.

Easton zombou.

Eu o ignorei.

Mas Carol não estava aceitando. — Qual é o seu problema esta noite?

— Ela não vai ficar, vovó.

— Isso realmente não depende de você, não é? — Ela retrucou.

Easton largou o garfo. — Não estou dizendo que ela não pode ficar. Só estou dizendo que ela não vai.

Mesmo? Porque para mim, parecia muito com ele me dizendo que eu não poderia ficar.

— E por que não? — Katherine perguntou.

— Ela é como os hóspedes aqui, Kat. Eles amam Montana por uma semana. Mas em breve, ela estará pronta para voltar para a cidade. De volta às manicures, massagens e Starbucks. Este não é o lugar para ela.

—E quem diabos é você para ditar o lugar para mim? — Eu me virei na cadeira, encontrando seu brilho com o meu.

— Estou dizendo o que eu vejo.

—Bem, você está errado.

—Sim? Você não vai durar um mês. Inferno, você só conseguiu alguns dias antes de correr para Kat porque estava entediada.

Acho que Katherine havia lhe contado o motivo do meu emprego repentino. Quando olhei em sua direção, ela murmurou: — Desculpe.

— Eu gosto de estar ocupada.

— Claro, — ele brincou.

Inclinei-me mais perto, sentando mais ereto na minha cadeira. —Você realmente é um idiota.

A mesa riu em torno de nós, mas mantive meus olhos fixos nos de Easton.

Ele se inclinou mais perto, sua respiração acariciando minha bochecha enquanto ele zombava, — Mas eu estou errado?

—Sim.

— Prove.

— Ficando? Sem problemas. Esse já era meu plano.

—Como eu disse. Você não vai sobreviver um mês.

—Aposto que ela passa do Natal. — JR deu uma risadinha. — Só para provar que você está errado, filho.

Easton fez uma careta para o pai, depois se voltou para a refeição, enfiando um pedaço de batata na boca.

— Acho que será maravilhoso ter você aqui durante as férias, — disse Liddy.

Espere. O que? Quando concordei em passar o Natal? Isso estava a mais de três meses de distância.

— Agradeço a oferta, mas não acho que Katherine e Cash querem que eu more com eles por três meses. Adoraria ficar algumas semanas, mas meses? Eu, uh...

Um sorriso lento e maligno se espalhou pelo rosto de Easton enquanto ele mastigava.

Desgraçado.

Katherine tinha me oferecido um quarto de hóspedes, mas por três meses? Aquele não era um convidado. Era um colega de quarto.

— Gemma vai ficar na cabana, — anunciou Carol.

—Hã? — Eu levei uma chicotada. —Que cabana?

— Aquela que Jake e eu construímos quando nos mudamos para cá. É um pouco velha e desatualizada, mas é toda sua.

Fantástico. Easton praticamente me desafiou a ficar, e agora não havia desculpas para eu não ficar.

—A cabana então. — Minha voz alegre traiu meu terror.

O sorriso maroto de Easton caiu.

Bom.

Ele me provocou. Ele me perturbou e agora eu ficaria em Montana por três meses porque não havia nenhuma maneira de deixá-lo vencer. Mesmo que isso significasse ficar em uma velha cabana.

Eu mostraria a ele.

Ugh.

Em que diabos eu acabei de me meter?

Capítulo Sete
Gemma

— Você tem certeza de que quer fazer isso? — Katherine perguntou.

Eu dei de ombros e olhei ao redor da sala. O lugar tinha água encanada e eletricidade, luxos que eu não considerava garantidos. — Não é tão ruim. Quero dizer, não é o meu quarto chique no alojamento, mas é mil vezes mais agradável do que a nossa tenda no ferro-velho.

—Verdade.

— Isso vai ser ótimo, — eu prometi. — É uma bela cabana.

— Se mudar de ideia, é sempre bem-vinda ao nosso quarto de hóspedes.

—Obrigada. — Eu morava sozinha há muito tempo e realmente preferia ter esta cabana mais velha para mim do que compartilhar o espaço de alguém.

A última colega de quarto que tive foi Katherine. Nós ficamos juntos na tenda, e aqui quando estávamos nos aposentos dos funcionários.

Sempre que nós dois estávamos entediadas, praticamos nossas habilidades no pôquer. Karson nos ensinou no ferro-velho. Nunca tínhamos dinheiro para apostar, mas jogávamos e treinávamos com palitos de dente.

— Você ainda se lembra de como jogar pôquer? — Eu perguntei, colocando minha mala no meio da sala de estar da cabana.

— Absolutamente. — Katherine foi até a cozinha, passando o dedo na poeira da bancada. — Cerca de um ano depois que você partiu, Cash estava em casa para as férias de primavera ou algo assim e ele veio para o alojamento dos funcionários. Alguns dos caras estavam participando de um torneio de pôquer. Eu perguntei se eu poderia jogar também. Todos eles me provocaram, dizendo que não tinham tempo para ensinar uma garota a jogar.

—Você ganhou?

—Inferno, sim, eu ganhei. — Ela riu. — De vez em quando, Cash e eu vamos à cidade para jogar no bar. Eles têm jogos nas noites de sexta e sábado. Você deve vir conosco da próxima vez.

—Talvez. — Embora eu não jogasse há anos. — Então, qual é a história entre você e Cash?

— Sem história. — Ela balançou a cabeça. — Somos companheiros de quarto. Colegas de trabalho. Amigos.

Mentira. Ela estava apaixonada por ele. E Cash estava alheio.

Mas eu não era pessoa de dar palestras sobre assuntos de homens. Eu estava hospedada em uma velha cabana que precisava de uma limpeza profunda porque deixei um homem me atrair para um desafio tolo dois dias atrás.

Felizmente, Londyn não se importava quanto tempo demorasse para eu chegar à Califórnia. Liguei para ela depois do jantar em família e contei tudo a ela. Depois que ela terminou de rir

pra caramba, ela me disse que eu não tinha escolha a não ser mostrar para Easton.

Então, aqui estava eu, em uma cabana em Montana pelos próximos três meses.

— Ainda bem que invadimos um carrinho de limpeza. — Katherine abriu a geladeira e se encolheu com o cheiro, fechando-a rapidamente. —Ninguém pensaria menos de você se você dissesse dane-se e fosse embora.

—Easton pensaria.

—A opinião dele realmente importa?

Sim. — Não, mas eu gosto daqui. Então, por que não o calar?

— Se você tem certeza.

Eu assenti. — Tenho certeza.

A verdade era que eu tinha pensado em ir embora. Depois do jantar, pensei em entrar no Cadillac e abandonar essa ideia ridícula. Eu havia pensado muito nisso nas últimas quarenta e oito horas. Era domingo e se eu partisse amanhã de manhã, estaria na ensolarada Califórnia antes do final da semana.

Mas eu não estava pronta para ir.

Além do benefício de provar que Easton estava errado, eu estava curtindo meu tempo aqui. Katherine e eu estávamos criando laços. A família Greer foi incrivelmente acolhedora e meu trabalho simples na recepção era revigorante.

Cada vez que eu ouvia a voz de Easton no fundo da minha mente, me dizendo que eu não pertencia, eu calava a boca encontrando algo sobre esta situação que me atraía.

Esta cabana era uma. Ficava a três quilômetros do chalé, aninhado em uma clareira de sempre-vivas. Não havia uma vista ampla da montanha ou um massagista de plantão. Mas era meu próprio espaço, pacífico e isolado. Eu tinha espaço para pensar. Para começar a decidir o que faria da minha vida quando esses três meses terminassem e minha viagem para a Califórnia estivesse concluída.

Porque, no momento, não tinha a mínima ideia. Eu precisava desse tempo para refletir. Planejar.

Além disso, eu poderia sobreviver a qualquer coisa por três meses.

E eu morei em lugares muito, muito piores.

—Qual é o seu plano para hoje? — Katherine perguntou.

—Limpar.

— Quer ajuda?

— Não. Eu não me importo. Vá e aproveite o seu dia de folga.

—Folga? — Ela me lançou um olhar interrogativo. —O que é isso? Estou indo para o escritório para colocar os e-mails em dia. Talvez, se eu tiver sorte, posso dar uma volta esta tarde. Quer se juntar a mim?

—Talvez. Envie-me uma mensagem.

— Ok. — Ela deu outra olhada ao redor da sala aberta e seus olhos se arregalaram. —Boa sorte.

Eu ri e a acompanhei para fora, apoiando-me em um dos postes de madeira da varanda enquanto ela entrava em sua caminhonete estacionada ao lado do Cadillac. —Tchau.

Ela acenou. —Tchau.

Quando sua caminhonete desapareceu na curva da estrada, respirei fundo o ar puro da montanha e, em seguida, fiz meu caminho para dentro da cabana.

O cheiro era mofado. A poeira flutuava por toda parte, refletindo o brilho da luz do sol que tentava passar pelas janelas transparentes. Carol se ofereceu para limpar a cabana porque ninguém ficava aqui há mais de três anos, ela saía para arrumar e verificar se havia ratos algumas vezes a cada ano, mas fora isso o lugar estava vazio, mas eu recusei a oferta, insistindo em fazer o trabalho sozinha.

De certa forma, a limpeza a tornaria minha.

Tirei meu suéter, dobrei e coloquei na minha mala, então comecei a trabalhar.

A maior parte da cabana era uma grande sala. A sala de estar não era mais do que um sofá de couro cru, uma cadeira combinando e uma mesa de centro. Do lado oposto havia uma mesa de dois lugares e uma pequena cozinha. A metade de trás da cabana tinha um único quarto. Era apertado com uma cama queen-size e um conjunto de gavetas da cômoda. O banheiro adjacente foi projetado para funcionar com apenas um chuveiro apertado ao lado da pia e do vaso sanitário. A lavanderia quadrada pela porta dos fundos também servia como despensa e depósito.

Eu cuidei do quarto primeiro, querendo colocar minhas coisas no lugar. Havia uma lona sobre a cama para evitar que ficasse empoeirada, mas mesmo assim tirei a colcha e os lençóis e os joguei

na máquina de lavar. Então, tirei o pó de todas as superfícies e limpei as gavetas da cômoda antes de varrer e esfregar.

O suor gotejava em minha testa depois que terminei a cozinha, lavando todos os pratos e esfregando o chão nas mãos e nos joelhos.

Mesmo com a falta de cuidado, não demorei muito para fazer meu caminho pela cabana, porque era muito pequena.

Abri a porta para deixar entrar o ar fresco e fiz o mesmo com as janelas, uma vez que estavam limpas. O sorriso no meu rosto parecia merecido. Despreocupado. Eu tinha trabalhado pra caramba desde o dia em que fugi de casa aos dezesseis anos, primeiro para simplesmente permanecer viva, depois para fazer algo de mim mesmo. A realização me dava satisfação.

Ou pelo menos, essa deu. O ano passado em Boston faltou realização.

O que eu precisava era de um dia duro de limpeza, onde eu pudesse ver meu trabalho se desenrolar diante dos meus olhos.

Três meses aqui? Moleza.

Eu estava a uma lavanderia de distância de uma cabana reluzente quando ouvi um caminhão se aproximando. Meu humor diminuiu quando vi seu motorista.

—O que ele está fazendo aqui, — murmurei da varanda da cabana.

Easton estacionou ao lado do Cadillac e saltou, sem me lançar um olhar enquanto caminhava para a parte de trás e erguia um enorme refrigerador. —Onde você quer isso?

—Uh, o que é?

—Comida. Mamãe não queria que você corresse para a loja, então ela passou ontem na cozinha.

Liddy havia cozinhado.

Para mim.

Minha própria mãe não tinha cozinhado para mim. Mas a dele tinha. Meu coração apertou enquanto ele subia as escadas da varanda carregando o cooler.

Easton me examinou da cabeça aos pés e, como sempre, ele franziu a testa.

Eu olhei para minha calça jeans e a blusa cinza que eu estava usando por baixo do meu suéter. — O que?

—Nada. — Ele passou por mim e pisou forte para dentro.

— Tire suas botas. Acabei de limpar. — Mordi o interior das minhas bochechas para não rir quando ele se virou e ficou boquiaberto. — Brincando.

Easton não me achou engraçada.

Eu o segui até a cozinha, deixando a porta da frente aberta, enquanto ele colocava o cooler ao lado da geladeira. Ele se abaixou e abriu a tampa para começar a descarregar, mas eu o afastei. —Eu cuido disso.

— Ok. — Ele se levantou e saiu.

— Adeus, — chamei-o, depois voltei minha atenção para o cooler. —*Bom ver você também. E obrigado. Fez um ótimo trabalho de limpeza. Que gentileza sua notar.*

—Falando sozinha?

Eu pulei com a voz de Easton. —Pensei que você tinha ido embora.

Ele ergueu uma bolsa no ar. —Vinho. Da minha avó.

—Carol me pega. — Eu me levantei e peguei a bolsa dele, colocando-a no balcão. Então eu esperei, supondo que ele realmente iria embora desta vez, a menos que houvesse mais presentes em sua caminhonete.

Mas ele não foi embora. Easton entrou na sala de estar e passou a mão pelo cabelo grosso e macio enquanto olhava ao redor. Ele trocou sua camisa xadrez normal de mangas compridas por uma térmica justa. O algodão texturizado esticado em seus bíceps, mostrando a força de seus braços. Moldava-se ao torso e à barriga lisa.

Se ele apenas sorrisse, um pouco, seria tão incrivelmente bonito. Rude e estoico funcionavam para Easton. O homem era um desafio e um enigma. Sua compostura séria não revelava nada e isso era excitante para uma mulher como eu, que gostava da batalha difícil.

Eu descobri na minha semana aqui que ele não tinha esposa ou namorada, mas não tinha dúvidas de que as senhoras locais desmaiaram com seu exterior áspero e sombrio. Mas um sorriso... droga, eu queria ver um sorriso.

Eu tinha visto uma vez, onze anos atrás, quando ele me levou para sua cama, e eu não esqueci em todo esse tempo.

O sorriso de Easton era incomparável. Isso era raro. Talvez a razão de ser tão especial era porque ele dava para poucas pessoas.

—Parece bom aqui.

Minha mão voou para o meu coração e fingi surpresa. — Isso foi... um elogio? Você realmente disse algo bom para mim?

Seus lábios franziram em uma linha fina.

—Oh, relaxe. — Eu me virei para os armários e abri aquele onde havia encontrado copos antes. — Você gostaria de ficar para uma taça de vinho? Ou cinco minutos na minha presença irritou você o suficiente para me deixar em paz por uma semana?

—Eu não bebo vinho.

—Claro, você não. — Provavelmente ia contra o código dos cowboys beber qualquer coisa, exceto leite, água, café puro, cerveja e uísque puro.

—Mas eu vou tomar um copo d'água.

Sério? Eu estava brincando no convite. Por que ele aceitaria? O que ele estava fazendo? Não perguntei enquanto enchia seu copo da torneira, mas fiquei de olho nele enquanto desarrolhei uma garrafa de Cabernet. Eu agradeceria a Carol mais tarde por incluir o abridor na minha bolsa.

—Aqui está. — Entreguei-lhe a água quando me juntei a ele na sala de estar.

Easton o pegou e se sentou no sofá, jogando um longo braço sobre as costas. Então ergueu um tornozelo, cruzando-o sobre um joelho.

—O que você quer? — Sentei-me na cadeira e fui direto ao assunto. Easton não estava aqui para ser amigável.

—Você. Indo embora.

—Seu desejo será realizado em três meses.

Ele me analisou, seu olhar cheio de escrutínio.

—O que? Nenhum lembrete de que eu não vou? — Eu perguntei.

—Não. Você sabe como eu me sinto.

—Sim, você deixou muito claro. Então, eu diria que estamos em um impasse.

—Acho que sim. — Ele drenou a água com três longos goles. O peso de seu pomo de adão era hipnotizante.

Eu esperava que ele fosse embora com o copo vazio, mas mais uma vez, ele ficou sentado, acomodando-se ainda mais no sofá. — Você não tem onde estar?

—Não. — Ele olhou ao redor da sala, seus olhos observando tudo. — Quando Cash e eu éramos pequenos, papai nos trazia para acampar aqui. Apenas meninos. Íamos pescar no riacho. Ele acendia uma fogueira e fazíamos um churrasco do lado de fora. Não entro há anos. Cada vez que volto, parece menor.

Por que ele estava me contando isso? Mais uma vez, não verbalizei minha pergunta. Porque quando Easton não estava falando mal de mim ou latindo algo condescendente, eu absorvia cada palavra sua. Especialmente se tivesse algo a ver com sua juventude.

Porque a infância dele era meu sonho.

—Você sabe como usar isso? — Ele apontou o dedo para o fogão a lenha no canto.

— Uh... — Olhei ao redor, procurando nas paredes por um termostato. Não havia nenhum. —Não. Eu não sei.

—Eu vou mostrar a você.

—Eu posso descobrir.

— E queimar um legado da família Greer? Eu não vou correr esse risco. — Ele se levantou e foi até o fogão. — Venha aqui.

— Pergunte-me gentilmente.

Ele lançou um olhar por cima do ombro que não foi exatamente um brilho, mas não foi educado.

Eu gostava demais de uma casa quente para irritá-lo, então coloquei meu vinho na mesa de centro e me juntei a ele agachado perto do fogão. Havia uma pequena pilha de lenha e uma cesta cheia de jornais ao lado, junto com um isqueiro de cabo longo.

Easton me mostrou como usar papel e gravetos para fazê-lo funcionar, depois me deu instruções sobre como ajustar o fluxo de ar. Em minutos, o fogo estava rugindo, afastando qualquer frio no ar.

—Obrigada. — Eu me levantei e fui fechar as janelas.

Deixei a porta aberta, presumindo que ele iria embora a qualquer minuto. Então fui desembalar o cooler, cheio de recipientes de plástico empilhados. — Ela fez tudo isso em um dia? É mais comida do que vou comer sozinha em um mês.

Easton cruzou a sala, fechando a porta da frente e se juntou a mim na geladeira. — Quer ajuda?

— Para desembalar? Não, eu consigo sozinha.

— Não, não para desembalar. Para comer.

Pisquei para ele quando ele encostou o ombro na geladeira. — Você quer ficar para o jantar?

— Mamãe fez minha caçarola favorita de presunto e batata. Ela só faz para ocasiões especiais e porque você é nossa convidada, você conseguiu.

Ah. Então era por isso que ele estava aqui. —Com ciúmes?

—Se você não vai comer toda essa comida, vou tirar essa caçarola de suas mãos.

—Que pena. É minha. — E eu ia comer primeiro. Qualquer refeição que fez Easton agir remotamente civilizado deve ser excelente.

Ele empurrou a geladeira. —Vamos. Dê-me para que alguém que realmente aprecie, ou coma.

—Desculpe? — Eu me levantei. — Eu não acho que você vai me dizer o que eu aprecio. Para um cara que nunca passou fome um dia na vida, posso garantir que agradeço cada refeição que como.

Easton estremeceu e o olhar irritado em seu rosto desapareceu. —Desculpe.

Eu cruzei meus braços sobre meu peito.

— Essa caçarola é importante. — Ele suspirou. —Para a minha família.

— Uma caçarola.

— Sim. Era a receita da minha avó. A mãe da minha mãe. Ela morreu antes de eu nascer em um incêndio em casa. Poucas coisas sobreviveram ao incêndio, exceto algumas de suas joias que

estavam em uma caixa à prova de fogo e alguns cartões de receitas que ela mantinha em uma lata de metal. Essa caçarola também era a favorita de mamãe. O motivo pelo qual ela só faz isso para ocasiões especiais, é porque é difícil para ela ver a letra da minha avó.

Minha raiva desapareceu. —E ela fez isso para mim.

— Ela fez isso para você. Então, se você não vai comer e se preocupar com isso e garantir que mamãe saiba exatamente o quanto você aprecia a dor de cabeça que ela levou para fazer aquela refeição, então dê para mim para que eu possa.

—Ok.

—Ok. Ele foi pegá-lo no cooler, mas eu dei um tapa em sua mão.

—Eu não vou dar a você. Mas pode ficar para o jantar. E nós dois podemos ter certeza de que ela saiba o quanto isso foi apreciado.

Não foi sua primeira escolha, mas ele manteve a boca fechada e assentiu.

Na maioria das vezes, eu queria estrangular Easton. Mas então havia momentos como este em que ele me mostrava um vislumbre do homem bom, escondido dentro daquele corpo sólido. O homem que viria aqui e sofreria durante uma refeição com uma mulher que ele não suportava, só para que no dia seguinte pudesse ter certeza de que sua mãe se sentisse apreciada e que sua dor não tivesse passado despercebida.

Olhei para o relógio do microondas e vi que eram quase cinco horas. —Você está com fome agora?

Ele encolheu os ombros. —Eu poderia comer.

— Então eu vou começar. — Comecei a preparar nossa refeição, seguindo o cartão de instruções que Liddy tinha colado na travessa de alumínio da caçarola. Enquanto estava no forno, coloquei a pequena mesa enquanto Easton saiu para trazer um pouco mais de lenha cortada para colocar ao lado do fogão.

—Isso está sempre aqui? — Eu perguntei enquanto ele empilhava as toras divididas. —A lenha.

— Não, eu, uh... Eu trouxe ontem.

—Você? — Meu queixo caiu.

— Por mais tentador que seja deixar a neve e o frio afastarem você, a última coisa de que precisamos é uma garota da cidade morrendo de frio na propriedade do rancho. Vai contra o folheto de vendas do resort.

Eu bufei. — Isso foi uma piada? Quem diria que Easton Greer tem um senso de humor enterrado sob os comentários maliciosos e censura murmurada?

Ele franziu a testa.

Previsível, este homem. —Ah, aí está o rosto que eu reconheço. Fiquei preocupada por um momento.

O cronômetro apitou no forno antes que ele pudesse dar uma resposta sarcástica. Sorri para mim mesma enquanto tirava o jantar do forno. A brincadeira desta noite parecia diferente de nossas brigas normais. Era quase divertida.

Parecia muito com preliminares.

Não que Easton tivesse alguma ideia de me levar para a cama. Pelo menos não de novo.

Com os nossos pratos servidos, sentamos e começamos a refeição em silêncio, nenhum de nós fazendo mais do que dar as primeiras mordidas.

—Uau. Isso é incrível. — A caçarola era a definição de comida caseira. Estava quente e com queijo com a quantidade certa de sal e aquelas abençoadas batatas com amido.

— Eu lhe disse, — ele disse, servindo seu prato em segundos. — Você e Kat parecem estar se dando bem.

— Sempre nos demos. Antes de eu ir embora.

— Vocês moraram juntas, certo? Na Califórnia?

Eu não tinha certeza de onde vinha essa curiosidade, mas preferia conversar durante uma refeição tranquila. Eu já tinha comido sozinha o suficiente na minha vida para preferir companhia, mesmo que fosse rabugento. — Em um ferro-velho fora de Temecula.

— Quando Kat nos contou sobre isso, eu não acreditei nela no começo. Não porque eu achasse que ela era desonesta. Simplesmente não parecia... Eu não conseguia entender.

— Isso é porque você cresceu com uma família em um lar amoroso. — Eu contei minha história para pessoas suficientes para saber o motivo pelo qual Easton lutou para entender, ele tinha bons pais.

—Havia seis de vocês?

—Sim. Uma das crianças morava no bairro onde cresci. Karson. Ele fugiu quando tinha dezesseis anos e, como parecia uma ideia muito boa, eu também fui embora. Depois de uma noite particularmente ruim em casa, finalmente tive o suficiente. — Foi impulsivo, — disse a Easton. —Eu não tinha uma mala feita. Não houve preparação. Nenhuma pilha de dinheiro escondido debaixo do meu colchão ou um estoque de roupas e comida extras. Um dia morava com minha mãe. No dia seguinte, morava com Karson em um ferro-velho e dormi no chão.

—Jesus. — Seu garfo estava congelado no ar. Seus olhos estavam cheios de pena.

—Não faça isso, — eu sussurrei. —Não tenha pena de mim. Acredite quando digo que o ferro-velho era o melhor lugar. Fugir foi a melhor decisão que já tomei.

Se Easton pedisse mais detalhes, eu não tinha certeza se teria forças para falar sobre isso esta noite. Não falei sobre aquela época com ninguém além do Dr. Brewer e, mesmo assim, parei de vê-la há quatro anos.

Algumas memórias eram melhor deixadas nos cantos sombrios de nossas mentes onde, se tivéssemos sorte, elas cedo ou tarde desapareceriam.

—Londyn veio atrás de mim. — Forcei um sorriso enquanto comia outra mordida. — Os pais dela eram viciados em drogas.

—Os de Katherine também, certo?

Eu concordei. — Sua mãe. Acho que ela nunca conheceu o pai. Karson estava trabalhando em um lava-rápido e a conheceu.

Ela estava implorando por uma mudança, então ele a trouxe para o ferro-velho naquele dia. Ele nos apresentou. Na verdade, ela foi para casa depois disso, e apareceu duas semanas depois com um saco de lixo cheio de roupas e um olho roxo.

A mão de Easton agarrou seu garfo com tanta força que me preocupei que o metal quebrasse. —Ela não nos disse isso.

— Não gostamos de falar sobre isso.

—Isso é fodido, — disse ele. — Não que você não goste de falar sobre isso. O olho roxo.

Você não tem ideia. — Depois de Katherine vieram duas outras meninas. Gêmeos. Aria e Clara viveram no parque de caravanas de Londyn com seu tio depois que seus pais morreram em um acidente de carro. O tio estava mentalmente mal. Ele me assustou muito na única vez que o vi. — A imagem de seus olhos redondos ainda me dava arrepios. — Eles vieram para o ferro-velho um dia, de mãos dadas e usando mochilas, e somaram seis.

— Vocês eram apenas crianças. Vivendo na sujeira. — Ele balançou a cabeça, erguendo os cílios. Quando seus olhos encontraram os meus, eles não estavam cheios de pena desta vez. Eles eram suaves. Amáveis. Ele quase olhou com... orgulho. — E você acabou de vender sua empresa por doze milhões de dólares. Bom para você, Gemma. Bom para você.

Se era sua expressão ou a sinceridade de suas palavras, eu não tinha certeza. Mas eu queria tanto naquele momento chorar. Deixar Easton ser legal comigo e parar de segurar aquele braço que mantinha todos à distância.

Mas eu não chorei.

Eu não abaixei meu braço.

Em vez disso, levantei meu copo e bebi o último gole do meu vinho.

Então eu comecei uma briga.

—Você gosta do seu trabalho como gerente assistente do rancho?

Capítulo Oito

Easton

Gerente assistente

Essa mulher sabia exatamente onde estavam minhas opiniões e quão difícil era cutucá-las.

Fazia duas semanas desde que eu saí da cabana, irritado e com raiva por ela saber muito bem que eu estava no comando do rancho, mas propositalmente me irritou.

Se Gemma não estava fugindo das pessoas, ela as estava empurrando para longe.

Nas últimas duas semanas, ficamos longe um do outro. Pelo menos, o melhor que podíamos, considerando que trabalhamos juntos e minha família puxou Gemma para o rebanho.

Minha família a amava, especialmente a vovó e a mamãe.

Depois da caçarola da mamãe, Gemma mandou um buquê de duas dúzias de rosas, entregue de Missoula, como agradecimento pelas refeições. Vovó tinha recebido uma caixa de vinho caro no dia seguinte.

Sempre que eu ia ao chalé, ela estava na recepção com um sorriso esperando. Embora nunca para mim. Esses sorrisos desapareceriam no segundo em que eu entrava pela porta. Mas era bom ter um rosto alegre atrás daquela mesa.

Para os hóspedes.

A única razão pela qual eu não estava usando a entrada traseira foi porque o estacionamento atrás da loja estava sempre lotado de equipamentos de funcionários. Minhas viagens para a cabana não tinham nada a ver com Gemma ou seu sorriso.

E esta viagem para a cabana foi por necessidade, não porque eu não a via há três dias.

Meu caminhão saltou na estrada áspera. Parecia haver mais solavancos do que o normal. Fiz uma nota mental para que o vovô encontrasse Gemma um caminhão velho para dirigir, já que isso não seria bom para o Cadillac.

Se o carro fosse arruinado, bem, seria uma farsa para o clássico americano.

E Gemma iria ficar.

Meu plano saiu pela culatra, algo que eu não admitiria, não importa quantas vezes Cash tenha me criticado sobre isso esta semana.

Se ela fosse ficar, teríamos que ter certeza de que ela teria as ferramentas certas para sobreviver no rancho e na cabana durante o inverno.

A maior parte das folhas das árvores haviam caído nas últimas duas semanas, as laranjas e as amarelas cobrindo o chão e escurecendo para o marrom. Este outono foi curto graças à frente fria que se abateu sobre a semana anterior. Todas as noites caíram abaixo de zero e não estávamos nem dez dias em outubro.

A previsão da próxima semana era de neve.

Eu estava simplesmente feliz por termos tirado o gado das montanhas, mesmo que papai tivesse conseguido o que queria e eles tivessem sido colocados exatamente nas pastagens opostas onde eu planejava tê-los.

Nós discutimos. Ele ganhou.

Ontem, eu estava tão frustrado que passei meu dia trabalhando sozinho.

Uma nuvem de fumaça subiu acima do trecho de pinheiros e, quando dobrei a última esquina da estrada, avistei a cabana e vi Gemma do lado de fora, os braços carregados de madeira. O som do meu diesel pegou seus ouvidos e ela parou, me observando estacionar ao lado de seu Cadillac.

— Ei, — eu disse enquanto saía.

—Oi. — Ela me deu um pequeno sorriso e desapareceu dentro. Quando ela voltou para a varanda, ela escovou as manchas de casca de árvore que tinham grudado em seu suéter.

Este era verde-oliva, igual ao primeiro dia em que ela chegara, quase um mês atrás. Ela parecia bonita e relaxada, parada na porta da cabana. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo que fluía sobre seu ombro em ondas soltas.

Respire, Easton. Ela é apenas uma mulher bonita.

—O que aconteceu? — Ela perguntou.

Limpei minha garganta e empurrei meu queixo para a caçamba da caminhonete. —Eu tenho um carregamento de madeira para você.

—Obrigada. Estava começando a ficar fraco. — Ela esfregou as mãos para cima e para baixo nos braços, estremecendo com uma rajada de vento. —Está frio.

—Isso deve durar algumas semanas.

— Deixe-me pegar meu casaco e ajudarei.

—Certo. — Talvez a coisa cavalheiresca a fazer fosse eu mesma descarregar a meia corda. Mas eu cresci com avós que trabalharam lado a lado durante toda a vida. Meus pais também. E Gemma não era o tipo de pessoa que ficava parada assistindo o trabalho de outra pessoa.

Peguei outro par de luvas de couro da caixa do jóquei da minha caminhonete e coloquei na porta traseira para ela. Então comecei a transportar cargas para a prateleira de metal que meu avô havia soldado há cinquenta e alguns anos.

Gemma juntou-se imediatamente, sem falar muito enquanto nos cruzávamos. Cada vez que eu caminhava para a caminhonete,

ela se afastava com madeira nos braços. Então eu carregava e fazíamos o inverso.

Isso significava que, a cada viagem, compartilharíamos um olhar estranho, então pressionei com mais força, tentando mudar o tempo. Mas quanto mais rápido eu empurrava, ela empurrava. Não importava o quão rápido eu andasse ou carregasse, ela estava mantendo o ritmo.

Ninguém poderia acusar Gemma de negligência.

Quando as toras divididas que podíamos alcançar do solo foram empilhadas, acenei para que Gemma entrasse. —Por que você não sobe na parte de trás e empurra a madeira em direção à porta traseira.

—Ok. — Uma daquelas longas pernas se levantou e em um movimento rápido ela se levantou.

Isso não deveria ter sido um movimento sexy, mas meu pau estremeceu. Suas pernas, envoltas em jeans desbotados, estavam no nível dos olhos. Quando ela se curvou, eu tive a visão perfeita de sua bunda e minhas palmas se contraíram, querendo apertar suas curvas e moldá-las às minhas. *Porra.* Este era o motivo pelo qual eu a estava evitando por duas semanas. Porque todas as noites, quando ia para casa, eu tinha que me masturbar no chuveiro com a imagem de suas pernas em volta dos meus quadris e minhas mãos gananciosas em seu corpo.

Gemma e eu discutíamos. Estávamos na garganta um do outro, e era porque se não lutássemos contra essa atração, se cedêssemos... estaríamos condenados.

Abaixei meu olhar e foquei no trabalho em mãos, me recusando a olhar para ela até que o trabalho fosse feito.

Quando o último tronco foi empilhado, ela saltou e eu fechei a porta traseira.

—Obrigada. — Ela removeu as luvas que eu tinha emprestado a ela e me entregou.

—Sem problemas.

— Quanto tempo demorou para cortar e dividir tudo isso?

Dei de ombros. —Algumas horas.

Isso foi o que eu fiz ontem quando fugi para trabalhar sozinho.

— Agradeço, — disse ela.

—Eu sei. — Gemma, ao contrário de muitas pessoas com sua riqueza substancial, apreciava o esforço dos outros. Acenei e caminhei até a porta da minha caminhonete, abrindo-a e estava prestes a entrar quando ela me parou.

—Easton?

—Sim?

— Quer ficar para o jantar?

Se eu ficasse, provavelmente teríamos uma briga. Seria mais inteligente recusar, eu tinha trabalho a fazer e já planejava parar no chalé para jantar. Em vez disso, joguei as luvas na caminhonete e bati a porta. —Sim.

Não era sobre a comida.

Era Gemma.

Ela baixou o queixo, escondendo o sorriso enquanto passava por mim e entrava na cabana.

Eu a segui, tirando minhas botas ao lado dos seus sapatos dentro da porta, então fui até a lareira para adicionar outra lenha. —Está ficando quente o suficiente aqui à noite?

— Tem sido ótimo. Muito aconchegante. — Ela foi até a geladeira. — Cerveja, água ou leite com chocolate?

Leite com chocolate era um alimento básico em minha dieta, mas vi que ela havia servido uma taça de vinho. —Cerveja, por favor.

Ela pegou uma garrafa âmbar e torceu a tampa, trazendo-a para mim na sala de estar. Então ela voltou para a cozinha, onde estava cortando alguma coisa, quando eu cheguei. —Vamos comer espaguete.

— Quer ajuda?

—Não, tudo bem. Isso é fácil.

Sentei-me no sofá e olhei ao redor da sala. Era a mesma cabana que conheci durante toda a minha vida, os mesmos móveis, mas havia algo diferente nela. Era mais aconchegante e mais... íntimo. Talvez fosse porque o vento estava soprando lá fora, farfalhando as árvores, e aqui havia o crepitar de uma fogueira, o cheiro de alho e cebola, e uma linda mulher parada na cozinha, bebendo vinho e fazendo uma refeição para nós.

Era impossível não olhar para ela enquanto se movia. Para apreciar o balanço de seus quadris e a forma como seu rabo de cavalo balançava no meio de suas costas. Uma mecha de cabelo ficava caindo de onde ela o colocava atrás da orelha, e sempre que

ela olhava na minha direção, havia um rubor rosado em suas bochechas.

Ela era fascinante. Ela me puxou para um universo alternativo onde havia apenas nós.

—Então você foi daqui para Boston, certo? — Eu perguntei, precisando ter uma conversa antes de fazer algo apressado como sair do sofá para beijá-la na cozinha. Não precisava provar os lábios de Gemma. Eu tinha provado uma vez e eles eram doces e destrutivos, como uma maçã envenenada. Então, eu me manteria sentado neste sofá até a hora de sair.

—Isso mesmo. — Ela assentiu. —Suponho que você esteja aqui desde que fui embora.

—Além das férias ocasionais, é isso para mim. — Eu trabalharia aqui, viveria aqui e, se Deus quiser, morreria aqui também.

—Já se casou? — Eu perguntei, por nenhuma outra razão senão eu queria saber.

Talvez a maioria das mulheres se ofendesse com a pergunta direta, mas Gemma não. Ela me encarou e encostou o quadril no balcão. —Não. Você?

Eu balancei minha cabeça. —Não.

—Namorada?

—Atualmente não. — Tomei um gole da minha cerveja, bebendo o líquido e seus lindos olhos castanhos. — Eu não tenho tempo para uma namorada.

—Porque você está muito ocupado com o trabalho.

—Sim. Como gerente assistente, —eu murmurei.

Ela jogou a cabeça para trás e riu, o som musical mexendo com algo no meu peito. Fazendo a vontade de ficar ainda mais forte.

Gemma largou o vinho para partir um pouco de macarrão ao meio e colocou em uma panela com água fervente. Em seguida, ela cruzou a sala, flutuando com uma graça fácil, para se enrolar na cadeira ao lado do sofá. — O que está acontecendo com o rancho hoje em dia?

— O mesmo de sempre. Sempre desejamos chuva e bons preços para o gado. O resort cresceu nos últimos anos, Kat recebe muitos créditos por isso, o que adiciona um nível de complexidade. Mais funcionários, mais hóspedes, mais problemas. Mas estamos entrando em um bom ritmo. Principalmente, minhas dores de cabeça vêm de homens com o sobrenome Greer.

— Jake e JR.

—Sim. — Não era algo que eu confidenciei a ninguém, exceto Cash em tantas palavras. Mas conversar com Gemma, apesar de como ela me frustrava e provocava, era surpreendentemente fácil. Ela escutava. Ela não fazia o papel de mediadora como os membros da minha família e tentava resolver o problema.

Às vezes, tudo que eu realmente queria era uma pessoa que me ouvisse.

— Eles não querem desistir—, eu disse. —E eu gostaria de poder dizer que não entendo, mas quando um lugar é toda a sua vida, quando você dá tudo ano após ano, eu entendo. É apenas...

—É sua vez.

— Quero desenvolver nosso legado. Quero levar a fazenda e o resort um passo adiante e ser capaz de dar isso à próxima geração. É difícil quando eles não querem desistir. Quando ninguém se preocupa em pedir sua opinião e quando você toma uma decisão, é sob um microscópio.

—Faz sentido. Quando vendi minha empresa, os novos proprietários me perguntaram se eu ficaria por um ano e atuaria como CEO interinamente. Mas eu sabia que odiaria. Eu não iria obedecer às regras de outra pessoa quando as fazia há tanto tempo.

—Então, o que você faria se fosse eu?

Ela correu um dedo pela borda do copo. —Não acho que você queira minha resposta.

Não, eu tinha certeza que sim. —Diga-me.

— Se esta fosse minha casa, se esta fosse minha família, eu agradeceria minhas estrelas da sorte por eu ter um avô e um pai que ainda estão tentando dar o que eles têm a oferecer, porque preferem morrer do que me ver falhar.

—Bem, foda-se.

Gemma riu. —Eu disse que você não queria minha resposta.

—Não, você está certa. — Suspirei. — Você está completamente certa e eu odeio isso. — Porque eu não iria falhar. E se eu fizesse, eles estariam lá para me pegar.

— Posso ter empatia de onde você vem, — disse ela. — E no seu lugar, eu sentiria o mesmo. Mas você está falando com alguém cuja mãe pensava que a próxima geração estaria lá, para servir seus namorados quando eles ficassem entediados com ela.

A garrafa de cerveja quase escorregou dos meus dedos. — O que?

—Não sei por que disse isso. — Gemma pulou da cadeira e voltou para a cozinha.

Ela me deixou sem palavras enquanto fugia.

Mas desta vez, Boston não era uma opção. E em uma cabana desse tamanho, simplesmente não havia muito onde ela ir.

Era este o seu mecanismo de defesa? Ela fechava e excluía as pessoas. Ela as afastava. Foi por isso que ela partiu onze anos atrás? Porque eu a fiz sentir? Porque aqui, ela teria uma família que não a teria deixado varrer o passado para debaixo do tapete. Ela esteve se escondendo em seu trabalho desde então?

Eu coloquei minha garrafa de lado e caminhei para a cozinha enquanto ela agitava furiosamente o molho fervente. — Gemma.

—Por favor, esqueça que eu disse isso.

Aproximei-me e coloquei aquela mecha de cabelo atrás da orelha. —Não posso fazer isso, querida.

Ela largou a colher e olhou para mim com olhos suplicantes. — Não gosto de falar sobre minha mãe ou essa parte da minha vida. Passei anos fazendo terapia e, na minha última sessão, jurei que não precisava falar sobre isso novamente. Eu realmente não sei por que isso escapou.

— Não precisamos falar sobre isso. — Minha mão se encaixou perfeitamente em sua nuca. —Mas eu estou aqui se você mudar de ideia.

—Obrigada. — A tensão diminuiu de seus ombros enquanto eu deslizei meu polegar sobre a pele abaixo de sua orelha.

Eu só queria tocá-la por um segundo. Para mostrar a ela que eu estava aqui e nada mais. Mas não existia tal coisa como um toque quando se tratava desta mulher. Um zumbido correu sob minha pele. A eletricidade estalou entre nós e aquela atração, a gravidade que a rodeava, me sugou. Minha mão percorreu sua espinha e seus lábios estavam tão próximos que tudo que eu tive que fazer foi pegá-los.

Gemma estremeceu, inclinando-se ao meu toque, enquanto seu olhar caiu para minha boca. Sua língua saiu e molhou seu lábio inferior.

Então a panela de macarrão transbordou. O chiado da água batendo no fogão nos separou.

Abaixei minha mão e dei um passo para trás enquanto Gemma procurava o botão para desligar o gás.

— Isso provavelmente está quase pronto, — disse ela.

—Vou pôr a mesa. — E tomar um minuto para colocar minha cabeça no lugar.

Cristo, eu deveria ter ficado no sofá.

Os pratos não estavam no mesmo armário onde a vovó sempre os guardou, e os talheres estavam em uma gaveta diferente. Admitir que a disposição da cozinha de Gemma era mais funcional só confirmaria em voz alta que ela estava se encaixando, tornando este lugar sua casa, então guardei isso para mim.

Eu empilhei uma pilha de macarrão no meu prato, coloquei no molho e comi. —Isso está ótimo.

—Na verdade, é a receita da sua mãe.

— Molho pronto com alguns ingredientes? Ela tentou me ensinar, mas nunca consegui acertar os enfeites e acabei ficando apenas com o molho pronto.

Gemma sorriu, enrolando um cordão de macarrão no garfo. — Quando eu estava aqui antes, sua mãe estava cobrindo o cozinheiro por um dia. Havia um frio horrível correndo por aí, então não havia muitos de nós para alimentar. Londyn, Katherine e eu éramos saudáveis, sempre achei que o ferro-velho nos proporcionou um sistema imunológico de aço, então fomos à cozinha para ajudá-la.

Eu me inclinei na minha cadeira, observando-a enquanto ela falava, porque ela cativava esse tipo de atenção.

Você deixou seus talheres para uma mulher como Gemma Lane.

— Ela nos ensinou como fazer seu espaguete, — disse ela. — Foi a primeira vez que alguém me ensinou a cozinhar.

— Está delicioso. Tão bom quanto o dela. Você cozinha com frequência?

—Não. — Ela balançou a cabeça. —Eu trabalhei. E é meio deprimente cozinhar para uma pessoa todas as noites.

—Eu sei como é. — Voltei para minha refeição, nós dois comendo sem muita conversa.

Quando meu prato estava limpo, inclinei-me mais na cadeira, sem fazer nenhum movimento para sair. Não havia nenhum outro

lugar que eu queria estar no momento. A única coisa que me esperava em casa era a televisão e uma pilha enorme de roupa suja. E a companhia de Gemma era viciante.

— Quer saber o verdadeiro motivo pelo qual saí de Boston? — Ela perguntou.

Ela me disse que era porque ela vendeu sua empresa e queria uma mudança de cenário, mas eu me perguntava ultimamente se isso era apenas uma meia-verdade. —Sim.

— Eu não sentia nada pela minha vida. — Ela levantou um ombro, como se estivesse tão confusa quanto eu por que ela estava me dizendo essas coisas. Então ela baixou o olhar, escondendo a emoção em seus olhos ao brincar com o espaguete não comido em seu prato.

Eu não piscava. Não respirava. Não me mexi com medo de que ela parasse de falar.

— Não sei quando fiquei dormente. Eu costumava sentir coisas. — Ela olhou para cima e forçou um sorriso muito brilhante. — Raiva, aborrecimento ou excitação. No dia em que fui abordada sobre a venda de Gemma Lane, essa ideia nem havia passado pela minha cabeça. Eu nem sei por que me distraí, mas estava almoçando com uma antiga colega e ela me perguntou se eu estava doente.

— Você estava?

—Eu não fico doente. — Ela balançou a cabeça. — Levei um minuto para descobrir do que ela estava falando. Mas então percebi

que ela achava que eu estava cansada. E eu não estava. Eu realmente não estava. Eu só estava... vazia.

— Talvez você estivesse pronta para uma mudança de carreira.

Ela balançou a cabeça. — Uma mudança de vida. Não era apenas trabalho. Eu estava namorando esse cara e ele me pediu em casamento.

Uma onda de ciúme correu em minhas veias, mas eu a deixei de lado.

—Obviamente, eu disse não. — Ela mexeu os dedos nus da mão esquerda. — Então eu tinha uma amiga que pensava que eu estava doente. Um homem que queria compartilhar sua vida comigo, mas em vez disso, quebrei seu coração. E tudo se juntou e me fez parar. Eu olhei para o ano passado e percebi que estava indo dia após dia e não sentia... qualquer coisa.

Seus olhos ficaram vidrados, mas ela segurou firme, não deixando uma lágrima cair.

Eu estendi minha mão sobre a mesa e cobri a dela. —Gemma.

— Eu não quero viver assim. — Ela virou a mão para que nossas palmas estivessem pressionadas juntas e olhou para eles, minha mão larga quase cobrindo seus longos dedos.

— E desde que você chegou aqui? Sentiu alguma coisa?

Seus olhos brilharam para os meus. —Alguns dias.

—Além da frustração comigo?

Um sorriso se espalhou por seu rosto deslumbrante. —Talvez.

— Ótimo. — Uma onda de orgulho cresceu em meu peito porque eu fiz isso. Eu. Eu coloquei aquele sorriso lá e era meu. — Que bom que consegui irritá-la.

—Entre outras coisas. — Ela riu e soltou a mão, depois pegou nossos pratos e os levou para a pia.

— Quer ajuda para lavar?

—Pode deixar comigo. Quer outra cerveja?

—Melhor não.

Se eu ficasse, não iria embora. Havíamos deixado a briga de lado esta noite, e ambos sabíamos que isso estava indo para um território perigoso. Ela estava em um estado emocional estranho e eu sabia que nada iria mudar.

Gemma ficaria até o Natal, principalmente porque eu a desafiei. Em parte, porque ela queria. Então iria para a Califórnia, me deixando para trás.

Eu passei outros onze anos me perguntando o que aconteceu com Gemma.

Eu me levantei da mesa. —Obrigado pelo jantar.

— Obrigada por ficar. E pela lenha.

— Até logo. — Eu fui até a porta para puxar minhas botas. Então abri a porta antes de decidir que beijá-la valia mais onze anos de espera.

Capítulo Nove

Gemma

No momento em que ele abriu a porta, eu corri atrás dele. — Easton, espere.

—Sim?

Eu atravessei a sala, sem me importar que o ar frio da noite estivesse afastando o calor do fogo e entrei em seu espaço.

De pé diante dele, descalça, seu corpo alto e forte envolveu o meu. Ele me fez sentir pequena, segura e protegida. Ele me fez sentir livre para ser eu mesma.

Easton me fez sentir. Ponto final.

Eu não estava pronta para ele ir e levar o sentimento com ele. Ainda não. Não quando fiquei entorpecida por tanto tempo e com ele aqui, eu estava viva.

—Eu sinto muito.

Sua testa franziu. — Pelo que?

— Por partir como eu fiz. Depois daquela noite, não deveria ter ido embora sem um adeus.

— Tudo bem. — Seu olhar era ilegível. —Nós éramos jovens. Foi apenas uma conexão.

Exceto que não foi uma conexão.

Easton foi o meu primeiro.

Não que eu fosse virgem, mas foi ele quem eu escolhi. Eu.

Quando eu tinha quatorze anos e ainda morava com minha casa, perdi minha virgindade com um cara que trabalhava como balconista em um posto de gasolina perto da minha vizinhança. Eu pedalei na minha bicicleta para ficar longe da minha mãe por

algumas horas. Eu fui usar o banheiro e ele me parou no caminho. Ele perguntou se eu queria uma caixa de cerveja, oferecendo-se para vendê-la para mim, embora soubesse que eu não tinha vinte e um anos.

Em vez disso, escolhi vinho porque minha mãe servia cerveja ao namorado. E eles eram lixo. Eu ia ter classe e isso significava beber vinho, ou era para o meu cérebro de quatorze anos. O garoto tinha vendido para mim, e eu fiquei no posto de gasolina bebendo enquanto ele terminava seu turno de sábado.

Então, em um beco escuro que cheirava a lixo, eu o deixei tirar minha virgindade no banco de trás de seu carro.

Aquele garoto não foi minha escolha. Sim, eu o escolhi, mas não porque me senti atraída por ele ou gostei dele ou lembraria seu nome. Eu o escolhi simplesmente para que eu pudesse dar minha virgindade, não que ela fosse tirada. Eu estava com medo de que, cedo ou tarde, um dos homens que mamãe havia trazido me levasse contra a minha vontade.

Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, um deles não ficaria satisfeito quando ela me fazia assistir ou quando ela me fazia tocar.

Mas Easton, ele era meu.

Ele foi o primeiro homem que eu desejei.

Houve inúmeras noites desde quando eu me lembrava da sensação de estar em seus braços e como ele me segurou. Como me beijou com ternura e como ele cuidou do meu corpo.

Na manhã em que deixei sua cama, antes do sol nascer, meus passos nunca foram mais pesados.

Easton foi tão bom comigo. Ele estabeleceu o padrão para os futuros homens em minha vida e nenhum deles se igualou.

Não, não foi uma conexão.

Aquela noite foi tudo para mim.

—Conexão ou não, obrigada. — Coloquei a mão em seu coração. —Aquela noite significou muito para mim.

Easton me estudou, tentando descobrir de onde isso estava vindo. Talvez ele finalmente me descobrisse, como parecia que ele estava tentando.

Talvez se ele tivesse, pudesse me dar uma pista porque eu estava tão ferrada agora, quando estava aos dezesseis anos.

Minha mão se levantava e caía com a elevação do seu peito. Meus dedos pareciam minúsculos comparados com a amplitude de seus ombros. Através do algodão de sua camisa, seu coração pulsava em batidas constantes e o calor de sua pele aqueceu a minha. Deixei a faísca entre nós afundar profundamente em minhas veias.

Easton cobriu minha mão com a dele, me prendendo contra ele. —O que você quer, Gem?

Um lugar.

Um lugar seguro. Um lugar para sempre.

Talvez aquele lugar não existisse para mulheres como eu, então fiquei de pé, joguei meu braço livre em seus ombros e escovei meus lábios contra os dele antes de lhe dar minha segunda escolha. —Você.

Ele não hesitou. Easton esmagou seus lábios nos meus, deixando minha mão ir para que ambos os braços pudessem me envolver. O calor de seu corpo se espalhou como fogo, correndo pelo meu corpo e roubando meu fôlego.

Eu ofeguei quando ele me levantou da ponta dos pés e deu um longo passo para dentro da cabana, fechando a porta atrás de nós com sua bota.

Sua língua varreu para dentro da minha boca, torcendo e enredando com a minha, enquanto uma onda de desejo se agrupava em meu núcleo. A ereção sob sua calça jeans cavou em meu quadril e seu comprimento duro apenas aumentou o frenesi.

Eu estava carente. Dolorida. Derretendo-me em seu corpo forte. Eu segurei seu lábio inferior, sugando-o em minha boca enquanto meus braços se agarravam a ele.

—Pare. — Ele quebrou o beijo, ofegante. — Você tem certeza?

—Se você sair por aquela porta sem me transar comigo, nunca mais vou falar com você.

O canto de sua boca se ergueu. —Promessa?

Eu ri e me inclinei para pegar seu lóbulo da orelha entre meus dentes. — Easton. Transe comigo.

—Tudo o que você disser, querida. — Sua boca se agarrou à pele do meu pescoço e ele nos girou em direção à sala de estar, mas parou depois de dois passos. —Espere. Droga. Eu não tenho camisinha.

Apontei por cima do ombro para o cabide. — Bolsa.

Easton nos girou novamente, rosnando contra minha pele enquanto caminhava. Suas mãos caíram para a minha bunda, espalmando-a com as mãos grandes antes de me colocar no chão para que eu pudesse puxar minha bolsa do gancho e procurar.

Seu peito bateu nas minhas costas e seus lábios encontraram o ponto sensível abaixo da minha orelha. A carícia de sua respiração e o calor úmido de sua língua deixaram meu cérebro tonto e eu cambaleei. Seus braços me envolveram e uma mão segurou meu seio enquanto a outra foi para o botão da minha calça jeans.

— Apresse-se, — ele ordenou.

Eu estava lutando para segurar minha bolsa, muito menos procurá-la na esperança de encontrar o preservativo que carregava para fins de emergência.

Quando não consegui sentir no bolso interno, comecei a jogar coisas no chão. Brilhos labiais. Canetas. Um pacote de chiclete. Eu arranquei os itens com pressa, apenas querendo encontrar minha maldita carteira enquanto Easton me torturava com seus lábios e mãos.

Meus mamilos estavam duros dentro do meu sutiã e quando ele deslizou a mão por baixo do meu suéter, passando aqueles dedos calejados pelas minhas costelas, comecei a tremer.

— Gemma. Camisinha.

Eu voltei à realidade, agarrando-me ao último fio do meu foco para procurar minha carteira. Quando o peguei, joguei minha bolsa

de doze mil dólares no chão e rasguei a aba da carteira combinando.

Meu dedo atingiu o pacote de papel alumínio no momento exato em que Easton deslizou para dentro da minha calcinha e encontrou meu clitóris.

—Oh, meu Deus. — Eu caí contra ele, deixando-o me segurar enquanto meus olhos se fechavam. — Easton, eu... — Minha capacidade de falar e formar frases coerentes desapareceu enquanto ele brincava comigo, brincando comigo com aqueles dedos experientes.

—Goze. — Sua voz grave fez cócegas na minha pele quando dois de seus dedos deslizaram para dentro. — Goze nos meus dedos.

Eu consegui acenar com a cabeça antes de uma onda de calor se espalhar por meus membros. O êxtase consumiu todos os nervos até que eu me dei conta a sua mão e detonei. Meu orgasmo foi forte, rápido e tão satisfatório. Eu ainda estava cavalgando alto quando ele deslizou as duas mãos livres e girou-me ao redor, me pegando antes que eu pudesse cair no chão.

Easton me arrastou para trás até minhas costas baterem na parede. Ele pegou meu queixo na mão e o derrubou, segurando-me exatamente onde ele me queria quando sua boca caiu sobre a minha.

Minha palma achatada contra seu zíper, esfregando sua excitação através do jeans. Ele gemeu na minha garganta, pressionando mais profundamente no meu toque. Então sua mão

soltou meu queixo para que ele pudesse usar as duas mãos para tirar o jeans dos meus quadris.

Eu os chutei enquanto ele pegava minha calcinha de renda e a tirou do meu corpo.

— Abra. — Ele acenou com a cabeça para o preservativo que eu consegui manter em meus dedos. Em seguida, o som de metal raspando encheu meus ouvidos quando ele puxou o fecho da fivela oval do cinto. O som da abertura do zíper veio em seguida.

—Puta merda. — Meus olhos se arregalaram quando seu comprimento grosso balançou livre. Ele não estava usando nada por baixo daquela calça jeans o tempo todo. Sem boxers ou cuecas. Apenas Easton Greer comandando enquanto estava sentado à minha pequena mesa comendo espaguete.

Muito distraída com a visão de seu pau, quase deixei cair a camisinha. Ele o arrebatou de mim antes que caísse dos meus dedos e colocou o papel alumínio entre os dentes para abri-lo e cobrir ele mesmo.

Então eu estava de pé, suas mãos me levantando no ar com um salto rápido antes de abrir minhas pernas e empurrar para dentro.

—Ah, — eu ofeguei, esticando-me ao redor dele quando ele caiu para frente, amaldiçoando e gemendo em meu pescoço. — Mova-se.

Ele balançou sua cabeça.

— Easton, mova-se. — Cravei minhas unhas em suas costas, arranhando sua camisa. Isso me rendeu um beliscão na minha

mandíbula quando ele deslizou para fora apenas para empurrar para dentro novamente, desta vez indo ainda mais fundo.

Meu corpo inteiro estremeceu.

—Porra, isso é bom.

Eu cantarolei meu acordo enquanto ele deslizava para dentro e para fora mais uma vez.

Nós nos movemos juntos, seus quadris rolando para frente enquanto eu aproveitava a parede para encontrar seus golpes. O som de batidas na pele e respiração difícil encheu a sala. Ele manteve seus olhos fixos nos meus, aquele olhar intenso perfurando o meu a cada movimento. Easton me manteve cativa, imobilizada e à sua mercê.

A construção do meu segundo orgasmo foi mais lenta do que o primeiro, mas não demorou muito para Easton me levar ao ponto de ruptura. As faíscas se acumularam e eu senti, eu senti tudo, enquanto chegava ao limite. A explosão foi devastadora. Ele me quebrou completamente, me deixando em pequenos pedaços que nunca se encaixariam da mesma maneira novamente.

— Cristo, Gem, — ele sussurrou, inclinando-se para mim enquanto eu apertava em torno dele, pulso após pulso sem fim, até que ele gemeu em meu ouvido e estremeceu com sua própria liberação.

Eu desabei sobre ele enquanto ambos descíamos, meus braços moles e desossados enquanto eu colocava meu peso nele. Meu rabo de cavalo estava solto e meu cabelo estava enrolado em volta de nós. Meus tornozelos estavam travados em suas costas e meu

suéter de cashmere provavelmente estava arruinado por causa desse encontro com uma parede de toras.

Bem como minha calcinha de renda francesa, eu não conseguia encontrar energia para me importar.

Com um beijo na minha têmpora, Easton me ajudou a ficar de pé, segurando meu cotovelo enquanto eu encontrava meu equilíbrio. —Tudo bem?

Eu balancei a cabeça e tirei meu cabelo do rosto. —Eu estou bem.

—Volte. — Ele puxou a calça jeans para cobrir a bunda, o zíper e o cinto soltos, enquanto ele desaparecia no corredor para o banheiro.

Pisquei para afastar a névoa e procurei meu jeans. Entrei neles e abotoei quando ele saiu.

Jeans com zíper. Correia presa. Camisa dobrada.

Seus olhos piscaram entre mim e a porta.

—Então... — Peguei o pedaço de tecido conhecido anteriormente como minha calcinha.

—Eu não sou bom nisso, — ele admitiu, passando a mão pelo cabelo que eu tinha bagunçado em algum momento. —O depois.

O depois? Oh. Depois de uma conexão. Certo.

—Então vamos pular isso. Boa noite, Easton.

Ele suspirou e caminhou em direção à porta, hesitando por um momento como se fosse vir e me beijar. Mas ele não fez isso. Ele girou a maçaneta, ergueu o queixo e disse: —Boa noite, Gemma.

— Ei. — Bati na porta aberta do escritório de Katherine.

— Ei. Você terminou hoje?

— Sim. — Peguei minha cadeira de costume, aquela em que me sentava todas as tardes neste horário. —Meu alívio chegou.

Annabeth contratou uma colegial local para trabalhar na carteira depois da escola todas as noites. Foi uma ótima locação para a equipe de longo prazo do resort. Para mim, isso significava que depois das quatro horas, eu não tinha nada para fazer a não ser ir para a cabana. Sozinha.

—Quer jantar? — Eu perguntei.

—Eu não posso esta noite. — Katherine revirou os olhos. —Eu tenho uma reunião do conselho municipal.

— Bem, olhe para você. Você faz parte do conselho municipal.

Ela encolheu os ombros. — Sentei-me depois que Liddy deixou o cargo no ano passado. Vamos deixar para a próxima?

—Certo. — Eu sorri, desejando ter sua agenda lotada como a que eu costumava ter em Boston.

Porque se eu tivesse reuniões e compromissos todas as noites, não iria para casa e insistiria no fato de ter feito sexo com Easton na noite passada. Eu já tinha passado o dia pensando demais.

O que eu estava pensando? Como eu deveria estar perto dele agora? Como eu deveria agir durante o jantar em família ou quando ele entrasse na cabana ou quando eu o encontrasse lá fora?

Aquilo foi apenas mais uma de suas conexões? Ele fazia isso com outras pessoas no resort? Algumas garotas bonitas trabalhavam aqui. Eu as tinha visto indo e vindo enquanto trabalhavam. De certa forma, elas me lembraram Katherine, Londyn e eu naquele estágio. Alguma delas chamou a atenção de Easton? Alguma delas implorou por uma aula de equitação?

Vadias.

— Ok, o que há de errado? — Katherine perguntou.

Eu pisquei. —Hã?

— Não sei onde você estava agora, mas a expressão em seu rosto era assassina.

Eu gemi e dobrei para frente, deixando cair meu rosto em minhas mãos. —Eu fiz sexo com Easton.

— O que? — Katherine gritou. —Quando?

—Noite passada. — Eu me encolhi. — E... onze anos atrás.

— Sente-se e desembuche.

Eu obedeci. — Ele veio ontem à noite para entregar lenha. Pedi a ele que ficasse para jantar e... sexo. — Incrível. Inesquecível. Sexo selvagem.

— Você está corando, Gemma, — ela brincou.

Cobri minhas bochechas com as mãos. — Ele é... bem, você sabe. Ele é lindo, irritante e avassalador.

— Então ontem à noite. E há onze anos atrás?

— Foi na noite anterior a minha partida. Ele estava morando em um dos apartamentos ao lado dos aposentos dos funcionários, lembra?

— Sim. Peguei o apartamento dele quando ele se mudou. Ela torceu o nariz. — Eca. Você fez sexo na minha cama.

Eu ri. — Desculpe.

Ela acenou. — Continue.

— Eu estava lá fora vendo o pôr do sol. E ele me encontrou.

Easton não sabia disso na época, mas eu estava lá fora vendo o pôr do sol e memorizando a linha das montanhas desde que estava pronta para partir. E pela primeira vez, ele não me empurrou o queixo e continuou andando. Ele parou, encostou-se na mesma grade da cerca e olhou para o horizonte. Não tínhamos conversado muito. Ele me perguntou se eu gostava daqui.

Eu disse a ele a verdade.

Sim.

Sempre amei o Greer Ranch.

Mas isso não me impediu de ir embora.

— Ficamos do lado de fora até o pôr do sol. Quando ele me acompanhou para dentro, ele tinha esse olhar. Como se ele quisesse me convidar para seu quarto, mas não tinha certeza se eu diria sim. Foi a primeira vez que vi apenas uma pequena rachadura na sua confiança. Então eu o beijei.

Eu passei a noite em sua cama até que ele adormeceu, e então eu escapei. Antes do nascer do sol, tinha caminhado quilômetros até a rodovia e pegou carona até Missoula. Então eu peguei um ônibus e parti para Boston.

— Isso explica por que ele era um bastardo mal-humorado meses depois que você partiu, — disse Katherine. — Eu sempre

pensei que era porque ele estava bravo com você em meu nome. O que era meio fofo, como um irmão mais velho.

— Oh, tenho certeza de que isso também fazia parte. Ele ama você.

— Como uma irmã. Todos eles me amam como uma irmã. — A luz esmaeceu em seus olhos por uma fração de segundo antes de um sorriso se espalhar por seu lindo rosto. — Este é um momento ruim para lembrá-la de que temos uma política de não confraternização para os funcionários?

Peguei um clipe de papel na mesa dela e joguei na sua cabeça. — Você não está ajudando!

Ela riu. — Desculpe. O que você vai fazer com ele?

— Eu não faço ideia. Ele é... complicado.

A atração entre nós era essa carga constante, essa corrente subterrânea impossível de ignorar. Se não estivéssemos na garganta um do outro, brigando, seria inútil e bem... que nos levou a transar contra a parede da cabana.

—O que você faria? — Eu perguntei.

—Fale com ele. Ele está lidando com muita coisa agora e deveria estar no comando, mas as pessoas se esquecem de falar com ele. Eles se esquecem de perguntar o que ele pensa ou como se sente.

Amava minha amiga. E eu a amava ainda mais por ver as lutas de Easton, quando todos os outros por aqui pareciam alheios.

Não era minha função decidir como proceder depois da noite passada, Katherine estava certa. Eu tomei essa decisão da última vez ao ir embora e retirei a escolha de Easton.

Eu não cometeria o mesmo erro duas vezes.

Então, três horas depois, dirigi o Cadillac até a sua casa.

Estava escuro lá fora porque eu esperei até depois do jantar antes de entrar no meu carro. Eu não queria chegar aqui e tê-lo trabalhando em algum lugar do rancho. Katherine havia escrito as direções para sua casa e eu segurei o post-it em uma das mãos enquanto dirigia com a outra.

Eu tive que dirigir para longe do chalé e atravessar a rodovia, para uma seção da propriedade dos Greers que não era usada para o resort. Este era um país de rancho puro com prados abertos rodeados por bosques de árvores e cercas de arame farpado. A estrada de cascalho para sua casa seguia um riacho errante e, quando sua casa apareceu, isso me deixou sem fôlego.

A casa estava centralizada no campo com as montanhas subindo ao longe. A linha do telhado correspondia quase exatamente ao pico mais alto no horizonte. Uma luz dourada inundava as janelas abundantes, chamando-me para mais perto. O revestimento de madeira cor de âmbar combinava com as outras construções do rancho.

A casa, imponente em tamanho e estatura, fazia uma declaração ousada, mas se encaixava perfeitamente em seu ambiente natural. Era exatamente o que eu esperava de Easton, mas surpreendente ao mesmo tempo por causa de sua elegância.

A porta da garagem estava aberta quando eu entrei e Easton saiu com um pano vermelho nas mãos.

Meu coração acelerou ao vê-lo em um par de jeans e uma camiseta branca simples. A barba por fazer cobria sua mandíbula e seu cabelo estava despenteado por causa de um longo dia de trabalho. Uma pulsação surda pulsou entre minhas pernas ao vê-lo. *Droga, ele era gostoso.*

Ele estava usando boxers hoje? Ou ele iria voltar a comandar?

Eu vim aqui com a intenção de falar e apenas falar, mas se ele mostrasse o menor interesse, eu ia quebrar esse plano.

Sentei no meu carro, estacionei, mas não consegui desligá-lo e sair. Eu simplesmente olhei para ele através do para-brisa.

E ele olhou para trás.

Easton quebrou primeiro, uma carranca cruzando seu rosto bonito enquanto ele plantava os punhos em seus quadris em um ultimato silencioso. *Eu ia ou voltava?*

Eu vou.

Respirei fundo e desliguei o carro, saindo para o frio e correndo em direção à garagem. —Ei.

Ele me olhou de cima a baixo. — Onde está seu casaco?

— Eu preciso comprar um. Eu deveria estar na Califórnia em outubro, não em Montana.

Ele pisou na garagem e apertou o botão para fechar a porta atrás de nós. — O que você está fazendo aqui?

—Achei melhor conversar sobre a noite passada.

— Por quê?

Por quê? Sério? — Porque eu pensei que você poderia ter uma opinião sobre o que aconteceu e foi você quem disse que queria que outras pessoas considerassem suas opiniões. Mas, ei, se eu estiver errada e você quiser apenas esquecer que isso aconteceu e voltar a me tratar como uma merda debaixo da bota, ficarei fora do seu caminho até o Natal.

Eu queria me virar e marchar para o meu carro, mas ele me prendeu dentro. A única saída da garagem era pelo botão nas suas costas, então cruzei os braços e atirei-lhe o meu melhor olhar.

Ele passou a mão pelos cabelos grossos, depois seguiu em minha direção.

Eu usava um cachecol por cima do único casaco que havia arrumado, uma jaqueta de couro preta. Easton desembrulhou o cachecol do meu pescoço. — Desculpe.

— Eu não estou aqui para brigar com você.

Easton jogou o cachecol no chão de cimento. Estava tão limpo quanto o chão da cabana. Suas mãos roçaram meus braços, deslizando sobre o macio couro italiano, até que chegaram ao meu rosto. — Eu também não quero brigar.

Sua boca caiu na minha, apagando o traço de irritação e substituindo-a por uma luxúria ardente que me fez empurrar a barra da camisa acima das costelas.

— Dentro, — ofeguei contra seus lábios, puxando sua fivela do cinto. Eu o queria em uma cama e a chance de fazer isso a noite toda.

Easton sacudiu a cabeça e me acompanhou até a bancada que percorria o comprimento da garagem. Abri minha boca para protestar, mas depois me perdi no esquecimento da boca, mãos e corpo de Easton. Quando saí da garagem, uma hora depois, com as pernas bambas, eu tinha um sorriso no rosto, o cheiro dele na minha pele e o gosto na minha língua.

Eu estava saciada. Pela primeira vez em anos, não senti vontade de passar para a próxima coisa. Eu não tinha trabalho ou uma tarefa para resolver. Eu poderia aproveitar o momento.

E eu fiz, nos primeiros cinco minutos da minha viagem para casa. Então eu repeti a noite. E ontem à noite.

Easton e eu transamos duas vezes. Forte. Nas duas vezes, ele transou comigo na superfície mais próxima disponível. Talvez ele estivesse tão desesperado por mim como eu estava por ele.

Ou talvez minha mãe estivesse certa desde o início.

Talvez eu fosse sempre apenas mais uma emoção barata.

Capítulo Dez

Gemma

Evitar um homem que trabalhava e vivia no mesmo lugar que você não era uma tarefa fácil, mas de alguma forma, consegui me esquivar de Easton por três dias.

Ou talvez ele estivesse se esquivando de mim.

Além de um vislumbre dele cavalgando Jigsaw longe dos estábulos ontem, eu não tinha visto nem pele nem cabelo dele desde a noite em que dirigi para longe de sua casa. Ele parecia incrível naquele cavalo. Sua respiração tinha ondulado em uma nuvem ao seu redor, assim como Jigsaw, e ele estava vestindo um casaco de lona pesado, chapéu de cowboy com a aba baixa e calças de couro amarradas em suas longas pernas.

Easton havia aperfeiçoado o cowboy sexy e misterioso. O homem pertencia à capa de um romance, sem camisa, é claro.

Seu apelo de dar água na boca foi a razão pela qual a evasão se tornou necessária.

Quando ele estava por perto, eu não conseguia pensar claramente e eu estava precisando de algum pensamento despreocupado.

Ou eu poderia me inclinar para isso, absorvê-lo até que fosse hora de seguir em frente, ou eu terminava agora.

Meu cérebro estava fazendo pressão pela segunda opção. Seria fácil recuar para o robô que eu era em Boston. Mas meu coração estava lutando para entrar a bordo. Porque droga, aqui estava eu,

vivendo, respirando e sentindo pela primeira vez em muito tempo, e era uma emoção.

Então, novamente, um coração entorpecido não doía quando era quebrado.

Era sexta-feira e os Greers estavam me esperando para o jantar em família, mas a ideia de sentar ao lado de Easton, fingindo que eu não o tive dentro de mim, duas vezes esta semana... bem, isso não era uma opção.

Então, implorei a Katherine para dar minhas desculpas e, como Carol era o tipo de pessoa que iria me encontrar na cabana, fiz o que todos os adultos fariam.

Saí da propriedade Greer.

No momento em que meu turno na pousada terminou, subi no Cadillac e dirigi até Clear River. Fazer compras na pequena mercearia local não tinha levado tanto tempo quanto eu esperava. Quando havia apenas sete corredores, não demorou muito para subir e descer cada um. Duas vezes.

Então, depois de carregar meus alimentos, decidi parar para tomar uma bebida no Clear River Bar.

Eu não era a única que precisava de um coquetel, a julgar pelo estacionamento lotado.

Caminhões de várias marcas e modelos ocupavam todos os espaços, exceto três. Eu coloquei o Cadillac entre um Ford branco e um Chevy preto imundo, então desci e tranquei as portas. Um labrador marrom sentado no Chevy me encarou enquanto a música country enchia o ar. As janelas do bar estavam cheias de letreiros

de cerveja em neon, e o revestimento de estanho vermelho, tinha desaparecido sob anos de sol brutal. Um banner de plástico, camuflado estava amarrado à frente do edifício, anunciando BEM-VINDOS CAÇADORES, em letras laranjas brilhantes.

O cheiro de cerveja e cigarros velhos agrediram minhas narinas quando abri a porta e meus olhos demoraram alguns momentos para me adaptar à luz fraca. A conversa pareceu parar quando toda a sala virou em seus bancos e cadeiras.

O bar estava situado ao longo de um lado da sala, e enquanto eu cruzava o chão de ladrilhos gasto, indo para um dos únicos bancos vazios, a maioria dos rostos seguia meu caminho. Eu nunca senti tantos olhos na minha bunda em minha vida.

Talvez uma bebida foi um erro.

Foi só quando eu estava sentada em um banquinho, o traseiro escondido, que o tambor monótono da conversa recomeçou, fundindo-se com a música do jukebox no canto.

—O que posso lhe oferecer? —A garçonete perguntou, colocando uma base para copos de papel. Além de mim, ela era a única mulher na sala.

—Você tem vinho?

Ela me olhou de cima a baixo, inclinando-se para abaixar a voz. — Você está procurando o resort? Porque eu acho que você pode estar perdida.

—Não, não vou para o resort.

— Então você ficará desapontada. Tudo o que tenho é uma caixa de Franzia, vintage do mês passado.

Eu ri. — Então que tal um refrigerante de vodka com limão?

—Isso eu posso lidar. — Ela sorriu, depois foi para o outro lado do bar, falando com alguns outros clientes enquanto misturava minha bebida. Quando ela trouxe de volta, ela pegou um menu fora da pilha. — Cheeseburgers estão em especial hoje à noite, se você estiver com fome.

— Quero um.

—Batatas Fritas?

Eu acenei com a cabeça. — Por favor.

— É para já. — Ela voltou para o final do bar, me deixando sozinha.

Os dois caras ao meu lado estavam envolvidos em sua conversa sobre política e não prestaram atenção em mim enquanto eu girava o canudo vermelho no meu copo, tilintando os cubos de gelo e cutucando a rodela de limão. Tomei um gole de minha bebida lentamente enquanto olhava o lugar.

Muitos olhos piscaram em minha direção, mas nenhum demorou muito. O homem no banquinho exatamente em frente ao meu terminou sua cerveja, apertou a mão do cara ao seu lado e acenou para a garçonete. Quando ele abriu a porta para sair, outra figura apareceu atrás dele.

Seu chapéu de cowboy mergulhou enquanto ele trocava cumprimentos, então meu estômago embrulhou.

Porque eu conhecia aquele chapéu.

Filho da puta. Como eu deveria evitar Easton em um bar desse tamanho? Ele não deveria estar no jantar?

Ele entrou, examinando a sala e levantando a mão para acenar para algumas mesas. Em seguida, ele caminhou até o bar, tirando o chapéu enquanto puxava o banquinho que acabara de ser desocupado. Ele cumprimentou o cara diretamente à sua esquerda, então sorriu para a garçonete quando ela se aproximou.

O olhar de Easton passou por ela e quando ele me viu, o sorriso sumiu.

Ai.

Eu levantei meu copo, dando-lhe uma saudação silenciosa.

Easton me reconheceu com um único aceno de cabeça.

Meu coração estava na minha garganta quando tomei outro gole, desejando não ter pedido aquele cheeseburger. Desejando estar em qualquer outro lugar que não este, onde eu não tivesse escolha a não ser vê-lo quando olhava para frente.

Como eu deveria evitar aquele queixo forte e aqueles olhos escuros e sonhadores quando eles estavam bem ali?

— Aqui está. — A garçonete saiu da cozinha com uma cesta de plástico forrada com papel manteiga. Pelo menos eu não teria que esperar muito pela minha refeição. O cheeseburger era maior do que meu rosto e a pilha de batatas fritas era o equivalente a três batatas extragrandes. — Espero que você esteja com fome.

Eu estava. — Obrigada.

Cortei o hambúrguer ao meio quando ela voltou ao seu posto, inclinando o quadril contra a barra enquanto ela concentrava toda a sua atenção em um homem.

Easton.

Eu mantive meus olhos na minha refeição, mas a garra do ciúme raspou mais profundamente cada vez que eu a ouvia rir sob a música. Ou quando eu percebia seu sorriso com o canto do olho. Eu estava mastigando com uma fúria raivosa quando ela se inclinou mais perto para sussurrar algo em seu ouvido.

Ele riu. Ela riu.

Ela sorriu. Ele sorriu.

Eu definitivamente não estava rindo ou sorrindo.

Não, eu era sua última conquista, e ele esperou três dias inteiros antes de passar para outra pessoa. Ou talvez voltar para outra rodada com uma ex-amante.

Ela era linda e tinha um rosto delicado. Seu cabelo loiro roçava o topo de seus ombros em ondas de praia sem esforço. Sua camiseta caía o suficiente para mostrar uma sugestão de decote e ela tinha a figura de ampulheta perfeita, curvas que eu só tinha sonhado em ter.

Mas foi o seu sorriso que mais invejei. Era despreocupado e sem esforço. Um lindo sorriso. Um que fez Easton sorrir também, mais largo do que eu tinha visto desde que cheguei em Montana.

Ele não sorria perto de mim, não assim. E como eu suspeitava, era devastador.

—Hei, querida.

Eu estremeci, forçando meus olhos para longe de Easton e da garçonete enquanto um homem se encostou no bar ao meu lado.

—Como você está? — Ele perguntou.

— Ótima, — eu disse impassível, sem vontade de lidar com conversa fiada de um estranho e um cara que provavelmente me via como carne fresca.

Ele trouxe uma cerveja de onde quer que ele saiu e a levou aos lábios enquanto sorria. — Nova na cidade ou apenas visitando.

— Visitando. — Eu dei outra mordida, ocupando minha boca para não ter que falar, e lancei um olhar para Easton.

Seu olhar estava esperando, a tensão em sua mandíbula visível enquanto ele espremia sua própria garrafa de cerveja até a morte.

Por um momento, pensei que ele poderia vir, mas então a garçonete ficou na sua frente, dando a Easton uma foto de seus seios generosos ao nível dos olhos.

Meu apetite sumiu e joguei a porção não comida do meu hambúrguer na bandeja, enxugando minhas mãos e lábios com um guardanapo. Então eu mergulhei em minha carteira, tirei uma nota de cem dólares e coloquei-a no balcão.

Eu não tinha certeza de quanto custava um hambúrguer e um coquetel em Clear River, Montana, mas isso deveria cobrir tudo.

—Já está indo embora? — O homem perguntou.

Sem me preocupar com a resposta óbvia, coloquei a alça da minha bolsa no ombro e, olhos para a frente, saí do bar e fui para a luz fraca da noite.

De certa forma, eu deveria estar feliz por ele ter vindo ao bar. Que ele flertou com outra mulher na minha frente. Eu estava em conflito sobre o que fazer com Easton, mas esta noite foi reveladora.

Este não era o lugar para mim.

Easton não era o homem para mim. Por mais que eu gostasse da minha pequena cabana, eu não cabia aqui. Ele estava certo o tempo todo.

Eu não me encaixava.

Passar três meses aqui não mudaria esse fato. Aposta ou não, eu estava indo embora. Ele poderia se gabar para sua família enquanto eu estivesse a mil e seiscentos quilômetros ao sul, curtindo um pouco do sol da Califórnia.

Eu ficaria tempo suficiente para passar mais algumas noites com Katherine. Mas assim que as compras no meu porta-malas acabassem, eu iria embora.

A luz estava quase acabando quando cheguei em casa, na cabana. As estrelas surgiram com força total e a temperatura estava caindo rapidamente. Antes de descarregar o Cadillac, fiz uma fogueira para aquecer a cabana, depois me ocupei em guardar os mantimentos.

Havia comida suficiente aqui para uma semana. Eu convidaria Katherine com a maior frequência possível e nós duas teríamos um pouco mais de tempo juntas, antes de eu pegar a estrada. Se eu tivesse sorte, o tempo iria aguentar e eu não ficaria presa na neve.

No momento em que as compras foram descarregadas, a cabana estava bem quente e eu me servi de uma boa taça de vinho,

levantando minha taça para a sala vazia. —Saúde para outra semana. E uma noite de sexta-feira solitária.

Lágrimas inundaram meus olhos e, antes que pudesse segurá-las, comecei a chorar e borrar minha maquiagem.

Não foi por isso que vim para Montana. Não foi por isso que comecei esta jornada.

Eu queria sentir, mas isso? Não, obrigada.

Mas a represa tinha rompido e não havia como segurar a inundação. Gotas feias derramaram do meu corpo em um fluxo de lágrimas incontroláveis e soluços quebrados.

Eu estava lá, no meio da sala com meu vinho derramando sobre a borda do meu copo e chorei.

Chorei pela vida que trabalhei tanto para construir. A vida que significou tanto para mim há três meses. A vida que deixei para trás.

Vender a empresa e sair de Boston não foi um erro, mas pela primeira vez, eu chorei. Porque doze milhões de dólares no banco não me fizeram menos sozinha.

As lágrimas vieram mais rápido. Os soluços se arrasaram mais. Meus joelhos estavam a segundos de ceder, me desabar em uma poça patética, quando dois braços em minha volta me impediram de cair.

Easton me prendeu no seu peito, me segurando com um braço enquanto pegava o vinho da minha mão e o colocava na mesa ao

nosso lado. Então ele me deixou ensopar a frente de sua camisa verde com minhas lágrimas.

Eu segurei firme, deixando-o me manter de pé, porque eu não conseguia me recompor. Não importava quantas respirações profundas eu inalei pelo nariz, elas exalaram em uma bagunça. Até que finalmente, minutos depois, uma delas ficou presa. Depois outra. E as lágrimas apenas... acabaram.

Mesmo quando parei de chorar, Easton não me soltou.

—Estou bem. — Eu o empurrei e limpei meu rosto, virando minhas costas para ele porque ele testemunhou o fundo do poço. — Desculpe.

—O que foi isso, Gem?

—Nada. — Eu acenei para ele. — O que você está fazendo aqui?

—Você saiu do bar chateada.

Honestamente, fiquei surpresa que ele notou. E que ele veio para me verificar. Ou talvez ele estivesse aqui para uma conexão. Apesar de tudo, eu era um desastre tão grande que nem o ouvi chegar. — Não é nada. Às vezes as mulheres choram.

—Besteira. O que diabos está acontecendo?

—Nada. Foi uma longa semana.

— Gemma. — Ele pegou meu cotovelo e me girou para encará-lo.

—O que! — Eu afastei sua mão. —Não é nada.

Ele ficou lá, inabalável, e me nivelou com um olhar que dizia que ele não tinha intenção de sair até que recebesse sua resposta.

O idiota teimoso. —Você estava flertando com a garçonete.

—Liz? — Ele soltou uma risada. — Eu não flerto com Liz. Ela é minha amiga desde que usávamos fraldas.

— Aquilo era flertar. Você sorriu para ela. Você estava rindo e sussurrando.

— Sim, ela me disse que o cara três lugares abaixo cheirava a queijo. Eu ri porque ela é engraçada e fácil de conviver.

Amiga de longa data ou não, eu não queria ouvir sobre o quanto ele gostava da companhia de outra mulher. —Você não ri comigo.

—Você não é engraçada.

Eu o cutuquei no peitoral. — Estou falando sério.

Ele fez uma careta e esfregou o local onde eu o cutuquei. — Eu também. Diga algo engraçado e eu vou rir.

— Mas eu não sou engraçada. — As lágrimas vieram novamente e desta vez, elas me deixaram com raiva. — Droga!

Ele balançou a cabeça, se aproximando quando eu furiosamente enxuguei os olhos. — Você estava com ciúmes.

— Sim, — eu admiti. — Eu tenho alguns problemas quando se trata de homens.

— Vamos deixar uma coisa bem clara. — Ele agarrou meus ombros, pairando e esperando até que ele tivesse toda a minha atenção. — Não há homens. Existe um homem. Eu. E se você tiver um problema comigo, com certeza vamos conversar sobre isso.

Abaixei minha cabeça em minhas mãos, a vergonha, sem dúvida, aparecendo em meu rosto. —Desculpe.

Easton pegou meus pulsos e os puxou. — Devemos conversar sobre por que você está me evitando esta semana?

— Você não me levou para sua cama. — Aparentemente, não havia como parar a inundação da verdade esta noite.

— Hã?

— Você transou comigo contra a parede. — Eu agitei meu pulso, apontando para a dita parede. — E me fez gozar naquele banco da sua garagem.

— Três vezes.

— Três vezes. — Revirei os olhos. — Mas você não me levou para o seu quarto.

Ele balançou a cabeça, piscando enquanto tentava entender meu disparate. Eu não o culpava pelo olhar confuso em seu rosto.

— Ugh. Deixa pra lá. — Eu joguei minhas mãos no ar. — Estou enlouquecendo. Bem-vindo ao mundo confuso de Gemma Lane. Isso realmente parece sua culpa. O que você está fazendo comigo? —A mesma coisa que você está fazendo comigo, — ele resmungou. — Deixando-me louco.

Eu ri.

Não era engraçado, mas foi engraçado.

— Eu trabalhei tanto para não ficar louca. Para não ser minha mãe. Saí de sua casa e decidi que nunca mais ficaria fora de controle. Eu provaria que era melhor. Então trabalhei muito e mostrei ao mundo, a mim mesma, que nunca seria ela. Eu obtive

sucesso. Sou uma milionária. Estou no controle do meu destino e não sou a pessoa que ela tentou me tornar. Eu não sou ela.

—Você não é ela.

Eu balancei minha cabeça. —Não.

Havia um conforto em dizer isso em voz alta. E, por enquanto, isso foi o suficiente para acalmar algumas das minhas arestas irregulares.

Por mais mortificante que estivesse, fiquei feliz que a pessoa aqui para testemunhar foi Easton.

— Desculpe-me, — eu disse novamente. — Esqueça tudo isso. Por favor.

—Eu não posso fazer isso. — Ele ergueu a mão e segurou minha bochecha. — Você disse que não queria falar sobre isso. Entendi. Mas esta é a segunda vez que você abre a porta para o seu passado, querida. Acho que é hora de se abrir e me deixar entrar.

—Não importa. O ponto principal desse discurso é que eu posso estar tendo um momento louco, mas minha mãe era comprovadamente louca. Ninguém me resgatou dela. Então eu me resgatei. E parte disso significava excluir o mundo. Mas aqui as coisas são assim ... diferentes. Eu não posso me esconder de você no meu trabalho. Eu não tenho trabalho. Eu queria sentir coisas e aqui estou, sentindo novamente. É um ajustamento.

Ele observou meu rosto, seus olhos suavizando. — Isso vale para os dois lados. Você é tudo em que pensei por três dias e sei que a coisa mais inteligente a se fazer seria sair por aquela porta. Mas...

—Mas o que? — Sussurrei enquanto seu polegar traçou uma linha de formigamento na minha pele.

—Mas vou levá-la para o quarto e me certificar de que saiba que a razão pela qual transei com você contra aquela parede e na minha garagem, não foi porque você não merece o quarto. — Ele se curvou e roçou seus lábios contra os meus. —Mas porque quando se trata de você, eu não tenho controle.

Capítulo Onze

Easton

— Bom dia, chefe, — Rory gritou do palheiro antes de jogar um fardo no chão. —Você chegou cedo.

—Rory, o que você está fazendo aqui?

—Oh, uh, Johnson ligou para ver se eu cobriria seu turno hoje. Ele está doente ou algo assim.

Doente, uma ova. Johnson não gostava das manhãs de sábado porque geralmente ficava no bar muito tarde nas noites de sexta-feira. Ele provavelmente apareceu não muito tempo depois que eu saí para perseguir Gemma na noite passada, então ficou até Liz o expulsar às duas. Esta era a segunda vez em um mês, que eu ia aos estábulos em um sábado esperando vê-lo, e encontrando Rory em vez disso.

Se Johnson não tomasse cuidado, eu iria despedi-lo e dar a Rory um grande aumento.

Rory teria um de qualquer maneira. Ele apareceu na hora certa e trabalhou duro. Sua atitude era incomparável. Inferno, era melhor do que o minha.

—Quando você terminar de lá, entre em meu escritório.

—Tudo bem. — Ele acenou com a cabeça e jogou outro fardo.

Eu o deixei com seu trabalho e me retirei para meu escritório. A sala estava fria, então liguei os aquecedores de rodapé antes de tirar o casaco. Então fechei a porta para manter o calor lá dentro e me sentei atrás da minha mesa.

Cuidar da papelada e verificar e-mails não era minha tarefa favorita, muito menos em um sábado de manhã antes das sete, mas depois de escorregar para fora da cama de Gemma, eu não queria ir para casa.

Ela estava inconsciente, seu cabelo espalhado no travesseiro e seu rosto enterrado sob as cobertas. Eu acendi um fogo para aquecer a cabana, então fui embora com sua imagem dormindo pacificamente em minha mente.

A noite passada foi intensa. Encontrá-la soluçando, desabando, me destruiu. Eu sabia que ela estava com vergonha, não que houvesse algo do que se envergonhar. E por mais que eu quisesse mergulhar mais fundo em seu passado, no momento em que a beijei, a chance de conversar voou pela janela.

Nós dois passamos a noite explorando o corpo um do outro e o sexo foi tão intenso. Ela atendeu ao meu desejo com uma paixão feroz própria.

Aquela mulher me torceu tão forte quanto a trança de um chicote.

Então, esta manhã, escapei para os estábulos porque a distração do trabalho pode ser minha única esperança de colocar minha cabeça no lugar.

Depois da noite em que Gemma saiu de carro para minha casa, eu dei a ela algum espaço, não querendo entrar muito forte. Ontem à noite, eu implorei para sair do jantar em família, porque não queria deixá-la desconfortável na frente da minha família.

Talvez dar a ela aquele espaço foi um erro.

Mas eu estava feliz por tê-la encontrado no bar.

Eu estava flertando com Liz? Eu a conhecia desde que éramos crianças. A sua família era tão local neste vale quanto a minha. Ela era minha amiga. Tínhamos nos beijado desajeitadamente em algum momento do ensino fundamental, mas, além disso, nosso relacionamento sempre foi platônico.

Liz tocava muito meu braço e sempre ficava perto da minha ponta do bar quando eu estava, *mas será que ela sentia algo por mim?*

De jeito nenhum. Liz não agia como uma mulher que me queria em sua cama. Ela era uma amiga. Nada mais.

Gemma era a única mulher que ficaria enrolada em meus lençóis.

Ela colocava uma fachada tão forte. Era destemida e selvagem. Mas, por baixo de tudo, ela estava com medo. De mim. De seu futuro. Ela escondia bem seus medos, mas na noite passada, eu tive um vislumbre. *Ela fugiria desses medos? Ou ela ficaria aqui e os enfrentaria?*

Ela me deixaria entrar?

Rory apareceu na janela da porta e eu acenei para ele entrar. Ele tirou o casaco Carhartt que estava usando e pendurou no cabide ao lado do meu.

— Obrigado por vir hoje, — eu disse.

—Sem problemas. Gosto do horário.

Eu juntei meus dedos na frente do meu queixo e dei uma longa olhada no garoto. Embora ele não fosse mais um garoto, na

verdade. Talvez porque eu o vi crescer, eu ainda o via como o garoto que perseguia o border collie da mamãe, Max, pelo quintal. Mas Rory era quase tão alto quanto eu, um metro e oitenta, e se ele continuasse trabalhando como fazia, ele preencheria seu corpo esguio.

—Estou lhe dando um aumento.

Seu queixo caiu. —Você está?

— Dois dólares extras por hora. — Não havia necessidade de esperar pelo aumento. Ele merecia. E era hora de dar a ele mais responsabilidades também. —Quero que você comece a seguir Cash à tarde, quando ele não estiver viajando. Você tem talento para cavalos, mas quero que tenha mais experiência em domar os animais mais jovens.

Se essa nova instalação para cavalos desse certo, Rory seria um bom trunfo para Cash. Seria uma pena perdê-lo aqui, mas eu não iria negar ao garoto uma oportunidade de um emprego melhor, porque contratar trabalhadores estáveis era um pé no saco.

—Ok. — Um sorriso apareceu em seu rosto. — Pode deixar.

— Ótimo. — Concentre-se nos estábulos esta manhã. Então eu gostaria que você levasse Oreo para um longo passeio. Trabalhe duro com ele. Cash disse que ele era uma verdadeira merda outro dia para um dos hóspedes. Talvez ele só precise queimar um pouco de energia e receber um lembrete sobre quem está no comando.

—Vou fazer. — Rory se levantou da cadeira e agarrou seu casaco, mas parou quando ele abriu a porta. — Obrigado, Easton. Eu com certeza agradeço o aumento. E a oportunidade.

—Você mereceu.

Ele acenou com a cabeça, fechando a porta atrás dele e me deixando para os meus e-mails. Não havia muito o que fazer regularmente no escritório. Felizmente, nosso contador certificou-se de que as contas e funcionários fossem pagos. Isso me permitiu estar onde eu precisava estar, na terra com os animais e com os funcionários.

Mas houve dias em que o trabalho de escritório era inevitável. O cronograma precisava ser redigido para o mês que vem para que eu pudesse enviá-lo para Katherine. Teríamos uma reunião de três horas para associar minha equipe com suas atividades de resort e necessidades dos hóspedes. Então, eu preencheria as lacunas para garantir que todo o trabalho do rancho fosse coberto.

Arregacei as mangas e mergulhei, dedicando as duas horas necessárias para trabalhar, enquanto comia algumas barras de granola que mantinha escondidas na minha mesa. Depois que a programação foi marcada no calendário, liguei meu computador e rolei os e-mails que estava ignorando na semana passada.

A maioria foi excluída e eu quase limpei tudo quando o toque de uma mensagem recebida encheu a sala.

Era um e-mail de minha corretora de imóveis e cliquei imediatamente para ler a mensagem.

—Sim. — Eu ergui o punho e cliquei duas vezes no anexo. Foi no mesmo momento em que meu telefone tocou. —Ei, — eu atendi. — Acabei de abrir seu e-mail.

— Ótimo, — ela disse. — Eu queria ligar e ter certeza de que tudo saiu e você não tinha dúvidas sobre a compra e venda.

— Parece simples. — Os vendedores aceitaram minha oferta com algumas contingências razoáveis. O que significava que era hora de contar à minha família o que estava fazendo e espero que eles não surtem, por eu ter feito isso pelas costas. — Vou assiná-lo hoje e devolvê-lo.

—Parece bom. Obrigada, Easton. E parabéns.

—Obrigado. — Desliguei e li o acordo em detalhes.

A porta do meu escritório se abriu e eu olhei para cima, esperando Rory.

Mas era Gemma encostada na moldura. —Então é aqui que você está se escondendo?

Eu fiz uma careta. —Onde está o seu casaco?

—Este é o meu casaco. — Ela gesticulou para a jaqueta de couro preta que tinha usado na minha casa. Não era espesso o suficiente ou quente o suficiente para o tempo.

—Aqui. — Levantei-me e tirei uma flanela dos ganchos. Seria muito grande para ela, mas pelo menos adicionaria outra camada de calor.

—Essa é à sua maneira de me dizer para sair? — Ela arqueou uma sobrancelha quando lhe entreguei a flanela.

—Não. — Minha cabeça ainda estava uma bagunça quando se tratava dela e o trabalho não ajudava, mas eu não a mandaria embora. Ela estava muito bonita, suas bochechas rosadas do frio lá

fora, e seus lábios um tom mais escuro de rosa natural dos meus beijos na noite passada.

Ela entrou no escritório, fechando a porta atrás de si e ocupou a cadeira em frente à minha mesa. —Você saiu sem me acordar esta manhã.

—É por isso que você está aqui?

—Sim. — Ela respirou fundo. — Eu devo a você outro pedido de desculpas pela noite passada. Descarreguei muito em você e sinto muito. Eu odeio que tenha me visto chorar.

Esta mulher. Ela fingiu ter tudo sob controle. Exceto que ninguém tinha. Quando ela perceberia que não precisava fingir para mim?

—Está tudo bem, Gemma.

— Realmente não está. Peço desculpas pelo drama. — Ela cruzou as mãos no colo, mantendo a expressão neutra e a postura equilibrada. Seu cabelo estava penteado, enrolado em ondas soltas que caíam sobre seus ombros e costas. Seus olhos estavam delineados de preto e sombreados com um brilho suave.

Ela estava linda esta manhã. Chique.

Protegida.

Merda. Ela realmente estava me deixando louco. Eu balancei minha cabeça, irritado e frustrado. — Não. Somente... Pare.

—Parar o que?

— Pare de se desculpar, — eu estalei. —Eu não quero um maldito pedido de desculpas.

—Deixa pra lá. — Ela ergueu as mãos e se levantou da cadeira, deixando a flanela pendurada no braço. — Vou deixar você voltar ao trabalho. Claramente, estou incomodando você.

Ela estava a dois passos da porta quando eu pulei da cadeira e a persegui.

—Oh não, você não precisa. — Eu agarrei seu cotovelo e a girei para me encarar. —Você não pode fugir de mim.

—Você acabou de me atacar. — Ela jogou um braço em direção ao escritório. — Eu não estou fugindo. Estou deixando você se acalmar.

— Bem, não quero me acalmar. Eu não dou a mínima para o drama. Pela primeira vez, foi bom ver você. A verdadeira você sem tudo, — lancei meu pulso, movendo para cima e para baixo seu corpo, — isso.

—Roupas? Tenho certeza que você me viu sem todas as minhas roupas na noite passada.

—Não. — Eu fiz uma careta. — Com a armadura.

—Oh.

—Seja verdadeira comigo. — Aproximei-me mais, levando minhas mãos aos seus ombros. —Se ninguém mais, seja verdadeira comigo.

Ela baixou o olhar. — Eu não sei como.

—Sim, você sabe. — Enfiei um dedo sob seu queixo, levantando-o. —Você foi ontem à noite.

— Isso fui eu tendo um colapso, então praticamente implorando para você me levar para a cama. E esta manhã, acordei

sozinha. Não que eu o culpe por fugir. Se eu fosse você, também não gostaria de lidar com a minha bagunça.

— Agora espere. Minha partida esta manhã não teve nada a ver com você chorando na noite passada. — Ela estava muito tentadora nua naquela cama. A razão de eu ter saído definitivamente não foi porque ela baixou a guarda.

—Claro, — disse ela, secamente.

— É a verdade. Saí esta manhã porque estou fazendo o meu melhor para manter alguma distância de você, Gemma.

Outra mulher poderia ter ficado chateada comigo por causa desse comentário. Mas não Gemma. Seus olhos se suavizaram e a tensão em seus ombros sumiu. —Posso fazer outra confissão?

Eu concordei.

—Você me faz sentir coisas.

— Você me disse ontem à noite. Não era isso que você queria?

—Sim, — ela sussurrou. — Mas isso não torna menos assustador.

Ela não tinha nada a temer quando se tratava de mim. Não havia nada que ela pudesse fazer que me fizesse pensar menos dela, me faria julgá-la ou me faria não gostar dela.

Exceto ir embora de novo sem um adeus.

—Posso fazer uma confissão?

Ela assentiu. —Sim.

—Estou com medo de chegar muito perto de você porque sei que você acabará indo embora. — Era só questão de tempo.

— Onde isso nos deixa? — Ela perguntou, sem negar o que nós dois sabíamos ser o inevitável.

Dei de ombros. —Eu não tenho a mínima ideia. Eu gostaria de poder dizer que ficaria longe de você e daquela cabana e poderíamos encerrar essa coisa. Mas eu não vou.

—Eu não quero que você fique longe de mim e da cabana, e não quero desistir. E se mantivéssemos as coisas casuais?

— Ótima teoria. Mas você precisa saber que, no minuto em que minha mãe ou minha avó nos virem juntos, o casual é jogado fora.

Eu não pensaria que vovó mudasse Gemma para minha casa, inventando uma desculpa esfarrapada de que a cabana era muito fria ou muito isolada ou muito pequena para uma mulher solteira no inverno.

—Então vamos manter isso entre nós, — disse ela. —Exceto que eu já disse a Katherine.

—Ela é a única pessoa neste rancho que pode guardar um segredo.

—Então está resolvido. — Gemma piscou e deu um passo para trás. —Até a próxima.

— O que? — Eu tentei pegá-la, mas ela já estava se movendo para trás. — Você está indo?

— Você não está trabalhando?

— Sim. — Mas eu não queria que ela fosse. Era sábado e, em vez de sentar atrás da minha mesa, eu queria passar algum tempo com ela. — Venha comigo. Eu quero lhe mostrar algo.

Ela me lançou um olhar curioso, mas quando me virei e marchei para o escritório para pegar as chaves da minha caminhonete, casaco e flanela, ela me seguiu.

Gemma entrou no jogo, não me enchendo de perguntas enquanto eu a acompanhava até minha caminhonete. Ela sentou-se calmamente no banco do passageiro, sua expressão relaxada enquanto nos afastávamos dos estábulos para o local da expansão mais recente do Greer Ranch.

Quando parei na beira da estrada de cascalho que percorria toda a extensão da nova propriedade, ela olhou em volta e perguntou: — O que estou olhando?

—Está vendo isso aí? — Apontei para o campo aberto de sua janela e o grande celeiro à distância. — Acabei de comprar.

—Agradável. Este é um lugar bonito.

Bonito e a preparação para as instalações era perfeita com os campos amplos e planos. — Minha corretora de imóveis me ligou um pouco antes de você entrar no escritório e disse que os compradores aceitaram minha oferta. Você é a primeira pessoa para quem eu conto.

— Momento de sorte da minha parte.

— Não, não só hoje, — corrigi. — Em tudo. Eu não disse a ninguém que eu estava fazendo uma oferta.

Seus olhos se abriram. — Ninguém?

—Não.

A magnitude do que eu tinha feito se estabeleceu em meus ombros. Eu estava tão desesperado para tomar uma decisão sem

debate ou conselho, que eu tinha comprado terras em segredo. Meu plano era usar as reservas de capital do rancho para pagar o preço de três milhões e cem mil dólares.

O dinheiro estava lá e a meu critério. Mas eu deveria ter contado para minha família antes de assumir esse grande compromisso.

Merda. O que isso diz sobre minha confiança neles? Talvez a razão pela qual eles questionavam minhas decisões e continuavam no assim no circuito, era porque temiam que eu os excluísse.

O que, ironicamente, eu tinha.

—Isso foi estúpido? — Perguntei a Gemma.

—Para que você vai usá-lo?

— Quero expandir a operação de cavalos. Somos conhecidos na região por nosso estoque. Temos algumas das melhores genéticas, mas principalmente, temos habilidade. Cash é um dos melhores treinadores de cavalos. Ele está perdido em atividades de hóspedes.

Um sorriso apareceu em sua boca. —Então você comprou este lugar para o seu irmão?

—Parcialmente. E porque meu instinto diz que será um sucesso. Na pior das hipóteses, usamos a terra para mais pastagens e expandimos nossa operação de gado.

—Você fez a sua lição de casa?

—Eu fiz. — Eu tinha projeções de lucros e perdas em meu escritório em casa e todos os piores cenários planejados.

—Então, não. Eu não acho que isso seja estúpido. — Ela se virou para a janela novamente, examinando o solo congelado.

Os cristais de gelo agarraram-se à grama, refletindo o sol brilhante da manhã. O céu se estendia de um azul claro acima de nós, envolvendo as montanhas cobertas de neve que se erguiam ao nosso redor.

E Gemma parecia absorver tudo. Ela parecia à vontade esta manhã. Parecia confortável nesse assento, vestindo minha flanela e não se importando com o cheiro de sujeira e feno que, não importa quantas vezes eu limpasse esta caminhonete, era permanente.

Eu tinha visto muitas pessoas entrando e saindo do rancho. Era fácil identificar os hóspedes que retornariam em outras férias. Porque a paisagem áspera e crua de Montana chamava algo mais profundo em suas almas.

Eles encontraram paz aqui.

Não era para todos, mas era para Gemma. Como ela poderia não saber que se encaixava aqui?

Talvez ela precisasse de mais tempo. Talvez precisasse ver mais do que o chalé e a cabana.

—O que você vai fazer hoje? — Eu perguntei.

—Nada demais. Por quê?

Eu sorri. —Porque vou colocá-la para trabalhar.

— Oh, doce jesus, isso fede. — Gemma ofegou e tapou o nariz. — Eu nunca mais vou comer ovos.

Eu ri e coloquei mais dois ovos no balde que ela estava carregando. — Quando eu era criança, o castigo favorito de mamãe era nos fazer limpar o galinheiro. Sempre me certifiquei de que estava me comportando da melhor maneira possível depois de alguns meses entre as limpezas.

— Eu não acho que gosto de galinhas. — Ela olhou para uma das galinhas de soslaio. — Como faço para tirar os ovos da bunda dela?

— Basta chegar lá e pegá-los.

— Faça você.

— Não tenha medo. Apenas coloque-a de lado. Ela vai se mover.

— Eu não posso. Por favor, não me obrigue. — Gemma ergueu os olhos para mim, aquelas esferas cor de avelã me derretendo no esquecimento. Como eu deveria dizer não para aquele rosto?

— Tudo bem. — Afastei a galinha, fazendo-a cair no chão e peguei os ovos.

—É assim? — Antes que eu tivesse a chance de concordar, Gemma saiu pela porta.

Eu balancei minha cabeça com um sorriso no rosto e saí para pegá-la.

Nós dois passamos a manhã trabalhando juntos. Primeiro, nós dirigimos para uma das pastagens para onde movemos recentemente um grupo de cerca de duzentas vacas. Nós dirigimos,

verificando-as e procurando por alguma que pudesse estar ferida. Em seguida, circulamos por um prado vazio que seria o próximo na rotação, certificando-nos de que a cerca estava em bom estado.

De lá, eu a levei para um dos meus lugares favoritos no rancho, os mil acres situados diretamente atrás da minha casa.

Eu disse a ela que estávamos verificando outra seção da cerca quando, na verdade, eu só queria passar mais tempo com seu sorriso pacífico enquanto dirigíamos. Para ouvir enquanto ela falava comigo sobre nada. Para cheirar o seu perfume na minha caminhonete.

Voltamos para o chalé para pegar um sanduíche na cozinha para o almoço e estávamos na metade do caminho quando mamãe ligou para perguntar se eu poderia pegar os ovos de suas galinhas. Ela e a vovó haviam feito uma viagem repentina a Missoula para passar o dia fazendo compras. Então, Gemma e eu fomos até a casa de mamãe e papai e eu a apresentei aos animais favoritos de mamãe.

—Qual é o próximo passo? — Gemma perguntou depois que colocamos a cesta de ovos dentro de casa onde mamãe lavaria os ovos mais tarde.

Um calor se espalhou pelo meu peito por ela não ter pedido para eu levá-la ao Cadillac, nos estábulos. A cada trabalho que terminávamos, ela estava ansiosa pelo próximo. — Eu vou...

A porta de um veículo bateu e me afastei de Gemma, vendo meu pai e meu avô saindo da caminhonete estacionada ao lado da minha.

—Ei pessoal. — Papai acenou. —O que está acontecendo?

— Mamãe ligou e perguntou se podíamos pegar os ovos. Ela e a vovó foram fazer compras em Missoula.

— Uh-oh. — Papai pegou o telefone do bolso e olhou para a tela. — Três chamadas perdidas. Acho que isso significa que é melhor eu ir ao supermercado e ter flores esperando quando ela chegar em casa.

Mamãe não precisava de flores. Ela não era do tipo que ficava nervosa por ele não atendia ao telefone. Ele compraria flores para ela simplesmente porque isso a faria sorrir.

— Café primeiro. — Vovô subiu os degraus da porta da frente, com a caneca prateada de viagem na mão. — Preciso de uma recarga. Mais tarde, Easton, precisamos de falar sobre o parto. Está na hora de arranjar um plano.

— Eu tenho um plano. — Um plano detalhado que delineava os funcionários que tiravam as rotações diurna e noturna para garantir que não perdêssemos nenhum animal.

— Desde quando? — Ele parou no degrau. — Novidade para mim.

— Para mim também. — Papai assentiu.

— Porque você está aposentado. Vocês dois estão aposentados. — Soltei um longo suspiro e lutei para me acalmar. — Uma briga só arruinaria o bom humor que eu tive de um dia com Gemma. — Eu respeito vocês dois e suas opiniões, vocês sabem disso. Sou grato por ter a chance de aproveitar seu sucesso. Há sete

anos, vocês me colocaram no comando deste rancho. Por favor, confiem em mim para fazer o meu trabalho.

O rosto do vovô endureceu e ele abriu a boca, mas papai levantou a mão e lançou lhe um olhar para ficar quieto. — Você está fazendo um bom trabalho, filho. Mas é difícil soltar. Você descobrirá isso um dia.

— Compreensível.

Papai assentiu e o seguiu enquanto o avô continuava subindo as escadas.

— Espere, — eu chamei. — Se vocês tiverem um minuto, há algo que eu gostaria de conversar com vocês dois.

— Temos tempo. Entre. — Papai me fez sinal para dentro quando ele e o avô desapareceram lá dentro.

— Vou esperar na caminhonete, — disse Gemma. — Não tenha pressa.

— Não. Você deveria entrar. Quero você lá quando eu contar a eles sobre a propriedade. — Talvez com ela lá, eles não me renegassem. Ainda.

—Você tem certeza? Isso parece um negócio de família.

Ela se encaixava na família, outra coisa que eu duvidava que percebesse. Além disso, foi seu conselho dar uma folga aos dois. E eu precisava fazer um trabalho melhor para expressar minha frustração. Eu precisava explicar de uma forma que eles ouvissem como estava me sentindo. Não é exatamente fácil para um cara como eu.

Discutir com papai e vovô sempre foi mais fácil do que ir direto ao assunto.

—Tenho certeza. A menos que isso a deixe desconfortável.

—De modo nenhum. — Ela me deu um sorriso tranquilizador e me seguiu para dentro. Em seguida, se sentou na ilha da cozinha da mamãe e do papai, o orgulho brilhando em seus olhos, enquanto eu contava a meu pai e meu avô sobre a terra que comprei e explicava minha visão para o rancho.

Eu os choquei muito.

Então eles me chocaram mais ainda.

Eles concordaram que era a oportunidade certa para Cash e que o preço para esse pedaço de terra era bom demais para deixar passar. Quando todos nós saímos, Gemma e eu para dirigir até os estábulos para pegar o carro dela, enquanto papai levava o vovô para casa, depois fomos comprar flores para a mamãe, eles estavam tão animados com a expansão quanto eu.

E esta noite, nós três contaríamos a Cash juntos.

Abri a porta para Gemma, segurando-a enquanto ela entrava, então acenei para papai e liguei meu caminhão para fora da sua garagem.

Gemma puxou os lábios juntos, escondendo sem sucesso um sorriso enquanto dirigíamos em direção aos estábulos.

—Apenas diga.

Ela soltou esse sorriso, roubando meu hálito e o último pedaço do meu coração. —Isso não foi tão difícil, foi?

Capítulo Doze

Easton

— Ufa — Gemma gemeu.

Eu coloquei minha cabeça para fora da porta da baia para ver o que estava acontecendo. Ela tinha um fardo levantado pelo barbante e estava tentando colocá-lo na direção do alimentador de Sprite. — Quer ajuda?

—Não. — Ela me lançou um olhar de advertência. —Eu posso fazer isso sozinha.

Eu levantei minhas mãos, rindo enquanto ela se arrastava pelo chão.

Há um mês, ela mal conseguia levantar os fardos um centímetro. Esses fardos quadrados eram pequenos em comparação com os que usávamos para o gado. Mantínhamos estes estoques no sótão para os cavalos quando eles não estavam pastando. Eles pesavam cerca de quinze quilos e movê-los pelo fino barbante vermelho não era fácil. Mas ela tinha trabalhado comigo todo fim de semana nos estábulos e estava se tornando uma ótima funcionária.

Os braços de Gemma ficaram mais fortes, assim como suas pernas e seu abdômen. Eu sabia porque tinha visto a definição em seus músculos se aguçarem nas noites que passei em sua cama na cabana.

Quando ela colocou o fardo no lugar, um sorriso orgulhoso se abriu em seu rosto quando ela pegou o alicate Leatherman, que eu lhe emprestei esta manhã e cortou o barbante. Em seguida, ela

começou a colocar o feno no alimentador de Sprite antes de levar um pedaço para a baia vazia de Pepsi.

Eu a deixei fazer a alimentação enquanto limpava algumas baias, um trabalho que não fazia há anos porque contratei mão de obra para fazê-lo. Mas eu deixei Rory ir com alguns dos caras esta manhã, em vez de trabalhar nos estábulos. Ele estava ajudando na preparação para o passeio de carroça da tarde.

No mês passado, ele passou muitos sábados com os outros funcionários. Não só porque isso deu a ele mais exposição a outras tarefas, mas porque me permitiu a chance de trabalhar sozinho com Gemma.

Se o tempo com ela significava limpar as baias, eu considerava isso uma vitória.

O Dia de Ação de Graças se aproximava e o resort estava com ocupação máxima. Principalmente, atendíamos a grupos de caça, mas tínhamos alguns hóspedes que vinham aqui para uma escapadela de uma semana. Oferecemos passeios de carroça onde eles podiam dar uma olhada na paisagem de Montana, enquanto bebiam chocolate ou cidra enriquecida. Em breve, receberíamos famílias que ficariam aqui durante o feriado, aproveitando a pousada e os chalés e a comida do renomado chef.

Enquanto isso, minha família comia toda junta na casa da vovó e do vovô, como era tradição.

E Gemma e eu fingíamos, como havíamos feito o mês todo, que éramos colegas de trabalho e amigos, na melhor das hipóteses.

Se minha família tinha alguma pista de que eu dirigia para a cabana de Gemma algumas noites por semana, ninguém tinha mencionado isso, o que significava que eles não sabiam. Além da minha mãe, os Greers não eram conhecidos pela sutileza.

Então, Gemma e eu estávamos mantendo as aparências quando nos cruzávamos na pousada durante a semana. Não parava para falar com ela na recepção. E aos sábados, quando todo mundo estava em casa, isso se tornou nossa rotina. Jantaríamos em família na sexta à noite, limitando a conversa e fingindo ignorar o outro. Então eu sairia primeiro, mas em vez de ir para casa, eu iria para a cabana. No momento em que Gemma chegasse, eu teria um fogo aceso e geralmente estava nu na cama, esperando que ela se juntasse a mim. Nas manhãs de sábado, compartilhávamos um bule de café, então eu pensava em um punhado de trabalhos para resolvermos juntos.

— Ok, eu terminei. — Gemma apareceu na porta da baia, escovando as luvas no jeans.

Estava frio lá fora, o ar congelado e o solo coberto por uma camada fofa de neve fresca. Mas havia um leve brilho em sua sobrancelha de tanto trabalhar e suas bochechas estavam vermelhas.

Ela tirou o casaco azul marinho de inverno, um que ela encomendou semanas atrás, depois que eu dei um sermão implacável por uma hora sobre os invernos de Montana. Por cima de sua camiseta preta de mangas compridas, ela encolheu os

ombros em uma das minhas flanelas para evitar que suas roupas ficassem muito sujas.

Seu cabelo estava preso em um nó bagunçado porque ela não o havia lavado esta manhã, quando tomamos banho juntos. Ela não estava usando maquiagem e alguns pedaços de palha grudados em suas botas, outra compra que eu a encorajei a fazer.

Parada ali, fresca e relaxada, Gemma parou meu coração. *Droga, mas ela era linda.*

— Você já pensou em trocar a tenda de armazenamento no final dos estábulos por uma no meio? — Ela perguntou. — Isso economizaria tráfego de pedestres.

— Hum... não. — Aquela baia no final dos estábulos sempre foi usada para armazenamento. Eu não conseguia pensar em uma razão para isso, é onde sempre esteve. —Mas eu vou.

—Apenas uma ideia.

Gemma vinha lançando ideias o mês todo. O jeito que ela fazia era sempre mais curioso do que intrusivo. Mas ela via as coisas de uma maneira que o resto de nós não via. E até agora, eu peguei cada ideia que ela apresentou.

—Qual é o próximo? — Ela perguntou.

—Este. — Peguei um punhado de sua flanela e a arrastei para a cabine vazia, esmagando meus lábios nos dela enquanto a pressionava contra a parede.

Ela gemeu, suas mãos enluvadas deslizando para cima e ao redor do meu pescoço enquanto ela abria a boca para me deixar entrar.

Minha língua varreu contra a dela e lambeu em golpes longos e suaves. Inclinei-me para ela, meu pau inchando quando ela agarrou minha bunda e me puxou para mais perto.

—Easton. — A voz da minha mãe ressoou no espaço cavernoso.

Eu me afastei de Gemma instantaneamente, sugando um pouco de ar e limpando meus lábios.

Gemma puxou os lábios para esconder um sorriso quando levou um dedo aos lábios e afundou-se contra a parede. Escondendo-se.

Eu estava farto dos malditos segredos.

—Easton?

— Sim, — eu gritei de volta, carrancudo para Gemma enquanto saía da cabine. —Ei mãe.

—Oi. — Ela sorriu abertamente. —Como você está hoje?

—Bem. — Eu estava melhor um segundo atrás. —O que houve?

— Oh, nada. Eu estava deixando alguns ovos extras na cozinha e vi sua caminhonete, então quis vir dizer bom dia.

— Que bom que você veio. Bom dia. — Eu estendi meu cotovelo para que ela pudesse enlaçar seu braço no meu. Então eu a acompanhei pelo corredor central. — O que está acontecendo?

—Não muito. Eu estou...

—Olá!

Mamãe e eu nos viramos ao ouvir a voz de Kat, vendo-a entrar com um aceno.

Desde quando os estábulos eram um local tão popular aos sábados? Normalmente, eu era o único que trabalhava nos finais de semana, além de Katherine. Mas ela geralmente ficava no escritório. Todos os outros que se aposentaram, trabalhavam de segunda a sexta-feira.

Mamãe imediatamente soltou meu braço para dar um abraço em Katherine. —Bom dia, querida.

Katherine beijou a bochecha da mamãe. — Eu estava indo para a sua casa, mas vi o seu jipe. Quando fui para a cidade ontem, eles tinham uma loja especial de flores, então peguei alguns pacotes para você. Elas são suas rosas pêssego favoritas.

—Ha. — Mamãe riu. — Mentes brilhantes. Fui à loja a primeira coisa esta manhã e comprei este lindo buquê rosa que pensei que você gostaria.

Enquanto as duas riam e conversavam sobre flores, olhei para a baia onde Gemma estava escondida. Ela poderia sair. Ela poderia fingir que estava trabalhando. Mas ela ficou escondida.

— Já se passaram muito tempo desde que demos uma volta juntas, — disse a mãe a Kat. — Vamos planejar uma para esta semana.

—Eu adoraria.

—Você pode vir aqui um pouquinho? — Mamãe perguntou a ela, ganhando um aceno de cabeça enquanto caminhavam juntas em direção à porta.

Se eu as conhecesse, o que conhecia, elas passariam o resto do dia na casa da mamãe. Ela iria atrair Kat com a promessa de

café e biscoitos, então ela a convenceria a ficar e ajudar a assar uma torta ou trabalhar em algum projeto de artesanato. Seria um dia de mãe e filha, mamãe tendo adotado Kat como a filha que ela sempre quis.

Eu parei e observei até que eles desapareceram do lado de fora. — O caminho está livre.

Gemma saiu da baia e seu sorriso brilhante se apagou. Seus olhos foram para a porta, onde o som das portas do veículo de Katherine e mamãe batendo ecoou. Enquanto ela olhava para fora, sua expressão ficou em branco.

Exceto que passei um mês observando o rosto da Gemma. Ela estava fazendo o seu melhor para bloquear seus pensamentos e talvez outros não notassem, mas eu vi a dor que ela estava enterrando.

—Você está bem?

Ela acenou com a cabeça e forçou um sorriso. —Ótima.

Era uma mentira total. Mas se eu pressionasse, ela me excluiria completamente, então eu esperaria até que ela estivesse pronta para falar.

—Jigsaw precisa de um treino. Vamos dar uma volta.

—Na verdade, acho que vou embora.

—Para um passeio. Comigo. — Eu empurrei meu queixo em direção à baia de Sprite. — Pegue o seu caril. Então eu quero que você a sele hoje.

—E se eu não quiser dar uma volta? — Ela colocou as mãos nos quadris.

— Que pena. — Aproximei-me e segurei seu queixo, segurando seu olhar por um momento.

Havia tantas coisas incríveis sobre essa mulher. Ela era inteligente e motivada. Ela era linda e amorosa. Mas dane-se se ela não era cega.

Ela veria o que estava diante dela?

Tudo que ela queria, tudo que ela precisava, estava bem aqui. Um lar. Uma família.

Eu.

Eu parei de mentir para mim mesmo no mês passado. Meu coração era dela, era desde o momento em que ela quase me derrubou na varanda da frente da pousada. Eu parei de fingir que meus sentimentos não eram tão reais quanto a respiração em meus pulmões ou a pulsação em minhas veias.

Eu parei de me enganar que isso não me destruiria quando ela fosse embora.

Porque eu acreditava que ela iria embora.

E eu não ia implorar para ela ficar.

—Avise depois de pentear Sprite. — Inclinei-me e dei um beijo em sua testa.

—Ok. — Ela não discutiu porque, no fundo, acho que ela precisava de um pouco de ar e um passeio tanto quanto eu.

Não demorou muito para preparar os cavalos. Gemma conseguiu selar Sprite sem muita ajuda, lembrando-se da maioria dos passos de nossa primeira lição. Normalmente, eu só tinha que

mostrar algo a ela uma vez, então ela faria por conta própria na próxima vez. Ela se lembrou dos detalhes que mais descartou.

Não é à toa que ela teve tanto sucesso em Boston.

A mulher era brilhante e sua determinação de ter sucesso era incomparável.

Quando começamos a cruzar o prado nevado, os cavalos impacientes e felizes por estarem fora, Gemma manteve os olhos voltados para a frente. Seu casaco estava enrolado até o pescoço e ela puxou um gorro desleixado.

— Solte as rédeas, — eu disse. —Sprite não vai resistir a você. Apenas relaxe.

Gemma soltou um longo suspiro, fazendo como eu instruí.

—Bom. Agora vamos conversar. O que há de errado, querida?

Ela não disse nada por dois minutos inteiros, eu contei os segundos, mas então ela olhou para mim e encolheu os ombros. — Estou com ciúmes.

—Com ciúmes. De?

— Katherine. Ela encontrou uma mãe. A sua. E eu estou tão, tão feliz por ela. Mas também estou com ciúme. E estou com raiva de mim mesma por estar com ciúmes.

Ela não precisava ter ciúmes. Ela poderia ter esse mesmo relacionamento. Gemma não tinha ideia de quanto amor minha mãe tinha para dar. Era interminável. Ela puxaria Gemma para sua vida e nunca a soltaria.

Abri a boca, sem saber o que dizer, mas Gemma falou primeiro.

—Minha mãe era louca.

Fechei minha boca, observando seu perfil enquanto ela mantinha o olhar fixo no caminho à frente. Esta não era a primeira vez que ela insinuou os problemas de sua mãe, e ao contrário de suas outras menções, eu esperava que sua história não terminasse aqui. Eu esperava que ela continuasse falando e finalmente esclarecesse um pouco disso. Para libertá-la e deixar o vento levá-lo embora.

—Não como selvagem e louco, — ela esclareceu. —Louca, louca. Levei muito tempo depois de ir embora, para entender que havia algo fundamentalmente errado com ela. A sua mente não estava certa.

—O que aconteceu? Por que você fugiu?

— Para permanecer sã. As coisas eram...impossível de viver. Conforme ficava mais velha, continuou se deteriorando. Até saber se ficasse, ficaria louca. Eu terminaria com tudo antes de me tornar como ela.

O ar sumiu de meus pulmões. A dor no meu peito era paralisante. Gemma era feroz e forte. Para ela considerar tirar a própria vida... as coisas estavam muito piores do que eu jamais imaginei.

Movi Jigsaw para mais perto e estendi a mão com a palma aberta.

Gemma colocou a dela sobre a minha e eu a segurei com tanta força que ela teve que arrancá-la.

— Minha mãe era linda, — disse ela. — Eu olho no espelho todas as manhãs e ela está me olhando de volta. Eu odeio parecer com ela.

—Eu sinto muito.

— Quase fiz uma plástica no nariz em Boston, então não seria o mesmo. Mas então encontrei esse ótimo terapeuta e ele me ajudou a ver que minha aparência era minha. Alguns dias, porém, ainda quero a cirurgia plástica. Talvez seja eu sendo fraca.

—Não há nada de fraco em você. Eu compreendo. — E se ela quisesse mudar o nariz, o queixo ou as bochechas, eu a levaria ao cirurgião.

—Eu quero odiá-la, — sussurrou Gemma, as palavras quase inaudíveis acima dos passos dos cavalos e a brisa passando pela campina. — Isso tornaria tudo muito mais fácil, mas eu não a odeio. Eu tenho pena dela. Seu pai, meu avô, a estuprou desde que ela tinha 12 anos. Isso destruiu sua mente.

Eu cerrei meus dentes, prendendo a respiração para não explodir enquanto meu temperamento aumentava. *Porra. Porra. Porra. Estuprada... pelo próprio pai? Era o impensável.*

— Como você pode imaginar, ela nunca foi certa com os homens. — Gemma balançou a cabeça. —E, felizmente, o bastardo teve um ataque cardíaco quando ela estava grávida de seis meses de mim.

Meu coração parou. Gemma nunca mencionou seu pai. Ela era...

—Não, — ela respondeu à pergunta que eu não tinha sido capaz de pensar, muito menos dizer em voz alta. — Depois que minha mãe fez dezoito anos, meu avô nunca mais a tocou. Ela não era interessante o suficiente para ele. Meu pai era um cara que mamãe conheceu em um bar e trepou em um banheiro. Ela era bastante... íntima sobre suas escapadas sexuais. Sempre me contava cada pequeno detalhe. Outras garotas têm contos de fadas como suas histórias de ninar. Eu tinha comparações detalhadas dos amantes de mamãe.

Gemma realmente tinha vivido em um inferno.

— Minha mãe trabalhava em uma mercearia, — disse ela. — Eu tinha um teto sobre minha cabeça e nunca passava fome. Ela me comprava roupas fofas no Kmart. Lembro-me dela rindo e me fazendo cócegas quando eu era pequena. É difícil para mim saber exatamente quando percebi que ela estava louca e eu era muito jovem para perceber logo no início. Éramos pobres, mas não éramos infelizes. Então tudo mudou.

—O que mudou? — Eu perguntei.

— Eu. Fiquei mais velha. Eu não era tão ingênua com os namorados que mamãe sempre convidava para nossa casa. Ela me exibia na frente deles e dizia coisas como, 'ela não é bonita?' Ou 'você pode tocar no seu cabelo'.

Meu estômago revirou. Eu não tinha certeza se poderia continuar ouvindo isso, mas segurei sua mão e a deixei falar porque isso não era para mim. Isso era por Gemma. Talvez ela tenha

contado a um terapeuta sobre isso, mas ela precisava arejar aqui também.

Ela apertou minha mão com mais força. — A maioria dos homens que vinham nunca mais voltaram. Eles conseguiram o que queriam dela ou viram a mamãe louca e foram embora.

— Malditos covardes, — eu cuspi. —Eles saíram. Mas eles deixaram você lá também.

Ninguém chamou a polícia? Um daqueles bastardos não viram uma garota em perigo?

— Tudo estaria bem se todos eles tivessem ido embora, — disse ela. —Alguns eram piores do que covardes.

— Gem, você fez... eles fizeram... — Cristo. Eu não conseguia tirar as palavras da minha boca.

— Eu nunca fui estuprada. Mas há coisas que aconteceram sobre as quais nunca mais falarei.

E eu não a faria reviver aquele tempo, especialmente agora quando o que eu tinha sobre meu autocontrole estava diminuindo. —Ok.

—Minha mãe não me merecia.

—Isso é um eufemismo maldito, — eu murmurei.

— A casa em que cresci foi a casa da infância da minha mãe. Ela morou lá, mesmo depois do que meu avô fez, e depois que ele morreu.

—Isso é insano.

— Como eu disse, ela era louca. E eu quero odiá-la, — repetiu Gemma. — Eu quero muito odiá-la.

Respirei algumas vezes enquanto Gemma ficava quieta, os olhos para frente. Jigsaw soltou um bufo e seus passos bateram ruidosamente no chão congelado. Ela puxou sua mão e eu a soltei, mas fiquei perto.

Ao nosso redor, o mundo parecia tão em paz. A neve cobriu tudo e o cheiro de um fogo de lenha quente pairou no ar. Parecia tão simples. Minha vida parecia tão simples. Fácil. Abençoada.

Gemma era uma guerreira. Ela lutou todos os dias para sobreviver, e eu estava muito orgulhoso dela. Fiquei orgulhoso por ela ter quebrado o ciclo.

— Depois que você fugiu, você a viu de novo? Sua mãe?

Gemma assentiu. — Ela sempre soube onde eu estava. Nunca contei a ninguém, mas fui para casa e verificava como ela estava, uma vez por mês.

Meu queixo caiu. —Ela sabia que você estava morando em um ferro-velho e não fez nada a respeito?

Gemma me deu um sorriso triste. —Ela fez algo sobre isso. Ela não me fez voltar para casa.

Talvez houvesse um fiapo de sanidade em sua mãe, afinal.

—Eu não sei o que dizer.

— Não há nada a dizer. Mas agora você sabe. Quando vejo sua mãe abraçar Katherine e comprar flores para ela porque ela sabe o quanto Katherine ama o rosa, fico com ciúmes. E Katherine merece isso. Ela merece uma mãe.

—E você? Não merece?

—Eu tenho uma mãe. Ela mora na mesma casa em que viveu toda a sua vida. E eu comprei há cinco anos para que ela não tenha que trabalhar e nunca terá que se mudar.

—O que? — Meus olhos saltaram. —Você ainda... você o que?

Ela manteve contato com sua mãe todos esses anos. Ela cuidou dela. Ela financiou sua vida.

Ela queria odiar sua mãe. Ela queria mudar sua própria aparência para escapar de sua mãe.

Mas ela se acorrentou à mulher.

Deus, ela era forte. Eu nunca conheci ninguém com a força e resiliência de Gemma.

— Eu me mudei, — disse Gemma. —Eu não virei as costas para ela.

— Kat sabe?

—Ninguém sabe. — Havia um aviso em seu tom.

Gemma havia decidido cuidar da mãe há muito, muito tempo. E nenhuma alma na terra a faria mudar de ideia, nem mesmo eu.

Ela apertou as rédeas de Sprite e estalou a língua, acelerando o ritmo e encerrando a conversa.

Apressei Jigsaw para frente e a alcancei, permanecendo em silêncio enquanto a deixava escolher o caminho do passeio. A sua história passou pela minha mente repetidamente e, embora eu tivesse perguntas, as mantive para mim.

Para onde Gemma e eu iríamos a partir daí? Essa confissão nos aproximaria? Ou agora que eu sabia a verdade, isso daria a Gemma a desculpa que ela estava procurando para fugir?

Ou ela perceberia que ela apenas se abriu para mim, porque finalmente encontrou o lugar onde ela pertencia?

Capítulo Treze

Gemma

— Feliz Dia de Ação de Graças. — Eu sorri ao telefone, ouvindo o bebê arrulhar ao fundo

— Feliz Dia de Ação de Graças, — disse Londyn. —Como você está?

— Com frio. Está congelando aqui. Como estão as coisas com você?

— Hum. . . interessante.

Meu sorriso caiu. —Tudo bem?

—Estou grávida.

—O que? — Minha mão veio ao meu coração. —Mesmo? Parabéns.

— Obrigada. — Londyn riu. —Não foi exatamente o que planejamos, mas, meu Deus, Gem, você deveria ver Brooks. Ele está tão animado.

E ela também.

—Estou tão feliz por você, Lonny.

—Eu também. Então, o que você vai fazer hoje? Você está comendo com os Greers?

—Estou sentado do lado de fora da casa de Carol e Jake enquanto conversamos.

— Como está a carenagem do Cadillac na neve? — Ela perguntou.

—Não está tão ruim. Embora eu ache que ficará feliz em ver o clima quente novamente. — Easton se ofereceu para conseguir uma caminhonete de fazenda para eu dirigir, mas eu recusei. Por enquanto, o Cadillac estava indo bem nas estradas que eles sempre aravam. E se isso mudasse, eu pegaria uma caminhonete.

— Você ainda está pensando em ir embora depois do Natal?

— A menos que as estradas estejam ruins. — A ideia de partir fez meu coração doer, mas, cedo ou tarde, meu tempo aqui chegaria ao fim.

Isso tinha que terminar.

Os sonhos foram feitos para durar apenas algumas horas. Eu já tinha o meu há semanas.

— Não há pressa, — disse Londyn pela centésima vez desde que deixei a West Virginia. Toda vez que conversávamos, ela me lembrava de levar algum tempo.

— Eu sei, mas toda essa estadia em Montana foram apenas férias, — eu menti. —É hora de seguir em frente.

Para onde, eu não tinha certeza. Depois de entregar o Cadillac a Karson, não tinha ideia de para onde ir a seguir. Mas eu tinha mil e novecentos quilômetros para descobrir.

Um lamento soou ao fundo. — Uh-oh.

—Ela está exausta. — Londyn suspirou. — Muita emoção hoje e ela está lutando contra o sono.

— Eu vou deixar você ir. Tchau. — Desliguei o telefone, mas não saí do carro.

O meu era o único na garagem além do jipe de Liddy e mesmo que Easton não estivesse dentro, eu queria um momento para me preparar para esta noite.

As coisas entre nós ficaram diferentes nas últimas duas semanas, desconfortáveis e distantes, e tinha tudo a ver com meu passado.

Eu deveria ter ficado quieta naquele passeio a cavalo. Eu não deveria ter contado a ele sobre minha mãe.

Easton vinha algumas vezes por semana e jantávamos juntos. Fazíamos sexo. Mas havia uma distância entre nós, mesmo quando adormecíamos na mesma cama. Eu encontrava seu olhar esperando por mim na maioria das vezes, e nos momentos de silêncio, ele olhava para mim como se esperasse que eu decidisse algo.

Exceto o que havia para decidir? Eu não ia cortar minha mãe. Não importa o quanto eu briguei com ela como mãe e o que ela fez comigo, ela não tinha ninguém no mundo, exceto eu. Se ele queria que eu a renegasse, ficaria desapontado.

O que diabos eu estava pensando contando tudo a ele? Por que eu não poderia simplesmente manter minha boca fechada?

E agora eu tinha que sobreviver a outra função familiar como o único membro não familiar. Eu fingiria que estava tudo bem. Eu fingiria estar feliz.

E eu fingiria não estar apaixonada por Easton.

Os dias estavam ficando cada vez mais difíceis de suportar. Cada hora eu tinha que me lembrar que isso era temporário. E quanto mais eu ficasse, mais doloroso seria ir embora.

Easton não me pediu para ficar. Isso era casual. Isso era por diversão. Ele certamente não insistiu que parássemos de esconder nosso relacionamento da sua família.

Mas e se o fizéssemos? E se disséssemos a eles que estávamos juntos? E se eu voltasse depois de dirigir o Cadillac para a Califórnia?

Ele iria querer-me de volta?

— Você vem para dentro? — Carol gritou da porta da frente.

Eu balancei a cabeça e abri a porta do Cadillac, saindo e correndo para a porta. A neve estava caindo levemente e eu escovei os flocos perdidos de meus ombros e meu cabelo antes de entrar. — Feliz Dia de Ação de Graças.

— Para você também. — Carol pegou a sacola de presente da minha mão, espiando dentro, enquanto eu tirava meu casaco. — Oh, você é tão doce. São lindos. Obrigado.

—De nada. — Eu sorri quando ela tirou o tabuleiro de charcutaria que encontrei em uma loja de presentes em Missoula no fim de semana passado. Eu pulei os últimos dois sábados com Easton, usando as compras do feriado como uma desculpa para duas viagens a Missoula.

Sair do rancho foi bom para mim. Foi um lembrete de que havia um mundo inteiro lá fora para eu explorar e, com minha

renda disponível, eu poderia ir a qualquer lugar que quisesse. Havia mais no mundo do que o Rancho Greer.

Um mês atrás, essa ideia me entusiasmou. Agora, isso fez meu estômago dar um nó.

— Você está bem? — Carol perguntou. — Você parece distraída.

— Não, eu estou ótima, — eu menti. — Posso ajudar com alguma coisa?

— Claro que não. Você é nossa convidada, para poder sentar e relaxar.

Certo. Eu era a convidada.

A ilha da cozinha estava cheia de aperitivos. Havia um molho de espinafre e uma roda de queijo brie. Biscoitos. Azeitonas. Camarão. Três garrafas de vinho estavam abertas e quatro diferentes garrafas de uísque estavam ao lado de um punhado de copos.

O cheiro de um peru cozinhando encheu o ar e Liddy estava na pia, descascando batatas. —Ei, Gem.

—Oi. — Eu amava que ela me chamasse de Gem. Não havia muitos que o fizeram, apenas aqueles que eu amava. — Isso parece incrível.

— Fique à vontade. — Carol me entregou uma taça de vinho. — Espero que você não tenha comido nada o dia todo. Nós nunca vamos passar por tudo isso.

A campainha tocou enquanto ela colocava uma azeitona na boca.

—Eu vou atender. — Antes que ela pudesse discutir e me lembrar de novo que eu era uma convidada, deixei meu vinho e corri para a porta, esperando Katherine. Além de mim, ela era a única que tocava a campainha. Mas não era minha amiga parada na varanda.

Era a garçonete da cidade. Liz, a engraçada Liz.

—Olá. — Ela sorriu, dando um passo à frente para cruzar a soleira.

—Oi. — Eu sacudi meu estupor e me afastei, segurando a porta para ela. Então me lembrei da minha educação. —Eu sou Gemma.

Ela pendurou o casaco quando fechei a porta e estendi a mão. — Liz. Prazer em conhecê-la oficialmente.

—Você também. — Normalmente, eu teria uma conversa educada, mas minha mente ficou em branco.

Liz usava um vestido de malha justa. Estava longe de ser escandaloso com suas mangas compridas e gola alta, mas combinando com suas botas de cano alto, ela parecia bonita e sexy. Seu cabelo estava preso em um belo coque e sua maquiagem era elegante.

Eu estava de jeans preto e um suéter liso que estava longe de ser sexy. Eu nem usava salto.

— Liz, seja bem-vinda. — Carol passou por mim e puxou Liz para um abraço. — O que você vai beber hoje à noite?

— Vinho, por favor. Obrigada por me receber.

— Você é sempre bem-vinda. Estou feliz que JR tenha encontrado você na loja ontem.

— Eu também. — Liz riu. — Isso é muito melhor do que uma torta de frango em casa sozinha.

Então ela estava aqui, uma convidada como eu, que estaria sozinha no Dia de Ação de Graças, se os Greers não tivessem vindo em seu socorro.

A porta atrás de nós se abriu, forçando-nos a entrar mais na casa, quando Cash entrou com Katherine seguindo logo atrás.

Abraços e saudações foram trocados quando Jake e JR entraram na sala onde estavam jogando sinuca. Cada um carregava um copo de uísque na mão.

A menos que houvesse mais convidados, todos estavam aqui, exceto Easton. Os outros mal haviam tirado os casacos quando a porta se abriu e ele entrou.

Seus olhos encontraram os meus imediatamente e a esperança floresceu de que ele seria diferente esta noite. Mas então seus olhos piscaram direto para Liz e um largo sorriso se estendeu por seu rosto bonito. — Ei, Liz. Que bom que você conseguiu.

Espere, ele sabia que ela viria? E ele não tinha mencionado isso para mim?

Legal.

O grupo se arrastou em direção à cozinha, todos recolhendo bebidas e provando o bufê antes do jantar. Fiquei perto de Katherine, sem perder tempo enquanto esvaziava minha primeira taça de vinho.

Easton foi gentil o suficiente para servir o copo de Liz.

Eu recarreguei o meu próprio.

—Seus pais conseguiram chegar ao Texas? — JR perguntou a Liz.

— Eles conseguiram. E eles já inundaram meu telefone com fotos do bebê. — Ela pegou o telefone e puxou uma das fotos, ganhando um suspiro de Katherine e Liddy enquanto elas pegavam o pacote rosa.

—Essa é minha nova sobrinha, — Liz me disse. — Meu irmão mora em Austin e ele e sua esposa acabaram de ter um bebê na segunda-feira. Meus pais voaram para passar a semana com eles.

Deixando-a aqui sozinha no Dia de Ação de Graças.

—Ela é linda, — eu disse, honestamente. Havia algo sobre o beicinho de um bebê que sempre derretia meu coração.

Eu não tinha certeza se seria mãe. No ritmo que eu estava indo, era improvável, mas eu seria uma boa tia. A filha de Londyn, Ellie, seria amada além da medida.

—Eu queria ir, — Liz colocou o telefone de lado, — mas alguém tinha que estar por perto para cuidar do bar.

— A família de Liz é dona do Clear River Bar há, o quê? — JR perguntou a ela. —Trinta anos?

Ela assentiu. — Iniciado pelo meu avô.

— Ele e eu estudamos juntos, — acrescentou Jake. —Há muito tempo.

— Lembra daquela vez que seu avô veio aqui e tentou roubar meu cavalo? — JR deu uma risadinha. —Jurei que estava tão

bêbado na mesa de pôquer na noite anterior que tinha esquecido que apostei meu cavalo e ele ganhou.

Ela deu uma risadinha. —Ele era um idiota.

Uma hora depois, eu perdi a conta do número de histórias que o grupo havia contado sobre a família de Liz ou contos de seu bar. Ela se encaixava tão bem na mistura que, a cada uma delas, minha situação de convidada parecia cada vez mais óbvia.

Liz foi o par de Cash em seu baile de formatura. Liz deu a festa de aniversário de 21 anos de Katherine. Liz foi esquiar com Easton alguns anos atrás e voltou para casa com o nariz quebrado, cortesia de um galho de árvore.

Liz. Liz. Liz.

Ela era doce. Ela era engraçada e charmosa.

E ela estava apaixonada pelo homem que estava compartilhando minha cama.

O jeito que ela sorria para ele era sutil, como uma garota que aprendeu a esconder bem sua paixão de longa data. A menos que você estivesse olhando de perto, o que eu estava, poderia parecer uma forte amizade. Mas seus olhos estavam nele um pouco demais. Quando ele ria, suas bochechas coravam. Ela fez para ficar ao seu lado, mudando casualmente sempre que ele se movia.

E a parte que eu mais odiava era que ele estaria melhor com alguém como ela.

No momento em que nos sentamos à mesa da sala de jantar, eu havia perdido meu apetite. As três taças de vinho que bebi me deram uma forte dor de cabeça.

Easton estendeu a cadeira de Liz, sentando-se ao seu lado, de acordo com as atribuições de assento de Carol.

Fui conduzido para a cadeira diretamente em frente a eles, dando-me o lugar perfeito para ver os dois relembrarem

Mas ele não olhou para mim, nem uma vez. Easton estava mantendo sua parte no trato, fingindo que eu não era nada mais do que uma hóspede passageira.

Mesmo se não estivéssemos fingindo, o que eu poderia contribuir para essa viagem pelos caminhos da memória? Eu não consegui falar com ele sobre a época na faculdade, quando ele trouxe sua namorada, a vegetariana, para uma fazenda de gado, apenas para que ela o largasse uma semana depois. Eu não sabia o nome de seu cachorro que morreu na oitava série ou da caminhonete que ele dirigia no colégio.

Eu não sabia muito sobre o passado de Easton porque ele nunca ofereceu muito.

Não, eu era o caso que normalmente examinávamos. Tinha que dar crédito a ele. Easton ouvia como se se importasse, mas na verdade, eu duvidava que ele queria saber os detalhes horríveis.

Mas isso não me impediu de tagarelar, não é? Deus, eu fui tão estúpida.

Eu não me encaixava aqui. Eram boas pessoas, mas até Katherine se encaixava melhor. Ela sabia onde tirar a prataria da cozinha de Carol para ajudar a montar a mesa. Ela sabia onde os pratos iam depois de descarregar a lava-louças. Ela se ofereceu

para pegar uma bebida para Jake e JR e sabia sem perguntar como eles levaram o uísque.

—Você está bem? — Katherine sussurrou ao meu lado enquanto passávamos pratos e tigelas do banquete ao redor.

—Sim, — eu menti. —Só um pouco de dor de cabeça.

Katherine sabia que Easton e eu dormíamos juntos, mas sempre que conversávamos, eu minimizava meus sentimentos por ele. Ela pensou que éramos casuais. Ela pensou que éramos fugazes. Ela não sabia o quanto eu comecei a gostar dele e ela definitivamente não sabia que eu tive um colapso de ciúme por causa de Liz.

—Quer que eu pegue um Advil para você? — Ela apontou para o banheiro no final do corredor porque sabia onde guardavam o remédio. Isso não deveria ter me incomodado, mas incomodou.

—Eu vou ficar bem. — Peguei uma colher cheia de recheio no meu prato. —Nada que alguns carboidratos e mais vinho não consigam eliminar.

—Amém. — Ela pegou o garfo e comeu seu inhame cristalizado.

Com alguma sorte, estaríamos todos ocupados demais comendo para muito mais conversa. E uma vez que essa refeição acabasse, eu explicaria que minha dor de cabeça era insuportável e voltaria para a cabana onde me barricaria no quarto, me esconderia sob as cobertas e se Easton aparecesse, ele encontraria a porta trancada.

— Então, Gemma. Você e Katherine cresceram juntos, certo? Liz perguntou.

— Está certo. — Olhei para Katherine, que me deu um leve aceno de cabeça, o que significava que ela contou aos Greers sobre nossa infância, mas não para a garçonete local.

Eu duvidava que muitas outras pessoas fora desta família soubessem como nós crescemos porque não era fácil de compartilhar.

—E você está trabalhando na pousada? — Liz perguntou.

Eu concordei. — Só enquanto estiver aqui. Katherine foi boa o suficiente para me dar algo para fazer até o Natal.

—Oh, eu não sabia que você estava indo embora. Achei que você morasse aqui.

—Não, ela não mora. — Easton falou antes que eu pudesse responder. Ele finalmente se atreveu a fazer contato visual.

Esses olhos eram ilegíveis. O tom de sua voz não era monótono, irritado ou frio, era apenas natural.

Eu não morava aqui.

Então, por que ficar até o Natal? Este desafio, seu desafio, não importava. Eu não tinha nada a provar, não mais.

Eu já tinha perdido.

— Estou indo para a Califórnia, — disse a Liz. — Eu só vim visitar Katherine.

—Ah. — Ela acenou com a cabeça e não havia dúvida da sugestão de alívio em seu olhar. Ela me considerou uma adversária, embora Easton se destacasse em garantir que eu parecesse

insignificante para ele. Liz cutucou o cotovelo de Easton com o seu. — Vou andar de snowmobile no próximo fim de semana. Quer vir?

—Talvez. Que dia?

—Sábado. Mamãe e papai estarão de volta para cobrir o bar.

Prendi a respiração, esperando ouvir sua resposta. Os sábados eram o nosso dia. Ou pelo menos eram até eu abrir minha boca e contar a ele sobre mamãe.

— Deixe-me ver como vai ser a semana, — disse ele. — Talvez.

Talvez.

Ele não disse não.

Meu nariz doeu com a ameaça de lágrimas, mas eu as mantive sob controle, tomando um longo gole do meu vinho e me concentrando na refeição.

A conversa ao meu redor continuou, leve, jovial e festiva. Mas a comida deliciosa havia perdido o sabor. O vinho não estava anestesiando a dor. E a dor de cabeça sobre a qual menti para Katherine começou a latejar nas minhas têmporas.

Foi apenas por pura força e anos de prática que consegui manter um leve sorriso durante o jantar. Mas quando Jake mencionou dar uma hora antes de comer a sobremesa, eu sabia que minha fachada não sobreviveria o resto da noite.

— Desculpe. — Levantei-me da mesa e fui para o lavabo, fechando os olhos assim que a porta estava trancada e respirando com dificuldade.

Eu só queria ir para casa.

Mas onde ficava sua casa? Boston? Califórnia? A cabana?

Nenhum desses lugares era um lar. Eu era podre de rica e totalmente sem-teto. A coisa mais próxima que tinha era aquele Cadillac lá fora.

Talvez fosse hora de entrar nisso e continuar com minha vida.

Lavei as mãos e me dei alguns minutos para recompor minhas emoções, então voltei para a sala principal, encontrando Carol e Liddy nos pratos de limpeza da cozinha. — Obrigada a ambas por uma refeição incrível.

— De nada. — Liddy sorriu. — Gostaria de mais vinho?

— Na verdade, acho que vou indo. Estou ficando com uma dor de cabeça horrível e não quero infectar ninguém com mau humor.

—Ah não. — Carol correu ao redor da ilha para um abraço. — Você quer descansar no quarto de hóspedes e ver se passa?

— Minha calça de moletom está me chamando. Acho que vou simplesmente fugir.

— Vá em frente. Nós entendemos.

Liddy se aproximou e me deu um abraço de despedida, então, sem voltar para a sala de jantar, peguei meu casaco do gancho ao lado da porta e deslizei para a noite.

Os pneus do Cadillac rangeram na neve dura enquanto eu dirigia o carro na estrada esburacada para a cabana. Estava quieto lá fora, nem um sopro de vento sussurrava entre as árvores. A noite negra e silenciosa só deixou mais óbvio que eu estava sozinha.

Que havia apenas um batimento cardíaco no carro. Havia apenas um conjunto de passos na neve fresca fora da cabana. Havia apenas uma jaqueta para pendurar no cabide.

O cheiro de Easton pairava no ar e eu podia sentir o cheiro de sua especiaria. Eu respirei fundo, querendo muito me enrolar em uma bola no sofá e chorar.

Não era culpa dele. Easton estava sendo legal com sua amiga e nada do que ele fez esta noite foi remotamente flerte. Como um homem típico, Easton provavelmente nem sabia que Liz tinha sentimentos por ele.

Esse desejo de gritar e lamentar não estava nele. Esse era o meu problema.

Mais um para adicionar à minha coleção crescente.

Lágrimas encheram meus olhos, mas as enxuguei e marchei para o quarto.

Eu sabia quando era hora de partir. Eu tive essa mesma sensação aos dezesseis anos. Eu tive essa mesma sensação em Boston.

Meu tempo aqui acabou. Montana não era mais o lugar para mim.

Então, tirei minha mala vazia do armário.

E comecei a arrumá-las.

Capítulo Quatorze

Easton

— Aqui, vou levar isso. — Eu me levantei da mesa, recolhendo o prato vazio de Liz para levar para a cozinha junto com o meu.

—Oh, eu posso ajudar. — Ela começou a se levantar, mas eu balancei minha cabeça.

— Não. Sente-se. Deixe comigo. — Algo estava errado com Gemma e eu estava procurando um motivo para deixar a sala de jantar, mas não queria deixar isso óbvio.

Mamãe e vovó estavam na cozinha e eu esperava encontrar Gemma com elas, mas ela não estava à vista. — Aqui está.

—Obrigada. — Vovó tirou os pratos da minha mão e os colocou na pia. —Vou pegar o sorvete do freezer da garagem, Liddy. Para o caso de alguém querer sobremesa.

—Ok. — Mamãe apertou o botão iniciar da máquina de lavar louça. —Vou pegar as tortas.

Enquanto ela zunia pela cozinha, entrei na sala de estar, pensando que Gemma queria um momento de silêncio sozinha, mas o quarto estava vazio. *Onde ela estava?*

—Ela não está aqui.

Eu me virei ao ouvir a voz da mamãe. — Quem?

— Gemma. — Ela revirou os olhos. — Vocês dois podem estar enganando todo mundo, mas eu não nasci ontem.

— Oh, — eu murmurei.

Eu não deveria ter ficado surpreso. Mamãe tinha faro para segredos.

Cash e eu só tínhamos conseguido abrir apenas um barril de cerveja no rancho. Ela farejou todas as outras tentativas de planejamento e as sufocou. E ela admitiu anos atrás que a única razão pela qual não fomos flagrados pela festa, foi porque eu estava na faculdade e era a despedida do último ano de Cash.

— Para onde ela foi? — Eu perguntei.

—Ela não estava se sentindo bem.

—O que? — Meu olhar chicoteou para a janela e, com certeza, o Cadillac havia sumido. —Ela está doente?

Gemma estava bem esta manhã quando deixei a cabana. Eu não a tinha visto na pousada hoje, mas quando cheguei aqui esta noite, ela parecia bem. Não que tivesse perguntado abertamente, porque quando estávamos aqui, eu não falava com ela. Fiz o meu melhor para tratá-la como uma conhecida. Eu não queria que ninguém percebesse a maneira como olhava para ela, então decidi que era melhor não olhar para ela em primeiro lugar.

— Ela disse que estava com dor de cabeça, — disse mamãe.

—Desde quando?

—Eu suponho desde que Liz chegou. — Mamãe balançou a cabeça, olhando por cima do ombro para se certificar de que estávamos sozinhos. —Eu amo seu pai, mas aquele homem pode ser grosso como uma parede de tijolos às vezes.

—Hã?

Mamãe apertou os lábios. — Tal pai tal filho.

— O que eu fiz? — Eu fiz uma careta.

Ela estendeu a mão e deu um tapinha na minha orelha.

— Ai. — Minha mão voou para esfregar a picada. Mamãe não mexia na minha orelha assim desde que eu era adolescente. — Sério?

— Que vergonha, Easton Greer. Se aquela garota continuar depois da maneira como você a tratou, ficarei chocada.

—O que eu deveria ter feito, mãe? — Eu me aproximei, com cuidado para manter minha voz baixa. — Gemma e eu concordamos em manter isso entre nós. Não precisamos de mais ninguém envolvido, pois ela irá embora em algumas semanas. E eu não poderia exatamente ignorar Liz. Papai a convidou, não eu. Mas eu não o culpo. Ela teria ficado sozinha no Dia de Ação de Graças.

—Eu sei. — Ela suspirou. —Não me entenda mal. Gosto da Liz. Na verdade, pensei que Cash iria persegui-la um dia desses.

—Mesmo?

—Sim. Não que ele tivesse alguma sorte. Ela sempre teve uma queda por você. — Ela olhou para o teto. —Meus filhos são ignorantes.

—Eu não sou, espere, o quê? Liz não tem uma queda por mim.

Mamãe bateu na minha orelha novamente.

— Jesus Cristo.

—Olha a língua. — Ela apontou um dedo para o meu nariz.

—Desculpe. — Esfreguei minha orelha novamente. —Para que isso?

— Isso foi por Gemma. Porque você estava tão ocupado sem olhar para ela, você sentiu falta do jeito que Liz estava. É por isso que Gemma foi embora, lutando contra as lágrimas e fingindo uma dor de cabeça, porque você está tão preocupado que ela vá embora, que está praticamente empurrando-a porta afora.

— Porque ela está indo embora. Por que arrastar todos vocês para isso? Por que todos têm esperanças de que ela vai ficar quando ela não vai?

Depois de ouvir a história de Gemma sobre sua mãe, não a culpava por ir embora. Ela merecia encontrar o lugar onde queria ficar. Merecia a vida de sua escolha. Ela foi forçada a muito.

Então, eu não imploraria a ela para ficar por mim. Eu não a culparia por uma vida aqui simplesmente porque faria meus sonhos se tornarem realidade.

Eu estava apaixonado por Gemma.

Eu a amava o suficiente para libertá-la. Esta era sua decisão a fazer.

—Ela quer um lar, filho.

—Eu sei.

Mamãe colocou a mão na minha bochecha. —Então dê um a ela.

Se fosse assim tão fácil.

—Oh, desculpe. — Atrás de mamãe, Liz parou na extremidade da sala. —Eu não queria interromper.

— Tudo bem. — Não havia muito mais que eu pudesse explicar para mamãe sem me aprofundar no passado de Gemma. E essa era a história dela para contar, não a minha.

— Devemos comer a sobremesa? — Mamãe me deu um sorriso tenso, depois se virou e caminhou para a cozinha.

— Na verdade, eu vou embora.

Ela olhou por cima do ombro e assentiu, sabendo exatamente para onde eu estava indo. — Vejo você amanhã.

— Feliz Dia de Ação de Graças, mãe. Obrigado por cozinhar.

— O prazer é meu. — A expressão de mamãe era uma mistura de esperança e preocupação, embora não fosse por mim. Mamãe também amava Gemma. E ela estava contando comigo para consertar isso.

Mas e se a única maneira de consertar fosse deixar Gemma ir embora?

Ela quebraria meu coração, mas eu recuaria e a observaria partir.

Isso nos machucaria muito mais se eu tivesse que vê-la desaparecer, simplesmente porque eu pedi a ela para viver a vida que eu queria.

—Você já está indo embora? — Liz perguntou, me seguindo até a porta.

—Sim. — Tirei meu casaco do cabide e o vesti. — Foi um longo dia e sempre há trabalho amanhã.

—Foi bom ver você.

—Você também. Vou parar no bar uma dessas noites e vencê-la em um jogo de dados.

—Ha. — Ela bufou. —Como quiser. Quando foi a última vez que você me bateu? Seis? Sete anos atrás?

Eu ri. — Para ser sincero, você tem mais tempo para praticar.

—Verdade. — Ela sorriu. —Você está indo para casa?

Posteriormente. Mas primeiro, tinha que fazer uma parada na cabana. — Sim, — eu menti e fechei o zíper do meu casaco.

Liz se aproximou, muito perto, e passou o dedo pelo meu braço. — Quer companhia?

Bem, merda.

—Olha, Liz, eu...

— Não diga isso. — Ela se encolheu e se afastou, batendo a mão na testa. —Eu sinto muito. Nós somos amigos. Eu não deveria ter feito isso. Eu sou estúpida.

— Você não é estúpida. Simplesmente não sinto isso por você.

Ela encontrou meu olhar, fazendo uma pergunta silenciosa, por quê?

— Estou com alguém.

Sua testa franziu, então seus olhos foram para a porta e o espaço onde o Cadillac de Gemma estava estacionado. — Oh, é Gemma, não é?

—Sim.

— Podemos esquecer que isso aconteceu? Por favor? —Ela implorou.

Eu concordei. —Certo.

—Obrigada, Easton. — Ela deu mais um passo para longe. — Até a próxima.

—Até mais, Liz. — Nós dois sabíamos que eu não iria jogar dados. Mesmo se Gemma não estivesse na jogada, mesmo se Gemma não tivesse capturado meu coração, Liz seria apenas uma amiga. Eu não a enganaria. Inferno, talvez eu a estivesse enganando.

Mais uma vez, mamãe estava certa.

Quando se tratava de mulheres, eu era grosso como uma parede de tijolos. Algum dia, eu me lembraria que minha mãe sempre tinha razão.

Saí sem me despedir dos outros. Amanhã, eu correria para a cidade e compraria flores para mamãe e vovó por todo o trabalho, mas esta noite, meu instinto estava gritando que algo estava errado com Gemma e não era uma dor de cabeça.

As luzes da cabana estavam acesas e um jato de fumaça saía da chaminé. Não me incomodei em bater na porta e entrei. — Gemma?

Uma gaveta bateu no quarto antes que ela emergisse no corredor. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo e seu rosto estava vermelho. —Então você acabou de entrar?

—Então você foi embora sem dizer uma palavra?

— Eu não sabia que estávamos conversando quando outras pessoas estavam por perto. — Ela colocou as mãos nos quadris. — Foi mal.

—Eu não vim aqui para brigar. — Parei no meio de abrir o zíper do meu casaco. —Você quer que eu vá embora?

Por um segundo, pensei que ela diria sim. Mas então o olhar zangado em seu rosto se suavizou e ela beliscou a ponta do nariz. —Não.

—Você está se sentindo bem? Mamãe disse que você estava doente.

—Estou bem, — ela murmurou e caminhou em minha direção enquanto eu pendurava meu casaco. — Quer beber alguma coisa?

—Não, eu estou bem.

Ela passou por mim no caminho para a cozinha, sem olhar para mim diretamente, então tirei minhas botas e a segui, parando atrás dela enquanto ela pegava um copo e o enchia com um pouco de água da torneira.

—Ei. — Entrei no espaço atrás dela, levantando o copo de sua mão e colocando-o ao lado da pia. — Não há nada com Liz.

—Eu sei. Vocês são amigos.

—Sim. Nós somos amigos. Eu a conheço há muito tempo. Mas é aí que termina. E depois que você saiu, eu me certifiquei de que ela entendesse isso.

—Tudo bem. — Ela acenou e tentou se afastar, mas passei meu braço em volta de seus ombros e a puxei de volta contra meu peito.

—O que há de errado?

Gemma baixou a cabeça. —Nada.

—Experimente de novo.

—Eu não me encaixo aqui, Easton, — ela sussurrou, e meu coração quebrou.

Talvez eu tivesse previsto isso. Talvez eu devesse ter esperado antes. Mas nas últimas duas semanas, quando Gemma se afastou, eu deveria ter visto como o começo de um adeus.

Eu a soltei e dei um passo para longe.

Ela se virou para mim. —Eu não sou o que você precisa.

Eu zombei. — Poupe-me disso, ok? Você vai embora daqui a escolha é sua. Mas não banque a mártir.

— Eu não estou bancando nada. É a verdade.

— Você tomou a decisão por mim. Por quê? Porque Liz estava jantando?

—Não é sobre ela.

— Mentira.

Ela me lançou um olhar furioso e saiu da cozinha para o quarto.

Meu temperamento piorou quando ela desapareceu no corredor e eu marchei atrás dela.

— Por que... — Minha pergunta sumiu quando cheguei à porta. Havia uma mala aberta na cama com a maioria das roupas de Gemma dentro. —Você está indo.

—Estou indo embora. — Ela abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e tirou as poucas coisas que havia escondido dentro. Um protetor labial e uma caixa de preservativos foram jogados na pilha de malas.

Era impossível respirar fundo. Meu peito parecia apertado como se alguém o tivesse embrulhado em aço.

Eu deveria ter até o Natal. Eu deveria ter tempo para me preparar para isso.

Eu não estava pronto.

—Você teria mesmo dito adeus? — Eu perguntei.

Ela se levantou da gaveta, jogando uma loção para as mãos na cama, e seus ombros caíram. —Não.

Foi tudo de novo onze anos atrás.

Bem, foda-se. Eu não a estava deixando escapar de novo. Desta vez, ela poderia me ver ir embora quando eu estivesse pronto para partir.

Eu entrei no quarto, minha raiva uma força, e peguei seu rosto em minhas mãos. Eu segurei com força, então bati minha boca na dela em um beijo duro e brutal.

Gemma derreteu contra mim, rendeu-se, enquanto eu derramava minha frustração em seus lábios. Ela se inclinou para ele, pegando tudo que eu tinha. Ela me deixou puni-la com este beijo.

Exceto que eu não queria puni-la. Eu queria amá-la e mantê-la e... Porra. Isso iria quebrá-la.

Eu afastei minha boca e arrastei uma respiração irregular quando coloquei minha testa na dela. Seu cheiro estava em toda parte, e eu percebi o quão tolo fui por não levá-la para minha cama. Porque eu não tinha nada dela para guardar. Quando ela deixasse esta cabana, ela teria ido embora.

—Eu sinto muito. — Sua voz falhou. —Eu não...

— Tudo bem. — Eu segurei sua bochecha e me inclinei para encontrar seus olhos. Eles estavam cheios de lágrimas não derramadas. Quando uma escorreu pela curva suave de sua bochecha, eu o enxuguei com o polegar. — Tudo bem.

Ela ficou na ponta dos pés, roçando seus lábios nos meus. Desta vez, foi a minha vez de derreter. Eu a envolvi com força, segurando-a perto enquanto ela abria a boca para deixar minha língua entrar.

Eu memorizaria o seu gosto. Eu memorizaria a maneira como ela se sentia em meus braços. Eu faria tudo isso porque não tinha feito isso anos atrás.

Desta vez, eu não perderia sua memória tão rapidamente.

Nossas mãos se atrapalharam para tirar as roupas enquanto nos arrastávamos para a cama. Seu suéter veio primeiro para que eu pudesse moldar minhas mãos sobre o cetim preto de seu sutiã. Seus mamilos endureceram sob o tecido, cavando na carne da minha palma. Minha camisa veio em seguida, seguida pela camiseta branca por baixo.

Quando a parte de trás de seus joelhos bateu na borda do colchão, eu a puxei para baixo e abri o botão de seu jeans para que eu pudesse arrastá-lo para fora de suas pernas. Sem eles, a única coisa que restava na cama foi Gemma de sutiã e calcinha. E aquela maldita mala.

Eu a empurrei para o chão.

Gemma fez uma careta quando suas roupas se espalharam por toda parte.

Encolhi os ombros e soltei o cinto. Se esta fosse a última vez, eu não seria prejudicado por aquela maldita bagagem.

Gemma se sentou e passou as mãos pela minha barriga, suas unhas rosas cravando-se nas depressões entre cada músculo. Em seguida, ela arrancou o botão e puxou para baixo o zíper. No momento em que saltei livre, sua língua estava em mim, lambendo a ponta do meu pau antes de me levar completamente em sua boca.

— Gema. — Eu segurei sua nuca. —Porra.

Ela gemeu e a vibração de sua garganta quase me derrubou.

Eu a puxei de cima de mim com seu rabo de cavalo, então tirei meu jeans e rasguei sua calcinha enquanto ela abria o sutiã. Quando cobri seu corpo nu com o meu, ela enrolou as pernas em volta dos meus quadris. Nossos olhos se encontraram. Nossas respirações se misturaram. E quando eu deslizei dentro dela nua, eu a envolvi em meus braços para que ela sentisse a batida do meu coração.

Era dela.

E quando ela saísse daqui amanhã, ela pegaria a estrada.

Gemma tremeu embaixo de mim, suas pernas se apertando ainda mais para me puxar mais fundo.

— Eu preciso pegar um preservativo, — eu sussurrei em seu ouvido.

Ela balançou a cabeça, seus braços me segurando perto. — Ainda não.

Eu amava essa mulher. Droga, eu a amo. Mas se eu não colocasse uma camisinha agora, não haveria chance de parar de novo. E por mais que eu quisesse vê-la crescendo com nosso filho, isso só pioraria as coisas.

Então me soltei quando um gemido de protesto escapou de seus lábios e remexi no chão até encontrar a caixa de preservativos. Quando me juntei a ela na cama, ela abriu bem as pernas e me deu as boas-vindas em casa.

—Você se sente tão bem. — Eu beijei sua boca aberta. —Tão bom pra caralho.

Ela cantarolou sua concordância contra meus lábios enquanto eu nos embalava juntos, levando-a mais alto, golpe após golpe. Quando suas pernas começaram a tremer e sua respiração ofegou, alcancei entre nós e encontrei seu clitóris.

Um toque e ela gozou. Ela pulsava ao meu redor com onda após onda de prazer, fazendo seu corpo tremer. O aperto de suas paredes internas e o puro êxtase em seu rosto eram demais. Arrepios percorreram minha espinha e meu orgasmo alucinante quebrou.

Nós nos abraçamos, agarrando-nos por apenas mais um segundo juntos. Nossos corpos estavam molhados de suor e sua orelha estava contra meus lábios. As palavras que eu queria sussurrar, imploravam para sair. Eu amo você. Eu queria dizê-las. Eu queria que ela soubesse que ela significava tudo para mim. Mas eu as engoli porque não a faria negar ou repeti-las. Eu não daria a ela nada para se sentir culpada quando ela partisse.

Antes de me afastar e levantar da cama, beijei a parte inferior de seu queixo, depois sua clavícula, roubando pequenos sabores enquanto eu podia. Aí eu a deixei na cama enquanto ia ao banheiro cuidar da camisinha.

Talvez esta noite, se pudesse falar com ela e fazê-la relaxar, eu pudesse descobrir onde sua cabeça estava. Eu poderia descobrir o que tinha acontecido e ver se poderia atrasar isso por mais algumas semanas. Se eu tivesse muita sorte, pegaríamos um metro e meio de neve e ela ficaria presa aqui até a primavera.

Isso poderia apenas atrasar o inevitável, mas poderia ser minha única chance de dar a ela tempo para mudar de ideia. Para decidir sobre este rancho como uma casa.

Por mim.

Eu me lavei e esperava encontrá-la na cama quando voltasse para o quarto. Em vez disso, ela estava vestida. Seu cabelo estava enrolado em um nó bagunçado e ela estava de joelhos ao lado da mala.

Ela não estava colocando as roupas de volta na cômoda.

Ela estava fazendo as malas para partir.

Lá se vai uma última noite.

Tirei meu jeans do chão e o coloquei, deixando o cinto solto. Gemma estendeu minha camiseta e eu a arranquei de suas mãos antes de colocá-la pela cabeça. Eu não conseguia ver minha camisa na bagunça, mas não ia ficar por aqui e procurar por ela.

—Quando? — Eu estalei.

—Quando o que? — Sua voz estava calma e tranquila.

—Quando você vai embora?

—Amanhã, eu acho.

Eu zombei e procurei na bagunça no chão por minhas meias. Quando as encontrei, coloquei-as no bolso e virei para a porta sem dizer uma palavra.

Se ela não fosse ficar, eu também não ficaria. Dormir ao seu lado por mais uma noite, tê-la enrolada ao meu lado, seria uma tortura.

Eu caminhei até a porta, tirando meu casaco do cabide e não me preocupando em colocá-lo enquanto calçava minhas botas. Minha raiva seria suficiente para me manter aquecido durante todo o caminho para casa.

Os passos de Gemma pisaram no chão enquanto ela descia o corredor. — Então é isso? Você vem aqui, transa comigo e vai embora?

—Você está brincando comigo? Porra, você me deixa louco. — Passei a mão pelo cabelo. —Você é que está decidida a ir embora correndo daqui pela manhã. O que você quer de mim?

—Você? E quanto a mim? O que você quer de mim?

Eu quero que você fique. Mais do que tudo, eu queria que ela ficasse.

Mas eu não ia implorar. Se ela escolhesse esta vida, me escolhesse, ela teria que ter certeza. Porque no minuto em que ela dissesse sim, eu esperaria e nunca mais largaria.

Eu queria que ela fizesse sua própria escolha.

—Não vou implorar para você ficar, Gemma.

Algo brilhou em seus olhos, mas antes que eu pudesse entender, ela piscou. Então ela passou por mim para abrir a porta e, com uma mão pressionada no meu peito, me empurrou para fora.

Logo antes de ela bater à porta na minha cara, eu a ouvi sussurrar: — Ninguém nunca implorou.

Capítulo Quinze

Gemma

— O que mais está acontecendo? — Perguntei a Benjamin.

— É isso, — disse ele. — Tudo está sob controle.

— Ok. Ótimo.

Eu liguei para ele para fazer a verificação, como fazia todas as manhãs de sexta-feira. E, como de costume, não havia muito a relatar. Desde que deixei Boston, Benjamin fez exatamente o que eu pedi. Ele assumiu.

A cada semana, ele tinha menos perguntas para eu responder. Menos tarefas para eu completar. Deveria ter me feito sentir bem por colocar um homem tão competente e capaz no comando. Benjamin cuidava dos meus investimentos e empreendimentos de capital como se fossem dele.

Mas eu vinha temer esses telefonemas de sexta de manhã porque eles eram outro lembrete contundente de que eu não era realmente necessária.

Nem em Boston.

E nem em Montana.

Eu deixaria o Greer Ranch hoje e embora Annabeth ficasse desapontada com o fato de mais uma vez a posição de recepção estar vaga, ela mais cedo ou mais tarde, encontraria minha substituta. Katherine tinha outros amigos com quem sair. E Easton...

No momento, eu não estava pronta para processar a dor de cabeça de deixar Easton Greer. De saber que ele, cedo ou trade, encontraria uma substituta melhor. Então, eu não pensaria em Easton, não hoje. Eu guardaria isso para minha viagem.

— Como vão as coisas em Montana? — Benjamin perguntou.

—Chegando ao fim. Eu estou indo embora hoje.

— O-oh. Realmente? Achei que você fosse ficar até o Natal.

—Mudança de planos. — Meu estômago se revirou. Estava em um estado constante desde que Easton saiu ontem à noite.

Eu fiz o meu melhor para conter as lágrimas, principalmente me empenhando em fazer as malas. Então limpei a cabana, do teto ao piso de madeira. Finalmente, adormeci de pura exaustão, emocional e física, e acordei com o sol entrando pela janela do quarto da cabana.

Não demorou muito para carregar o Cadillac, embora houvesse mais coisas no porta-malas agora do que quando comecei esta jornada. Eu tinha o casaco de inverno que Easton tinha insistido junto com as botas que usava em nossos sábados de trabalho. E eu estava com a camisa xadrez que ele havia deixado para trás na noite anterior, guardada com segurança dentro da minha bolsa.

Faltava apenas encerrar a ligação, passar por aqui e me despedir de Katherine, depois pegar a rodovia.

—Você se importaria de me reservar um quarto de hotel? — Eu perguntei.

— Quando e onde?

—Vou encontrar um hotel ao longo da estrada esta noite, mas esperava chegar a San Francisco amanhã e ficar lá por alguns dias. — Eu precisava construir algumas paredes mentais antes de me aventurar em Temecula. Eu não tinha certeza se tinha forças para parar e visitar minha mãe, mas era algo que eu estava pensando.

— As comodidades usuais? —Ele perguntou, o som de teclas de computador clicando ao fundo. Ele provavelmente já abriu um site de viagens.

—Por favor. — Benjamin sabia que eu preferia um hotel boutique com spa e menu cinco estrelas.

—Feito. Vou lhe enviar os detalhes. Algo mais?

— Não, obrigada. Vou verificar mais tarde. Tenha uma boa semana.

— Gemma, espere. Antes de desligar.

Meu coração parou. Por favor, não desista. Eu não poderia lidar com isso agora. Eu não conseguia lidar com a possibilidade de deixar o Rancho Greer e ter Benjamin me deixando tudo no mesmo dia. — Sim?

—Você está bem? — Havia preocupação genuína em sua voz, provavelmente porque a minha parecia monótona e sem vida.

— Claro. Eu estou bem.

Houve uma longa pausa do outro lado da linha. Sem dúvida, ele estava debatendo se seria ou não inteligente pegar sua chefe em uma mentira descarada. Felizmente, ele deixou passar. — Você gostaria de companhia em San Francisco?

— Quem? Você?

—Sim, eu. Eu tenho saudade de você.

—Eu também sinto sua falta. — Meus olhos inundaram.

Por mais que eu quisesse ver um rosto conhecido, meus dias em San Francisco seriam terríveis. Eu tinha um coração partido para consertar. Seria melhor ver Benjamin quando nós dois pudéssemos rir e conversar sem uma nuvem de tristeza pairando sobre minha cabeça.

— Que tal nos encontrarmos depois que eu entregar este Cadillac? Podemos passar uma ou duas semanas em algum lugar tropical. Traga Taylor e nós três gastaremos uma pequena fortuna nos empanturrando de comida entre as consultas no spa. Vocês dois podem escolher para onde vamos.

Ele deu uma risadinha. — Taylor vai querer Bali.

Fugir para o outro lado do mundo com Benjamin e sua esposa parecia uma boa ideia no momento. — Bali então.

— Mantenha contato, por favor. Não gosto da ideia de você dirigir sozinha.

—Eu vou ficar bem, — eu assegurei a ele. —Falaremos em breve.

—Tchau.

Com a ligação encerrada, coloquei meu telefone na bolsa e pendurei-a no ombro. Então me levantei do sofá da sala e dei uma última olhada na cabana.

Minha casa temporária.

Sempre pareceu temporária. Isso tinha que significar alguma coisa, certo? Que eu nunca quis morar aqui para sempre? Gostava da cabana. Era aconchegante e quente. Mas não estava em casa.

Este lugar não era um lar.

Então, respirei fundo novamente, saboreando uma última inalação do fogo que construí esta manhã, que quase tinha se apagado. Então fui até a porta, girei a fechadura da maçaneta antes de fechá-la atrás de mim e entrei no carro.

Eu não me permiti olhar no meu espelho enquanto dirigia.

Foi simplesmente outra parada passageira.

E como eu tinha feito antes, era hora de procurar a próxima.

— Fique mais uma semana, — implorou Katherine. — Ou duas.

— Eu não posso.

— Por favor? Já tenho o seu presente de Natal. Apenas fique até lá.

Ela não estava facilitando as coisas para mim. Nossa amizade floresceu no meu tempo aqui e eu sentiria terrivelmente sua falta. Eu esperava sinceramente que nosso relacionamento não acabasse.

—Vou sentir saudades. — Eu a puxei para um abraço e apertei com força.

Estávamos paradas no meio de seu escritório. Eu a encontrei atrás de sua mesa, como sempre, trabalhando com um sorriso no rosto.

Eu invejava isso e muito mais. Mas eu estava tão feliz por ela. Fiquei feliz por ela ter encontrado seu lugar.

— Ligue para mim, — eu disse. — E eu vou ligar para você. Não quero perder você de novo.

—Você não vai. — Seus braços se apertaram com mais força. — O que aconteceu, Gemma? Por que está indo embora? Você parecia feliz.

Eu estava feliz.

Mas eu não iria confundir a vida de Easton. Especialmente se ele não fosse me pedir para ficar.

Ontem à noite, me senti com dezesseis anos novamente. Quando saí da casa da minha mãe, ela estava lá. Assistindo. Ela se sentou no sofá da sala e me observou sair pela porta sem dizer uma palavra.

Eu chorei por dez quarteirões sabendo que ela não iria correr atrás de mim.

Essa dor não foi nada comparada com a declaração de Easton de que não me imploraria para ficar.

Mas eu não estava pensando nisso. Agora não.

Minha prioridade era pegar a estrada e dirigir.

Um dia desses, talvez eu não me sentisse tão perdida. Talvez um dia colocasse os pés no lugar onde deveria estar e soubesse, no

fundo, que era meu. Talvez finalmente acalmasse a energia instável que corria por minhas veias.

—Eu tenho que ir. — Eu soltei Katherine e pisquei para afastar a ameaça de lágrimas. — Você tem meu número.

Ela assentiu com a cabeça, enxugando os próprios olhos. — Você vai voltar?

—Algum dia. — *Talvez.*

Mas só quando eu pudesse lidar com a ideia de ver Easton novamente.

Até então, planejava convidar Katherine para a viagem de Benjamin a Bali. Eu a levaria embora até que tivesse coragem de voltar. Até que eu fosse forte o suficiente para enfrentar Easton, sabendo que quando saísse daqui hoje, ele nunca me perdoaria.

— Cuide-se.

Ela me deu um sorriso triste. — O mesmo para você.

Eu me virei e corri de seu escritório antes que ela pudesse ver minhas lágrimas não derramadas. Então saí para o Cadillac estacionado em frente a pousada.

Eu tentei encontrar Carol e Liddy mais cedo, mas elas foram a Missoula para fazer compras na Black Friday, então deixei um bilhete para elas. Elas provavelmente me odiariam por esse bilhete, mas era melhor do que ficar por aí.

O Cadillac estava quente quando entrei, os bancos absorvendo o sol da manhã. Acionei o aquecedor de qualquer maneira quando liguei o motor, sentindo um frio tão profundo que duvidava que estaria quente por cem quilômetros.

Merda. Por quê? Eu nem tinha certeza do por que estava perguntando. Por que eu estava assim? Por que a vida era tão difícil? Por que ele não me ama? Somente... por que?

Meu queixo tremeu e eu respirei fundo algumas vezes, mas não adiantou. As lágrimas inundaram e o mundo se tornou um borrão vítreo enquanto eu chorava no volante.

O que estava errado comigo? Por que eu estava indo embora?

Porque estou apavorada.

A resposta veio imediatamente. Desta vez em Montana tinha me acordado. Eu estava sentindo novamente. Eu estava vivendo. Eu me apaixonei.

E eu estava com medo de que tudo acabasse em merda.

Se eu decidisse ficar e tudo aqui quebrasse, isso me destruiria.

A autopreservação estava entrando em ação, e tolos ou não, hábitos eram difíceis de quebrar. Eu tenho cuidado de mim mesma, dependendo de mim mesma, me protegendo por muito, muito tempo.

Sequei meu rosto, tirando a maquiagem que coloquei esta manhã com as lágrimas, então respirei fundo, me endireitei e coloquei o Cadillac ao contrário.

A estrada estava coberta com o pó da neve da noite anterior. Havia apenas um conjunto de trilhas para marcar o caminho, provavelmente de Carol e Liddy. Antes que eu pudesse me conter, olhei no espelho retrovisor, vendo a cabana ficar menor à distância. Então fiz uma curva e ela desapareceu atrás de uma parede alta de sempre-vivas.

Minha mão veio ao meu peito, esfregando meu esterno para tentar apagar a picada.

Acelerei o Cadillac mais rápido. Estradas nevadas ou não, era hora de arrancar a bandagem e dar o fora da propriedade Greer.

Uma onda de neve se ergueu atrás de mim enquanto eu aumentava a velocidade e, adiante, a rodovia apareceu. A pressão em meu peito era quase paralisante, mas respirei com as duas mãos travadas no volante.

Então uma listra preta chamou minha atenção.

Pisquei uma vez, depois duas, e tentei entender o que estava vendo.

Havia um homem a cavalo correndo ao longo da cerca de arame farpado que margeava a rodovia. Ele estava voando.

Eu ofeguei, uma mão voando para minha boca enquanto meu pé levantava do pedal do acelerador.

Jigsaw estava correndo a todo vapor, as pernas se esticando à sua frente enquanto ele galopava. E em suas costas, Easton cavalgava com uma graça fluida que era tão incrivelmente bela, que eu mal percebi que havia parado o Cadillac completamente.

Easton virou Jigsaw ao se aproximar da estrada, mas não diminuiu o ritmo. Ele não diminuiu a velocidade até que estava perto o suficiente para eu ver suas bochechas coradas, sua respiração ofegante e que ele não estava usando um casaco.

Ele saltou de Jigsaw, o animal respirando tão forte quanto seu dono, e enquanto o cavalo estava esperando, Easton caminhou até o Cadillac e abriu a porta.

Seu rosto era uma tempestade. Seus olhos ardentes.

Ele estava lívido. Fantástico.

A razão pela qual ele me atropelou foi provavelmente porque eu roubei sua camisa.

Easton apontou o polegar por cima do ombro. — Saia.

Ok, não lívido. Assassino.

Saí do carro, observando enquanto ele colocava as mãos nos quadris e respirava fundo algumas vezes.

Easton arrancou o chapéu de cowboy da cabeça e jogou-o no chão. Havia suor nas têmporas e a temperatura estava abaixo de zero.

—Onde está seu casaco?

Essa pergunta me rendeu um olhar gelado. — Eu vi você no estacionamento. Chorando.

— Oh. — Eu deveria ter viajado mais longe para esconder minhas lágrimas. — Então?

Ele passou a mão pelos cabelos. — Estou esperando há mais de um mês para você descobrir. E você ainda não o fez.

— Descobrir o que? — Que ele não me queria o suficiente para me pedir para ficar?

Ele deu um passo mais perto e tive a visão perfeita de sua mandíbula. — Onde você se encaixa, Gemma?

— Por que você está fazendo isso? — Ele estava tentando me machucar? Como ele podia me fazer essa pergunta quando sabia que eu não tinha a resposta?

— Onde você se encaixa? — Ele repetiu.

Em lugar nenhum. Fechei a boca e levantei o queixo. Não tínhamos feito o suficiente disso ontem à noite? Ele realmente precisava brigar quando eu estava a segundos de deixá-lo em sua vida?

Easton deu um passo à frente, diminuindo a distância entre nós e levantando a mão na minha bochecha. Então sua voz caiu para quase um sussurro. — Onde você se encaixa, Gemma?

A gentileza de seu toque derreteu minha raiva. — Eu não sei.

— Adivinhe.

Dei de ombros. — No rancho?

Easton balançou a cabeça e maldito seja, isso quebrou meu coração.

Tentei me afastar, mas ele me prendeu. — Easton...

—Comigo. — Ele baixou a testa na minha. —Você se encaixa bem aqui comigo.

Um soluço escapou, seguido por outro, e enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto, ele me puxou para seus braços. —Eu não quero ir embora.

— Então volte para casa. Por favor.

—Achei que você não fosse me implorar para ficar.

— Deixe-me reformular. Volte. Para. Casa. Isso não sou eu implorando. Sou eu dando ordens.

Eu ri e chorei, me afundando em sua camisa enquanto ele me segurava com força.

—Eu não quero que você vá, Gem. Fique.

— Ok, — eu sussurrei.

A tensão em seu corpo desapareceu e ele afrouxou o aperto o suficiente para pegar meus lábios.

Ele lambeu a costura e me beijou lenta e suavemente. Foi talvez o gesto mais doce que ele mostrou, mas minha mente estava girando, e era difícil me concentrar no gosto de sua língua e no calor de sua respiração.

Como isso foi acontecer? Ele realmente correu até mim em seu cavalo, seu maldito cavalo, e agora eu o estava beijando? Este era um daqueles momentos que eu repassava na minha cabeça nos anos seguintes e ainda não acredito que foi real.

Quando ele se afastou dos meus lábios, estudei seu rosto, tentando dar sentido a tudo. —Por quê? O que fez você mudar de ideia e vir atrás de mim?

— Eu estava nos estábulos, chateado com você. Não deveria estar lá, mas minha caminhonete furou esta manhã e, em vez de pedir ajuda, voltei a pé.

— Porque você estava chateado comigo, — eu murmurei.

—Sim. Bem, eu tinha acabado de entrar e olhei por acaso. Aí estava você. Chorando e... — Seus olhos derreteram em poças de chocolate escuro. — Quebra-me ver você chorar.

Então ele cavalgou atrás de mim.

Ele deve ter vindo direto dos estábulos em direção à rodovia, porque, em linha reta, era o caminho mais rápido para sair do rancho. Para minha sorte, a estrada fazia uma curva e serpenteava, caso contrário, eu não o teria visto.

— Não quero prendê-la aqui, — disse ele. —É por isso que não perguntei. Foi por isso que disse o que disse ontem à noite. Você passou pelo suficiente. Depois que me contou sobre sua mãe, pensei sobre isso e simplesmente... Eu não quero que você viva em algum lugar que não queira.

Foi por isso que ele ficou estranho depois da minha confissão? Não por causa do que eu disse a ele, mas porque estava preocupado comigo.

Ele estava disposto a me deixar ir embora, porque queria que eu fosse feliz.

— Eu amo você, — eu soltei.

— Eu amo você. — Ele sorriu. — Eu amo você, mulher. Eu vou me casar com você. Eu vou ter bebês com você. Eu vou brigar com você. Eu vou beijá-la todas as manhãs. E mostrar todos os dias que é exatamente a esse lugar que você pertence.

Eu queria isso. Cada palavra. Cada promessa. — Você está me pedindo para casar com você?

Ele arqueou uma sobrancelha. — Eu pedi?

Eu ri e fiquei na ponta dos pés para dar um beijo em seus lábios. — Vamos fingir que você pediu e que eu disse que sim.

O sorriso de Easton estendeu-se sobre o seu rosto. Era o sorriso mais honesto e real que eu tinha visto deste homem e fez-me sorrir instantaneamente de volta. Ele só me deixou apreciar esse sorriso por um segundo, depois os seus lábios estavam novamente sobre os meus e não havia nada de doce no nosso beijo. Estava consumindo. Marcando. Reivindicando.

Eu era dele. Eu pertencia a ele.

A confusão que eu sentia, bem... para sempre, parecia simplesmente desenrolar.

Easton me beijou até ficarmos sem fôlego, então ele me soltou e apontou o queixo para o Cadillac. — Agora volte para o carro antes de congelar. Preciso levar o Jigsaw para os estábulos, então a encontro em casa.

— Ok. — Concordei, hesitante em deixá-lo ir, mas também não o queria ali fora.

— Aqui. — Ele ergueu um dedo enquanto sua outra mão mergulhou no bolso da calça jeans, puxando as chaves. Em uma pulseira de couro havia quatro chaves e um chaveiro preto. Ele arrancou a única chave de latão e colocou-a na minha mão. — Isso é seu.

Fiquei olhando para ele na palma da mão e o nó na garganta voltou.

Ele me deu a chave de sua casa.

A maioria das pessoas não ficaria sem fala por uma chave. Mas eu não era a maioria das pessoas.

Sempre que eu precisava de uma casa, saía e encontrava, construía ou comprava uma para mim.

E Easton tinha acabado de me dar a sua.

Ele beijou minha testa e estalou a língua para Jigsaw, que não havia sequer se movido do local onde havia sido deixado. Com um rápido balanço para cima, Easton estava na sela e galopando pela estrada, sem perder tempo enquanto caminhava para os estábulos.

Subi de volta no meu carro, a chave de Easton agarrada na minha mão, e dirigi em direção a sua casa.

Um sorriso puxou minhas bochechas enquanto eu entrava na vaga em sua garagem, estacionando em frente à garagem. Londyn iria adorar isso. Katherine também. Benjamin também, embora eu ainda o enviaria e Taylor para Bali.

Decidi deixar minha mala no porta-malas, Easton a carregaria mais tarde, e subi os degraus da varanda e da entrada da frente, deslizando minha chave na fechadura. Prendi a respiração enquanto girava a maçaneta de bronze, sem saber o que esperar do outro lado da porta de nogueira. Mas quando cruzei a soleira, meu queixo caiu.

A casa de Easton era perfeita. O plano de piso aberto me deu uma visão da cozinha larga e expansiva. Fluía perfeitamente da área de jantar para a sala de estar, repleta de móveis de couro e peças de nogueira. As janelas da baía na frente da casa eram tão impressionantes quanto aquelas que mostravam a vista atrás da casa.

O estilo era rústico e amadeirada, muito Easton, mas não excessivamente viril. Era quente e convidativa. Era exatamente o que eu teria projetado para uma casa na base de uma montanha.

Dei mais um passo para dentro, fechando a porta atrás de mim. Se Easton quisesse me dar uma turnê, teria que viver com a decepção. Os quartos de hóspedes no andar principal estavam em um corredor fora da sala de estar, juntamente com um escritório

pouco decorado. Eu espiei a despensa junto com a lama e as lavanderias.

Quando eu andei pelo corredor que leva aos fundos da casa, o cheiro de Easton me cumprimentou antes de eu entrar na enorme suíte master.

Sua cama estava desfeita. Os lençóis de carvão estavam amarrotados e a colcha de camurça espalhada no chão. Todas as noites que ele passava na cabana, ele dormia como uma pedra, mal se movendo. O que significava que na noite passada, ele provavelmente tinha se virado.

Entrei no quarto, sem me preocupar com a luz. Ele saltou o teto do quarto e a parede de trás era quase inteiramente feita de vidro. Raios de sol fluíram para dentro, iluminando a sala e aquecendo meu rosto.

Cada passo parecia pesado. Profundo. Como com cada um, meus pés afundaram no piso de madeira, passando pela fundação de concreto e caindo na terra.

Como as raízes de uma árvore se firmando.

Uma onda de emoção brotou em meu peito e eu estava chorando de novo. Droga, eu chorei mais nas últimas vinte e quatro horas do que nos últimos onze anos.

Talvez isso fosse esperado quando alguém como eu finalmente o encontrasse.

Lar.

Eu não chorei por muito tempo quando dois braços se uniram em volta de mim e Easton me puxou para seu peito. —Você está bem?

Eu balancei a cabeça, inclinando-me em seu abraço. — São lágrimas de felicidade.

— Ótimo. Bem-vinda a casa, querida.

Epílogo

Gemma

Seis meses depois...

— Eu não gosto da médica.

Easton riu. —Na consulta da semana passada, você a amou. Você a convidou para o casamento.

—Ela pode esquecer esse convite agora.

Ele alcançou o outro lado da cabine da caminhonete e pegou minha mão, segurando-a enquanto caminhávamos pela estrada. — Vamos levar o carro para a Califórnia. Só não vai ser por um tempo.

—Um longo tempo. — Meus ombros caíram. — Eu preciso ligar para Londyn.

—Ela não vai se importar.

—Ela deveria.

Ele levou minha mão aos lábios e beijou meus dedos. —Ela não vai.

Meu noivo estava certo. Londyn não se importaria com o carro. Inferno, ela estava na West Virginia por um ano antes de eu levá-lo em minha aventura. Principalmente, eu estava fazendo beicinho porque as notícias da médica não eram o que eu esperava ouvir.

A partir de hoje, eu estava em repouso de atividade. Eu ficaria presa dentro de casa por meses, enquanto terminava de criar este

bebê. E a viagem que planejávamos fazer para a Califórnia em três semanas ficaria em espera. Nem Easton nem eu arriscaríamos estar na estrada com a luz de advertência desta gravidez.

— Eu odeio isso, — eu murmurei. —Eu estou com medo.

Ele olhou para o outro lado da cabine. —Vai ficar tudo bem.

—E se não conseguirmos baixar minha pressão arterial?

—Nós vamos.

Achei cruelmente irônico. Se a médica não quisesse que eu ficasse estressada durante o resto da minha gravidez, ela não deveria ter me contado todas as coisas ruins que poderiam acontecer.

Ela definitivamente não seria convidada para o nosso casamento.

O dia em que Easton me impediu de sair e me fez sua proposta de homem das cavernas, passamos sozinhos em casa. Ele trouxe minhas coisas e me ajudou a desfazer as malas, mudando-me para sua casa, nossa casa. E naquela noite, ele insistiu que fôssemos jantar em família.

Entramos na casa de Carol e Jake e antes que alguém pudesse reagir ao fato de que eu não estava a caminho da Califórnia ou me repreender por ter deixado um bilhete, ele anunciou que estávamos noivos.

Duas semanas depois, ele voltou para casa com um anel de diamante.

Duas semanas depois disso, cheguei em casa com testes de gravidez.

Até agora, esta gravidez tinha sido uma moleza. Eu não tive nenhum enjoo matinal e meus níveis de energia estavam ótimos. Mas, duas semanas atrás, eu fiz um exame de rotina e a médica ficou preocupada que minha pressão arterial estivesse mais alta do que o normal. Esta semana foi a mesma coisa. Se o exame da próxima semana fosse uma continuação, eu teria que tomar medicamentos, algo que evitei completamente desde que meu teste de gravidez deu positivo.

Eu estava comendo de maneira saudável. Eu estava fazendo exercícios. Mas a ansiedade de ver crescer uma pessoa dentro de mim e me tornar mãe estava me afetando.

Eu não tive exatamente um bom modelo durante meus anos de formação.

—Eu só quero que o bebê fique bem. — Eu acariciei minha barriga, respirando fundo.

—Ele ficará. — Easton agarrou minha mão. —Vocês dois ficarão.

Seria mais fácil acreditar nele se seus nervos não estivessem passando por sua voz e não houvesse uma linha de preocupação entre suas sobrancelhas.

Easton estava maravilhado que íamos ter um menino. No mês passado, ele foi a Missoula com o trailer para comprar alguns suplementos minerais especiais para o gado e, enquanto estava na loja de suprimentos da fazenda e do rancho, ele encontrou um par de botas de cowboy para bebês. E um chapéu de cowboy de bebê. E um par bebê de polainas de feltro.

O traje estava no armário do quarto de bebê, esperando o dia em que ele teria idade suficiente para usá-los e eu tiraria um milhão de fotos.

Easton também disse a Cash que o melhor potro nascido este ano seria nosso.

Talvez eu não tenha tido bons pais, mas tive sorte que o homem ao meu lado compensaria mais das minhas deficiências. E poderíamos nos apoiar em nossa família.

Os Greers estavam tão animados com este bebê como nós estávamos.

Chegamos na casa de Carol e Jake e Easton fechou a caminhonete. Estávamos atrasados para o jantar em família porque minha consulta havia demorado, mas era uma noite linda.

As flores de Maio estavam em plena floração, a frente dos canteiros de flores de Carol repletos de narcisos amarelos-canários e tulipas fúcsias. O rancho era tão verde como eu já tinha visto, os prados exuberantes e as árvores transbordando de flores.

Os bezerros dançavam em torno das pernas da mãe. Jovens corças saltavam pela grama. JR e Liddy tiveram um lote de pintinhos e uma ninhada de gatos novos.

E logo, eu orei, teríamos um menino saudável e feliz.

—Não saia daqui, — ordenou Easton. — Vou dar uma volta e ajudar.

Normalmente, isso faria com que ele revirasse os olhos. Mas esta noite, eu ouviria porque ele estava preocupado e eu sabia que ele se sentia impotente.

Quando ele abriu minha porta, eu balancei minhas pernas para o lado e peguei seu rosto em minhas mãos. — Eu amo você.

Ele se inclinou, deslizando os braços em volta de mim e colocando a cabeça no meu pescoço. — Eu também amo você.

Nós nos abraçamos até que a porta da frente se abriu e Cash gritou: —Vovô quer saber se vocês dois querem queijo em seus hambúrgueres.

—Estou grávida. Que tipo de pergunta idiota é essa?

Easton riu e se inclinou para gritar com Cash. —Sim, queijo.

— O dobro no meu!

Ele sorriu e me ajudou a descer, então me prendeu ao seu lado enquanto caminhávamos para a casa. No minuto em que cruzamos a soleira, fomos bombardeados com perguntas sobre minha gravidez. Carol me conduziu a uma cadeira na mesa da sala de jantar, Liddy me trouxe um copo de água gelada e Katherine sentou-se ao meu lado.

Easton deu um beijo na minha bochecha, então desapareceu do lado de fora para encontrar os caras que estavam pairando ao lado da churrasqueira, enquanto eu recapitulava minha consulta.

— Acho que isso significa que sua viagem foi cancelada, — disse Katherine.

—Sim. — Suspirei. — Ligarei para Londyn mais tarde e contarei a ela.

—Ela não vai se importar.

—Eu sei. É simplesmente decepcionante. — Eu estava ansiosa pela viagem, não apenas para encontrar Karson, mas porque Easton iria comigo.

Quando, e se, eu decidisse ver minha mãe, não teria que enfrentá-la sozinho.

Dei de ombros. — Cedo ou tarde, nós iremos.

Seria depois que o bebê nascesse e depois do casamento que planejamos para junho próximo. Talvez essa viagem para a Califórnia pudesse fazer parte da nossa lua de mel.

Carol, Liddy e Katherine se dedicaram ao planejamento do casamento. Nós quatro nos encontrávamos todos os domingos para ler revistas de noivas e conversar sobre ideias. Elas estavam ansiosas para me tornar um Greer oficial, embora eu não precisasse do sobrenome para me sentir parte desta família. A cada dia que passava, essas raízes se aprofundavam.

Eu recebi um conjunto de cartas miseráveis na primeira parte da minha vida, mas agora estava recebendo ases consecutivos.

— Posso ajudar com o jantar? — Eu perguntei, praticamente implorando para não ter que sentar aqui enquanto as pessoas esperavam por mim.

Carol zombou. Liddy me deu um sorriso doce enquanto balançava a cabeça. Katherine escondeu a risada em uma taça de vinho.

— Restrições de atividades, — murmurei. — Isso é uma merda.

E se eu conhecesse Easton, ele estava lá fora agora conversando com seu avô, pai e irmão sobre como cortar minhas horas no centro de treinamento.

A expansão estava em pleno andamento na nova propriedade, com Cash assumindo a liderança. Tínhamos planejado fazer a viagem para a Califórnia em algumas semanas, porque seria antes que a equipe de construção entrasse nos estábulos do novo centro de treinamento.

Depois que a construção começou, eu não quis perder um minuto, especialmente depois de contribuir com um milhão de dólares para o projeto. Era o primeiro de três grandes investimentos que fiz nos últimos seis meses, embora com os outros dois eu realmente tenha ficado em silêncio.

Um deles era um abrigo para mulheres na Califórnia para mulheres que escaparam de seus pesadelos. O Dr. Brewer recomendou a organização para mim e eles ficaram emocionados em me receber a bordo. O outro era uma organização nacional infantil que se concentrava em servir crianças fugitivas. Fiquei feliz em dar a eles grandes somas de dinheiro e deixá-los correr com os dólares.

Benjamin ficou mais do que feliz em colocá-los sob sua proteção para que eu pudesse me concentrar nas atividades em Montana.

A expansão consumiria muito tempo para que todos pudéssemos decolar, especialmente para mim e Cash. Easton

achava que a expansão era parte dos meus níveis elevados de estresse. Ele não estava totalmente errado.

Se eles votassem para que eu posicionasse a recepção da pousada novamente, eu voltaria para a cabana.

Não muito depois do Natal, o tempo gasto no planejamento do centro de treinamento aumentou. Além das atividades já ocupadas do resort e do rancho, Easton e Cash lutaram para manter o contato com os e-mails, telefonemas e trabalho de escritório em geral.

Entrar em mim.

Eu adorava dar ordens e tomar decisões e, no final das contas, minha experiência empresarial veio a calhar, então fui promovida de investidora silencioso a diretora adjunta de operações. Cash e eu estávamos trabalhando juntos para abrir o centro de criação e treinamento. Estávamos nos divertindo, embora as horas tivessem sido exigentes.

Talvez muito exigente.

Mas era difícil desacelerar quando todos estavam tão animados. Quando eu estava animada. Isso era mais do que apenas meu novo emprego. Isso era mais do que lucrar. Tratava-se de construir um legado para meu filho.

—Prometa que não vai me fazer sentar na frente... — Antes que eu pudesse colocar Katherine do meu lado nesta guerra inevitável sobre o que era melhor para Gemma, a campainha tocou.

—Quem pode ser? — Carol se levantou da mesa, mas antes que ela pudesse dar um passo, Cash voou para dentro.

— Deixa comigo. Deixa comigo. Deixa comigo. — Ele acenou para todos nós voltarmos para nossos assentos e correu para a porta. Ele a abriu e uma voz feminina flutuou no ar.

Meu estômago caiu e me virei para Katherine, vendo todo o sangue escorrer de seu rosto enquanto Cash escoltava uma loira bonita para dentro de casa.

Segurando sua mão.

Não. Cash, seu idiota.

Os olhos de Katherine estavam grudados nas mãos unidas. Ela os estudou por um longo momento enquanto Carol e Liddy cumprimentavam a convidada, surpresos como estávamos com a adição.

—Vocês se lembram de Dany? — Cash perguntou, recebendo acenos.

—Ei, Kat. — Dany acenou.

—Ei. — Katherine forçou um sorriso, mas não atingiu seus olhos.

Eu me levantei, usando minha barriga crescendo para bloquear Katherine e dar a ela uma chance de se recuperar. — Ei, Dany. Eu sou Gemma. Prazer em conhecê-la.

— Prazer em conhecê-la também.

Eu soltei sua mão assim que Easton entrou carregando uma travessa de hambúrgueres.

Ele me salvou de uma conversa fiada e com todos reunidos ao redor da mesa, preparando seus hambúrgueres e mergulhando na

refeição, isso deu a Katherine tempo para fingir que isso não a estava matando.

Eu amava Cash. Nós nos conhecemos nos últimos seis meses e ele era realmente um bom homem, como seu irmão. Mas pelo amor de Deus, ele era estúpido quando se tratava de mulheres.

O que diabos o tinha possuído para trazer uma mulher esta noite? Quem era essa Dany? E quando eles começaram a namorar? Os dois sentaram-se lado a lado à mesa de jantar, sussurrando e se acariciando e nos irritando.

Eu cutuquei o cotovelo de Easton com o meu, em seguida, fiz uma pergunta silenciosa. *Ele sabia sobre isso?*

Ele balançou a cabeça, tão chocado quanto nós.

No minuto em que seu hambúrguer estava pronto, Katherine levou seu prato para a cozinha sem dizer uma palavra. Eu me levantei para seguir.

— Deixe seu prato, — disse Carol.

— É um prato vazio. — Eu a ignorei e encontrei Katherine na cozinha, enchendo sua taça de vinho. —Ei.

—Ei.

— Acho que foi uma surpresa.

Ela assentiu e bebeu um gole de vinho.

— Sinto muito.

—Tudo bem.

—Mentirosa.

Katherine baixou a cabeça. —Eu sou tão estúpida. Quer dizer, eu sabia que isso iria acontecer cedo ou tarde. Eu apenas esperava...

Que Cash a amaria, como ela o amava.

—Eu não posso continuar fazendo isso, — ela sussurrou. — Esperando. Eu preciso, eu não sei o que eu preciso.

—Umas férias. — Uma ideia surgiu.

Acontecia comigo de vez em quando, onde algo me atingia com tanta força que eu sabia imediatamente que seria brilhante. Como na vez em que investi o lucro de um ano inteiro na Gemma Lane no desenvolvimento de uma linha de cuidados para a pele ecológica e orgânica. O resultado foi dez vezes maior em treze meses.

— Não tenho tempo para férias, — disse ela.

— Você precisa arranjar tempo. Saia daqui. Fique longe dele. Carol, Liddy e JR cuidarão de você. Deixe seu coração curar um pouco.

Seus olhos rastrearam a sala de jantar onde Dany disse algo que fez Cash cair na gargalhada. —Para onde eu iria?

— Dirija o Cadillac até a Califórnia.

— Não, ela disse instantaneamente. —Eu nunca vou voltar lá.

Eu não a culpava por isso. — Então que tal, hum... — Eu estalei meus dedos. — Oregon.

— O que tem em Oregon? —Ela perguntou.

—Não o quê, mas quem. — Eu sorri. —Ária.

—Hã?

— Leve o carro para Aria. É apropriado, você não acha? Peguei o Cadillac de Londyn. Você pode tirar isso de mim. E se você não quiser ir para a Califórnia, aposto que Aria faria. Dê o carro a ela.

—Como você sabe? Você conversou com ela?

—Bem não. Mas, no pior dos casos, se ela não quiser, você volta para casa com o carro. Então, quando o bebê tiver idade suficiente, Easton e eu vamos dirigir e encontrar Karson.

—Como você sabe que Aria ainda está em Oregon?

— Bem, eu não sei. Mas não seria difícil descobrir. — Uma ligação para meu investigador particular e saberemos antes do café da manhã.

— E quanto a Londyn?

— Você disse isso antes. Ela não vai se importar.

Katherine tomou um gole de vinho, pensando no assunto. Em seguida, seus olhos foram para a sala de jantar mais uma vez, bem a tempo de ver Cash dar um beijo na testa de Dany. —Ok. Eu irei. Dê-me um dia para colocar as coisas em ordem.

Oh, meu Deus, funcionou. Achei que seria mais convincente. — Ótimo! Teremos o carro pronto para partir.

Ela acenou com a cabeça e colocou o vinho de lado, então ela saiu da cozinha, não se dirigindo ao grupo, mas direto para a porta. Ela parou com a mão na maçaneta e olhou para trás. —Obrigada.

De nada.

Eu fiquei parada, observando enquanto ela saía.

—Droga. — Easton suspirou, aparecendo ao meu lado. —Ela está chateada.

—Sim.

Ele colocou o braço em volta dos meus ombros, puxando-me para perto. — Como você está?

—Saturada. Cansada. — Eu me inclinei para ele. —Pronto para ir para casa.

—Ok. — Ele ficou me segurando enquanto chamava para a sala de jantar: —Estamos indo embora. Kat está indo para casa também.

Após uma rodada de despedidas e um recipiente de plástico com biscoitos de chocolate, voltamos para casa com as janelas abertas, saboreando o ar perfumado da primavera.

—Katherine vai dirigir o Cadillac para Oregon, — disse a ele.

—Sozinha? Quando?

—Bem... — Respirei fundo e contei meu plano.

Meu plano completo.

O que eu disse a Katherine foi apenas uma parte do meu grande plano.

—Tem certeza de que é uma boa ideia? — Ele perguntou quando entramos em nossa casa e ele jogou as chaves na ilha da cozinha.

—Positivo. Isso vai funcionar.

— Pelo bem de Katherine e de Cash, espero que você esteja certa.

—Eu também. — Eu esfreguei minha barriga, sentindo o bebê chutar. — Ooh. Venha aqui.

Easton se aproximou e eu peguei sua mão, posicionando sua palma ao meu lado. Nós paramos, esperando, então outro chute foi acertado no lugar certo.

—Você sentiu isso?

Seus olhos suavizaram, sua palma nunca se moveu enquanto seu braço livre me envolveu e ele baixou o rosto na minha cabeça. —Vai ficar tudo bem.

—Sim. Vai ficar tudo bem. — Eu afundei em seu lado.

Eu trabalharia na enfadonha recepção e deixaria Cash cuidar da expansão. Eu pararia de passar tarde da noite em nosso escritório em casa. Eu começaria a ler, fazer crochê ou ioga pré-natal. E se necessário, eu começaria a medicação.

Porque esse bebê valia a pena todos os sacrifícios do mundo.

— Vai ficar mais do que bem.

Dois meses e meio depois, nosso filho nasceu. Jake Easton Greer juntou-se ao mundo com saúde perfeita com um tapete de meu cabelo castanho e os olhos escuros de seu pai.

E aquela vida real que eu estava procurando. . .

Estava em Montana o tempo todo.

Esperando-me voltar para casa.